ANNO XXIV — N.º 29
Rio, 19 de Julho de 1930
PREÇO: 1$000

A machina humana

Toda gente sabida e prudente deve, periodicamente, proceder ao expurgo do organismo, submettendo-o a um certo regimen de desintoxicação. As pessôas que não podem sujeitar-se a tal limpeza periodica, obterão optimos resultados, sobretudo no verão, tomando alguns comprimidos Bayer de Helmitol durante o dia.

O Helmitol faz uma verdadeira lavagem, circulante, do organismo.

HELMITOL

Inflammação da garganta

Ha muita gente sujeita a constantes inflammações da garganta. Para evitar essas reincidencias são aconselhados os gargarejos com soluções antisepticas não irritantes. Nenhuma dellas apresenta maiores vantagens ás soluções feitas com os glóbulos de Ortizon Bayer. Este preparado representa, pois, uma util conquista para a desinfecção da bocca e dos dentes.

Após bochechar com a solução feita com os referidos glóbulos, tem-se agradavel sensação de limpeza perfeita e de halito perfumado.

O sol nas praias

Dizem os medicos que as crianças aproveitam muito mais os saes de calcio dos alimentos, como dos medicamentos que os contêm, quando tomam banhos de luz natural ou artificial. Entre nós estão se tornando cada vez mais usados esses banhos, para tratamento das crianças fracas. Infelizmente, do uso passou-se ao abuso, havendo mães que deixam os filhos se torrarem nas praias, como se isso fosse saudavel. Os banhos de sol devem ser dados criteriosamente, sobretudo ás crianças, afim de evitar sérios perigos aos rins. Como medicação tonica aconselham os medicos de todo o mundo os tabletes Bayer de Candiolina ao chocolate.

CONTO BRASILEIRO

O "TUCHAUA"

DE EUGENIO RIO

O velho "tucháua" estava deitado na sua rêde, quando um indio entrou na malóca, dizendo:

— Homens brancos, ca- [illegible]

Já meio tropego pelos annos e pelas continuas escaramuças que tinha tido com os indios inimigos, o "tuchaua" pulou da rêde, e inquiriu:

— Onde?

— Aqui, na praia.

— Nossa gente onde está?

— Todos estão armados, defendendo a passagem para a malóca.

— Está bem.

Pensativo, o velho "tucháua" olhou o chão. Elle ouvira contar, quando pequeno, que os homens brancos haviam chegado até alli. Fôra no tempo de seu pae, o velho "tucháua".

Os brancos, homens falsos que escondiam o corpo sob tecidos, traziam comsigo o trovão de Tupan e, com o auxilio delle, matavam os indios, roubavam os meninos e as mulheres e levavam escravizados os prisioneiros.

Não precisavam do tacape nem da flecha para matar e não necessitavam de chegar junto aos indios para derribal-os. De longe, fulminavam, por meio do trovão.

Arabopô, o "tucháua", sentiu a enormidade da desgraça que lhe chegava, mas, embora sentindo-se impotente para enfrentar o inimigo poderoso, tomou do arco e das flechas e caminhou para o lado do rio.

Lá chegado, viu encostadas á margem oito ubás e, pela areia da praia, muitos homens que exploravam as immediações.

— Não atirem nelles, recommendou. — Elles são mais fortes do que nós. Si nos atacarem, ficaremos com o direito de nos defendermos.

Os brancos seguiam as pegadas frescas que as indias haviam deixado na areia fôfa, e muitos delles traziam nas mãos presentes de missangas, lenços de côres vivas, etc.

Arabopô deu ordem para que os indios voltassem á malóca e lá, elle, o "tucháua", esperou que os brancos chegassem.

E elles chegaram. Pararam na orla do vasto terreiro e estenderam para os indios as mãos cheias de presentes.

Não traziam armas, nem os seus gestos traduziam idéas de hostilidade.

Um delles poz as mãos á bocca e, servindo-se dellas como um porta-voz, gritou. O "tucháua" comprehendeu. "Amigo" era a palavra que o branco dizia, no idioma usado pela tribu que habitava na fóz do mesmo rio.

A uma ordem do "tucháua", os indios depuzeram no chão os arcos, flechas e tacapes, e Arabopô fez signal aos brancos para que se approximassem.

— Amigo! Amigo! — repetiu o branco.

O "tucháua", usando o mesmo dialecto, repetiu tambem: — Amigo!

Os homens jogaram ao chão os presentes que levavam e, depois, pegando collares, lenços, facões e canivetes, os offereciam aos indios e ao "tucháua".

Arabopô exultava; os homens eram de paz, traziam-lhes presentes, queriam a amizade delles.

Ordenou, então, que trouxessem beijús e chicha, e offereceu, comendo e bebendo elle mesmo, para infundir confiança.

Os brancos acceitaram e depois mostraram aos indios a utilidade dos canivetes e facões amollados, puzeram nos pescoços as missangas de variegadas côres e acabaram distribuindo todos os presentes, fazendo signaes de que trariam mais.

Tranquillizado, Arabopô consentiu em ir com mais oito indios á praia, onde entrou em contacto com os demais brancos.

Muitos dias passaram alli os homens brancos, que muito se interessavam pela vida da tribu, trocando com indios, facões, espelhos, caixas de phosphoros, pacótes de pregos e canivetes por arcos, flexas, rêdes, adornos, instrumentos de musica, pótes, etc.

Durante o dia, os brancos mettiam-se pela floresta e voltavam depois carregados de hervas, pedaços de madeira, pedras, conchas, animaes e uma enormidade de coisas que depois, cuidadosamente, guardavam nas grandes ubás.

Um delles passava os dias na malóca perguntando o nome dos objectos aos indios e tomando nota em um caderno.

Em honra dos amigos brancos o "tucháua" mandou que fossem realizadas festas e, para que tudo corresse bem, Arabopô mandou que os indios pescassem e caçassem, preparando assim uma especie de banquete.

As festas correram muito bem e os indios, cansados pelas danças e saturados de chicha, acabavam dormindo.

Os homens brancos, porém, não paravam; procuravam vêr tudo e tudo queriam.

As panellas de barro, os pentes de espinhas de peixe, os collares de dentes de macaco, os cocáres de pennas, as flautas de osso de onça e até os pesados machados de pedra, elles trocavam e pediam.

Arabopô estava admirado.

Esses homens trocavam um machado, que cortava com facilidade o tronco de uma aroeira, por um outro com o qual isso seria uma façanha incapaz de ser levada a cabo.

Esses homens traziam o fogo dentro de caixinhas, matavam um gavião no ar sem que se visse a flecha que sahia da sua arma e as suas ubás corriam sozinhas pelo rio, sem auxilio de remos!

Já agora, os homens de Arabopô podiam roçar o matto, lavrar o chão, trabalhar a madeira, quebrar as pedras e fazer o fogo sem a canceira formidavel que tinham até então. Decididamente, os amigos brancos não eram da mesma tribu daquelles de quem o "tucháua" ouvira a historia.

E foi assim que Arabopô chegou a duvidar da sinceridade de seu pae. Seu pae, com certeza, jamais tivéra contacto com os brancos; soubéra, por acaso, mal contada por indios de outras tribus, essa lenda do branco assassino, ladrão e máu.

O que nem todos sabem

Os indios do Perú celebravam, até ha pouco, o *dia dos mortos*. Collocavam, sobre os tumulos, recipientes contendo alimentos e bebidas escolhidas, como carne assada, de ovelha e de lama, chicha, etc. Na egreja se agrupava, para cada morto, certo numero desses recipientes, e todo aquelle que recitasse alguma prece em favor do defunto adquiria o direito de comer esses manjares sagrados.

•

A fabricação de velas data dos primeiros tempos da Era Christã.

•

Não ha nada melhor para conservar a dentadura forte e brilhante do que enxaguar-se a bocca, de noite e pela manhã, com uma solução antiseptica e não irritante. Tres ou quatro gottas de tintura de iodo em um copo de agua quente servem muito bem para esse fim.

•

Os chinezes não se cansam nem se fatigam muito em suas rezas. Substituem as orações rituaes pelo pequeno trabalho de tocar umas campainhas cheias, por dentro e por fóra, de longas inscripções, que são preces dirigidas ás suas divindades.

•

Um testamento antigo, escripto sobre pergaminho, esteve durante muitos annos no fundo do mar. Uma vez recuperado, se viu que o pergaminho, em consequencia da longa immersão, encolhera em uma decima parte de seu tamanho natural. Apesar disso, o testamento poude ser lido perfeitamente.

•

Os pescadores de perolas de C... lão descobriram uma nova ap... cação dos raios X. Com seu au... lio podem ver si as ostras co... ou não perolas.

•

As luvas, usadas a principio co... mo simples abrigos, passaram a... na Idade Media, artigos de re... do e luxuoso gosto. Era tão e... rada a confecção das luvas que tentavam os elegantes da é... que, para serem perfeitas, o... devia ser curtido na Hespa... cortado na França e cosido na... glaterra.

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer p... o desenvolvimento da cultura brasileira.

Alli estavam elles, os brancos; haviam trazido a prova de sua amizade, não tinham feito mal a ninguem e sómente o beneficio deixariam feito na malóca.

Uma bella manhã, as ubás partiram rio acima; os indios, nas margens, respondiam aos signaes de adeus que partiam das canôas, e Arabopô, francamente commovido, viu desapparecerem na volta do rio, uma a uma, as embarcações que levavam para muito longe os amigos brancos.

O "tucháua" voltou á sua malóca.

A' tarde, o "pagé" trazia á presença do "tucháua", quatro Indias.

— Estas mulheres — disse — confessaram que os homens brancos haviam promettido leval-as para a terra delles e lá formarem familia. Elles partiram e agora nenhum Indio quererá

O "TUCHÁUA"

(Conclusão)

nenhuma dellas para sua mulher.

O "tucháua" ergueu-se e olhou admirado para as Indias.

— Por que fizestes isso?

Uma dellas apontou no braço um collar de contas de vidro.

O "tucháua" olhou, fixou uma outra, viu que cada uma dellas ostentava um mimo, um presente.

— Leve-as — disse.

E, baixando a cabeça, o "tucháua" começou a pensar.

Sim; os brancos não tinham morto ninguem, mas haviam roubado!

Aquellas quatro "cunhantãs" que esperavam a primavera para serem escolhidas como companheiras de quatro guerreiros da tribu, já agora não mais teriam um companheiro.

E elle, Arabopô, "tucháua" e filho de "tucháua", deixára se illudir e duvidára daquillo que ouvira da bocca do guerreiro Maloriry, seu pae!

Agora, seria preciso que elle subisse a serra de Malaétipú, fosse á furna dentro da qual repousavam as carcassas dos quatro "tucháuas" e lá, deante da igaçaba onde dormia Maloriry, dizer que acreditava na falsidade dos homens brancos.

Tremulo, apoiado a um bordão, Arabopô subiu penosamente a encosta da montanha. Offegante, chegou á bocca da gruta que era, havia muitos annos, e... theon dos "tucháuas"... sua tribu.

A tarde cahia. As... bras já haviam inva... a furna, cuja entrada... treita parecia uma... la negra.

O "tucháua" ac... um archote que trazia... penetrou na gruta.

O seu olhar rebu... os cantos da gruta,... o fogo do archote... melhava...

Pelo chão, Arabopô... pontas de cigarros,... ços de papel, pedaço... corda, palitos de... phoros...

As quatro igaçabas... contendo as mumias... "tucháuas" haviam... apparecido!...

Sahindo do pantheon... violado, Arabopô olhou... céo, que já se cobria... estrellas e, estendendo... punho cerrado para... bandas para que hav... ido os brancos, gritou...

— Ladrões! —

O futuro de sua Cutis

SI pudesse, olhando atravez de uma esphera de christal, ver reflectido seu proprio rosto tal qual elle haverá de ser dentro de cinco, dez ou vinte annos, o que é que veria?

Um rosto quasi irreconhecivel, aspero e enrugado, pallido, caricatura do que fôra em sua juventude?

Ou, melhor, reflectiria o espelho do futuro um rosto de tez mais clara, mais suave, mais revigorado, talvez, que a que possue actualmente, quer dizer, o rosto de uma mulher dotada de uma cutis esquisitamente louçã, cujo encanto é muito maior que o da belleza das faces?

Para que possa ver este ultimo reflexo é mister começar hoje mesmo a assegurar-se a belleza e a saude de sua tez.

De si depende o futuro de sua cutis. Todas as noites antes de deitar-se extenda sobre o seu rosto cêra pura mercolized que retirará ao levantar-se com um pouco de agua tepida. Faça disto uma obrigação diaria e verá como a esphera de christal, reveladora do futuro, terá para si os mais agradaveis reflexos.

A cêra pura mercolized será encontrada em qualquer boa pharmacia ou casa de artigos de toilette.

Cêra Pura Mercolized

(em inglez "Pure mercolized wax")

O SUICIDIO DE ELINO JOSPERTH

De ALFREDO MARIO FERREIRO

Foi mirando-se ao espelho daquelle armario recem-adquirido, para remoçar o quarto de solteiro, que Elino Josperth observou que o seu corpo havia crescido, muito mais do lado direito do que do esquerdo.

Tinha o aspecto de uma réclame de um especifico para crescer que via quatro vezes por dia — na ida, na volta, na outra ida e na outra volta — no mostruario da pharmacia da esquina.

A sua surpreza, como dizem os novellistas, não teve limites.

Partido ao meio, em linha recta, elle estaria mais alto sete centimetros do lado direito do que do esquerdo.

Aquillo lhe produziu, no primeiro instante de contemplação ao espelho, um riso inextancavel.

Ria-se a mais não poder, até que começou aquella dorzinha no figado que substitue a gargalhada que não se pode dar.

Mas de repente permaneceu sério e grave como um réo, um criminoso.

Com razão era que o chapéo pendia para um lado. E um turbilhão de explicações se lhe apresentou de chofre, como uma roda de creanças em férias.

Havia tambem um grande motivo para que os amigos caminhassem sempre á sua esquerda! Claro está! Por aquelle lado devia ser muito mais accessivel, mais ao alcance da voz alheia, sete centimetros menos para os gritos nesta epoca em que o ruido da rua mastiga — distraido — as palavras dos pedestres. (Quando não mastiga os transeuntes, por sua vez...) Por aquelle lado devia ser mais commodo, como a entrada em certos vehiculos.

E, rapidamente, pensou na posição do seu estomago! Como não devia estar elle inclinado para a esquerda. E descreveu a q u e l l a theoria dos planos inclinados que na escola o fez adjucar um cinco, por tel-a explicado bem.

Os alimentos cairiam ali como chuva em telhado de zinco. E os intestinos? Com razão elles padeceriam aquelles encontrões do estomago. Pobres visceras! Supportavam aquelle martyrio todo! Como se comportariam ellas para distribuir aquella furiosa carga recebida?

Que nitidez na explicação daquelles phenomenos physiologicos!

Elino voltou novamente ao espelho. Pareceu-lhe — o que é a suggestão — que havia crescido mais do lado direito.

— Estou perdido! — gemia como nas novellas, onde o personagem não encontra solução decente para o novellista.

— Estou perdido! — clamava em mangas de camisa, ao abotoar o collete. — Deve ter sido á noite que apanhei esse estirão, explicava a si mesmo.

E não atinava mais com coisa alguma.

Foi assaltado por uma desesperação repentina. Plantou-se deante do espelho e pegava com a mão aberta o que lhe sobrava do craneo. Primeiro, suavemente; depois com aquella furia do automobilista que pega a roda que não quer sair do logar.

— Nada! Estou perdido! — tornou a exclamar, com a exaltação daquelle Dorotheu, personagem da novella lida recentemente por elle.

E como havia de sair para o emprego? Mas ninguem lhe havia dito nada sobre aquillo, tão espantoso e ridiculo? Como estariam rindo á sua custa? Todos os empregados do seu escriptorio se ririam a mais não poder da sua desgraça. E a lourita tambem se riria delle, certamente. Era certo que Fernando lhe havia dito: "Faça o senhor como si nada tivesse descoberto". Desgraç... infelizes!

Por que crescia mais de um l... de que do outro? E isso não p... continuar mais! Aquella d... estomago, a sua côr...

Sim, o estomago devia estar ... clinado como uma escada...

O melhor seria procurar ... medico, a toda pressa. Era o ... acertado. Mas o medico seria ... mo todos os medicos! Um c... Um caso, queridos collegas! ... iria elle, Elino Josperth, a ... de animal raro por todas as ... nicas do mundo. E já se via ... traz do panno do circo, quando ... emprezario o amarrasse, para ... pre, ao galé terrestre de uma ... hibição "ad eternum".

Sentado á borda da cama, ... teu a mão debaixo da almofada, ... extraiu a pistola F N e — ... — cortou o fio da vida com ... balaço.

* * *

Quando a policia, precedida ... la senhoria rechonchuda, ... no quarto de Elino, o cadaver ... tava estirado sobre o tapete ... ao leito, um pouco encolhido. ... pistola havia caido perto.

O commissario entrou de ... te com o juiz de instrucção ... no corpo.

— Suicidio! — disse o me... legista.

A dona da pensão não ... ainda do seu assombro. Era ... desperdiçadora de palavras.

— Excellente rapaz! Bonissimo! ... Sempre me pagou antes do fim ... mez. Era empregado em uma ... muito seria... Nem noiva tinha. ... Um excellente rapaz!

Interrogatorios. Ninguem ... cava a causa do suicidio. Ao ... minar o inquerito, o auxiliar ... policia disse ao sargento que ... rolava um cigarro, á porta ... casa.

— Olha como está posto ... espelho. Parece que sou mais ... de um lado do que do outro. ... dia os carpinteiros se aperfeiçoam ... mais...

completa a hygiene da bocca, pois, além de evitar a carie dos dentes, desinfecta e refresca a bocca, endurece as gengivas, combate o máo halito e evita as pedras!

COM uma bulha suave, a grande nau *O Taurus*, avançava na planicie liquida, o Atlantico, extraordinariamente calmo. Iam ficando para traz as luzes do Rio de Janeiro, perdendo-se, pouco a pouco, na noite quente, e as enormes e claras constellações tropicaes dominavam o céo.

O porão, que na vinda contivera emigrantes slavos e polacos, estava agora cheio, atulhado de fructas brasileiras de toda a especie: ananazes monstruosos, grandes laranjas, bananas, melões... Este amontoado de fructos exhalava um odor selvagem e assucarado, que augmentava á proporção que o navio se afastava da terra.

O jantar estava a terminar. Os "stewards" desviavam as mesinhas para o convez; a orchestra começava a tocar e, pouco depois, elegantes "toilettes" e "smokings" giravam no vortice da dança.

O grande cirurgião Dauvriére tornava do Congresso do Rio de Janeiro, onde fôra representar o seu paiz. O sabio Loureau regressava á Europa, depois de dois annos de estudos nas regiões ainda desconhecidas da alta Amazonia. O insigne naturalista contava, de boa vontade, historias terriveis sobre estranhos reptis e plantas maravilhosas da mysteriosa região. Mas, entretanto, ouvia com prazer a orchestra desfiar "fox-trots", e seguia com a vista os pares elegantes que a lua illuminava.

Entre duas contradanças, um dos musicistas cantou "Santa Lucia", a bella romanza napolitana. A Europa parecia adeantar-se, assim, ao encontro da nau.

... As pessoas que têm affrontado alguma grande catastrophe inesperada lembram-se sempre das minimas e particulares circumstancias felizes que a precederam.

O horror começou pouco depois da meia noite, entre as ultimas danças, "flirts" e cantos.

Na pôpa, formavam um pequeno grupo o doutor Dauvriére, o campeão de golf Brunelli, Mrs. Osgood, a viuva do Rei do Aço, com as suas duas bellissimas filhas, Bettie e Phyllis.

Loureau começava a narrar uma das suas fantasticas historias.

Neste momento, um "steward" aproximou-se do doutor Dauvriére e disse-lhe:

— Senhor doutor, o commandante manda pedir que venha immediatamente.

— Pois não!... — respondeu o cirurgião, bastante surpreso. Adeantou-se logo e, depois de alguns passos, interrogou o "steward", pallido e tremulo:

— Que aconteceu?

— O primeiro mecanico foi apunhalado, senhor... A garganta dilacerada... E' horrivel de ver-se... Não se sabe quem foi... Levámol-o para a enfermaria. O nosso medico fez tudo quanto pôde...

Sobre um pequeno leito jazia um homem de cabellos grisalhos, com o rosto côr de céra; os olhos estavam já vitreos, mas dilatados ainda, numa expressão de espanto atroz. Em torno delle encontravam-se o commandante, o immediato e o medico, falando em voz baixa.

O doutor Dauvriére nada mais pôde fazer do que constatar a morte. A hemorrhagia fôra fulminante. O cirurgião enxugou as listas ensanguentadas que envolviam o pescoço do morto.

Depois de alguns segundos de minucioso exame, observou:

— Não é um ferimento só: são dois. Não extremamente profundos... E' curioso: são em espiral... Dir-se-ia terem sido produzidos com um escariador.

— O pobre homem subia da ca-
mara das machinas — explicou o commandante. — Ouvimos um grito suffocado; accorremos; debatia-se estertorando, coberto de sangue.

E acrescentou logo depois:

— Segundo o uso, faremos um inquerito... Nunca aconteceu cousa semelhante em nenhum dos nossos navios. Bem entendido, os passageiros não devem ser postos ao corrente do facto...

O cabo mecanico assassinado era muito estimado pelos seus homens. Todos asseguravam que não tinha nenhum inimigo. O commandante, o immediato, de nome Tubry, o medico, não constataram a minima hesitação, a mais ligeira reticencia nas testemunhas da equipagem.

— Parece-me que não temos nem um indicio! — disse o senhor Tubry. — Ao primeiro grito da victima, accorremos de diversas partes. Não passaram dez segundos entre o grito e o soccorro. Não se viu nem o homem, nem a arma...

— Fiquei impressionado — falou o senhor Loureau — com a expressão de espanto horrivel que tinham os olhos do desgraçado!... Que coisa teria elle podido ver?...

O commandante disse então ao immediato:

— Senhor Tubry, peço-lhe o favor de fazer o resumo por escripto dos factos desta noite: nós o assignaremos amanhã de manhã.

— Sim, capitão. Boa noite, senhores — respondeu o immediato e desappareceu. Os outros se apressaram a seguil-o.

Mas, apenas chegavam ás suas cabines, quando um grito echoou, tão rouco, tão cheio de pavor, que elles ficaram por um momento pregados ao chão.

Ouviram uma especie de tosse nasal e um ruido esquisito... Accorreram.

Tubry, o immediato, que os deixara havia um instante, estava estendido por terra. Debatia-se contra uma visão atroz. Descobrira-se, ao clarão da lua, uma mancha vermelha a fazer-se cada vez mais larga, em torno do pescoço.

A carotida e o jugular tinham sido cortados de um só golpe; o ferimento parecia ainda feito com um escalpello. A morte sobreveiu antes que o senhor Tubry pudesse dizer uma unica palavra. Debalde Dauvrière experimentou fazer-lhe uma ligadura arterial. Alguns passageiros, despertados com o grito espantoso, tinham accorrido. Gesticulavam, davam opiniões incoherentes. Senhoras desmaiaram. Brunelli afastou Phyllis e Bettie Osgood, presas de crises nervosas.

Mas, desta vez, um despenseiro, de nome Stephan, viu... O senhor Tubry cumprimentara-o ao passar. Stephan, depois de ter-lhe correspondido ao cumprimento, seguiu-o machinalmente com o olhar, e pareceu-lhe ver uma especie de projectil escuro tombar sobre o immediato, que se poz, immediatamente, a dar uns urros terriveis... Discutiu-se, febrilmente, a noite inteira, em voz baixa. Mas o mysterio perdurava, espantoso, atroz.

* * *

No dia seguinte, pela manhã, o tempo e o mar rivalizavam em belleza. Mas uma atmosphera de angustia reinava sobre todo o navio. Quando ha um punhado de homens isolados entre o céo e a agua, o medo, sobretudo deante do perigo desconhecido, desenvolve-se logo. Brunelli dizia ás duas irmãs Osgood, que não tinham, não obstante, perdido o sorriso habitual:

— O delinquente é, sem duvida, algum maniaco da equipagem. Ninguem é mais perigoso e mais dextro do que um louco...

Loureau tambem era optimista. Segundo elle, nenhum outro delicto era provavel.

Mas todos se mantinham silenciosos, de rosto lugubre. E alguns, para afastar o terror, atordoavam-se a cada quarto de hora, methodicamente, com um "gin-cock-tail".

Por causa da temperatura altissima e da depressão moral que reinava a bordo, procedeu-se immediatamente ao lançamento ao mar dos dois desgraçados. Por ordem do commandante, esta impressionante ceremonia foi feita á hora do almoço, quasi ás occultas. O commandante ordenou, pela necessidade de distrahir os hospedes, concerto e dança, não somente á noite, mas tambem á tarde, á hora do chá. Tal providencia produziu o seu effeito. Pouco a pouco, o optimismo pareceu renascer. A' noite, o convez era pequeno para conter os numerosos pares. Gracejou-se, com uma alegria um pouco forçada, sobre o mysterioso assassinato... Phyllis Osgood ergueu uma taça de champagne e bebeu "á saude do desconhecido que não lhe fazia medo!"

A' meia noite todos dormiam. O senhora Osgood e Bettie, como os demais. Mas Phyllis soffria ainda a exaltação da dança e das tres taças de champagne.

Não sentia somno e lia um romance no pequeno salão junto á cabine.

Sua mãe despertou pela madrugada. O leito de Phyllis estava vasio. Talvez lesse ainda, a bizarra mocinha! A mãe levantou-se. No pequenino salão, Phyllis, com a cabeça inclinada sobre o hombro, parecia dormir. Estava morta! Branca, com uma espantosa ferida na garganta... Um ferimento que parecia não ter sangrado muito. As portas estavam fechadas por dentro á chave. Uma unica vigia encontrava-se aberta, mas era tão pequena que não deixaria passar nem ao menos a cabeça de uma criança...

A bordo do "Taurus" começou então um periodo de verdadeiro terror. Depois de uma reunião geral dos passageiros e dos homens da equipagem, todo divertimento, todo "confort" foram banidos. Todo homem, qualquer que fosse a sua posição social e fortuna, foi inscripto para a patrulha que, incessantemente, de noite e de dia, percorreria o transatlantico. Nove novas lampadas foram nelle collocadas.

Na quarta noite, o mesmo grito, a mesma tosse nasal se fizeram ouvir. Um "steward", que trazia chá para um passageiro, tombara como os outros. Morreu sussurrando palavras incomprehensiveis.

A depressão augmentou, e, no dia seguinte, houve duas tentativas de suicidio.

No "smoking-room" o doutor Dauvrière, o senhor Loureau e Brunelli estavam assentados, aborrecidos, inertes, oppressos pelo calor. O "soda" não lhes matava a sêde.

— E se fossemos ao porão apanhar frutas? — propoz o naturalista.

Sahiram á procura do commandante para delle obter a devida permissão e pedir a chave da porta.

— Esta fruta está apodrecendo!... — disse Brunelli, entrando no porão e apanhando um dos ananazes.

— Deus!... que coisa é esta sobre o ananaz, que tens na mão, Brunelli?... Sangue!...

— Sim, sangue!... Que horror!... Sujou-me as mãos...

— Vamos sahir depressa — falou Loureau, autoritario. — Creio comprehender... Em todo caso, tentaremos a experiencia.

Dez minutos depois, os tres homens voltavam em companhia do commandante e com um pequeno "fox", que pertencera á pobre Phyllis.

Loureau prendeu o cão a um annel que pendia da parede, entre os ananazes. Em seguida, os quatro homens afastaram-se o mais

A NÁU TRAGICA

(Conclusão)

possivel do grande amontoado de frutas. O naturalista ordenou:

— Immobilidade e silencio absoluto! Affrontamos um perigo tremendo.

Cada um tinha o revolver em punho. A espectativa se prolongava, enervante... O cãosinho esticava a corda, espreguiçando-se. O doutor Dauvrière observava o naturalista, que não apartava os olhos do monte enorme de frutas.

— Que estará elle a ver? — pensou Dauvrière...

Olhou elle por sua vez. Lá atraz, os melões se moviam... Não... oh!... Moviam-se ainda. De repente, rolaram com um rumor surdo... Seguiu-se o arremesso de alguma coisa estranha; resoou aquella tosse nasal, sempre ouvida quando alguem tombava ferido de morte, e uma especie de capuz escuro cobriu o cão. Ouviu-se um tiro de revolver. Loureau tinha disparado a arma. Junto ao cadaver do "fox" jazia o corpo de um medonho animal, uma especie de morcego, do tamanho de um perú, com garras aduncas, a cabeça terminada num bico direito, afilado, cortante como uma navalha...

— Eis o criminoso! — gritou Loureau. E' um "vampyrus fer[illegible]", terrivel mammifero dos tempos antediluvianos! Só é encontrado na Alta Amazonia. E' o ter[illegible]ro que vejo. Certamente veiu aqui entre as frutas. E'-lhe [illegible] enrolar-se como uma bola, e tem assim o aspecto de uma coisa [illegible]mada... Toda a noite sahia [illegible] vigia e abatia-se sobre um ser [illegible]vente... Commandante, pode [illegible]sar os passageiros de que pod[illegible] dora em deante, circular livre[illegible]te; todo o perigo está passado.

EXEMPLO A SEGUIR

(Esta pagina, por ser verdadeira, eu a dedico a certos meninos grandes e pequenos, do meu conhecimento, que olham os paes como estranhos)...

QUANDO Zé Amazonas — Amazonas de appellido — em companhia dos paes e irmãos, deixou a Parahyba, rumo de Alagôas, era bem menino ainda. Esta mudança da terra natal fôra motivada pela remoção, a pedido, do pae de Zé, antigo funccionario dos Correios, que, assim procedendo, pensou melhorar de sorte, *baseado* no rifão popular de "que ninguem é propheta em sua terra"...

Em Maceió, indo morar lá para as bandas do Pharol, poucos dias depois foi facil a Amazonas arranjar novos amiguinhos com os quaes, como fazia com os da Parahyba, impinava a sua "coruja", soltava o seu pião e jogava na calçada de casa as suas castanhas de cajús, coisas queridas que elle trouxéra do berço distante e sempre lembrado.

A familia de Zé, gente da minha dupla estima e sincera affeição, toda ella parahybana, não muito grande, compunha-se de 5 pessôas — os "velhos", uma menina e dous meninos. A menina, um mimo de graça, passava os dias fazendo promessas para que se realizasse o regresso do pae ao seu antigo logar, como lhe prometteram quando lhe supplicaram o voto para certo politicão alagôano...

A mãe de Amazonas, senhora de alguma cultura, sabendo o quanto são insinceras as promessas dos nossos politiqueiros, poz de lado o tão almejado regresso, e, como fizéra com a filha, tratou de metter nas mãos do seu caçula uma carta de A. B. C. Em pouco tempo, o menino se revelava uma esperança, isto é, um dedicado aos estudos.

A menina, demonstrando vocação para a pintura, tendo tomado professor, já apresenta hoje, bellos trabalhos, que fazem o orgulho dos paes e do mestre e causam admiração aos entendidos e curiosos.

O irmão mais velho, tendo entrado para o Correio, nas horas vagas fazia-se "jornalista" com outros rapazes da sua idade, com os quaes fundára um jornalzinho que era impresso na typographia existente num collegio de padres. Esse "jornal" teve vida ephemera, por ter a progenitora do novel "jornalista" publicado um artigo favoravel ao divorcio. Os padres, tendo conhecimento da heresia sahida dos seus prelos, não mais consentiram na publicação do "grande orgão" e *mataram* de uma vez a vocação jornalistica do joven serventuario postal da terra do sururú de capote...

O anno passado, com muitos sacrificios, o pae de Amazonas levou-o, bem como a irmã, a reverem a gleba "pequenina e bôa", onde eu tambem me achava, agora já outra, muito outra mesmo, graças ás remodelações por que têm passado devido á operosidade e bom gosto do seu grande presidente.

Quando Amazonas se sentiu na terra dos seus sonhos, abraçado pelos parentes e os antigos companheiros, em vez de exultar, teve esta sublime exclamação: — "Papae, eu prefiro viver cheio de saudades da Parahyba lá em Maceió, ao lado de mamãe, a estar aqui sem ella!"

Poucos dias depois, o pae de Zé, deixando a filha com as tias, regressava com o filho amoroso ao ninho dos Marechaes, onde ficára a venturosa mãe de tão bom menino.

JÁDER DE CARVALHO

SANCHA (S. Paulo) — A sua carta é uma verdadeira *chanchada*... como se diz em theatro.

Li todas as descomposturas que me escreveu. Está muito bem.

As respostas que lhe devo são as seguintes: 1º — E' magnifica a idéa da tal liga, denominada Exercito de Salvação contra a Burrice Feminina, e que v. ex. vae fundar em S. Paulo. O titulo é pouco delicado. Nunca se de pensar em coisas tão violentas contra as filhas de Eva.

2º — Acho que v. ex. não pode ser a presidente da tal liga, uma vez que comprometteria a sua idoneidade com a sua má syntaxe. Pois si v. ex. escreve: "Mandou dizer á *todas que á elle se recorriam* que morressem" etc.... Por ahi se vê que v. ex. não sabe distinguir uma preposição simples de uma preposição combinada com o artigo (á). Tambem não sabe o que é verbo transitivo seguido de preposição. Dahi fazer de um verbo transitivo, um verbo reflexivo. V. ex. é uma joven de poucas letras... Intelligencia illuminada a oleo de lamparina...

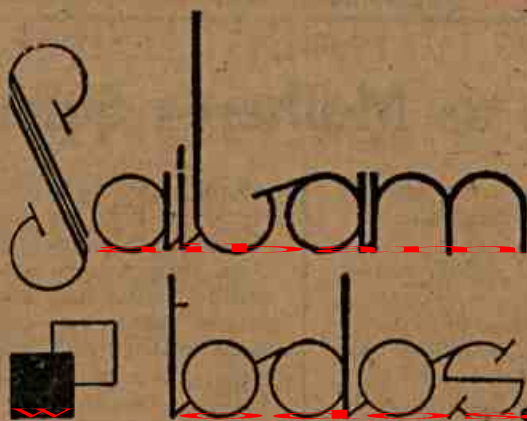
3º — Como me pede o meu auxilio, declaro que só lhe posso ser util arranjando-lhe um professor de portuguez. Pois, escrevendo mal como escreve, v. ex. só pode ser a zeladora da tal liga contra a burrice feminina...

4º — Sou capaz de jurar como v. ex. não é do sexo de Eva, mas dos barbados. Dahi a sua linguagem aggressiva. Uma paulista chic não seria capaz de escrever uma carta como a sua.

Gostou?

MARIA LINA (Capital) — A sua letra indica um temperamento accommodativo, dado ao repouso e á contemplação. A sua vontade é fraca e, si não modificar o seu genio, não ha de vencer na vida. A sua tendencia é para obedecer e ser dirigida por outrem, pois não tem iniciativa. Suave, mansa, cordata, sabe ser gentil, amavel e delicada, pois é pacata e não possue espirito de combatividade. A suas idéas são claras. As suas acções se orientam por uma linha de conducta muito recta. Mas será facilmente transviada desse caminho, porque não tem vontade propria, nem independencia de caracter.

Não tem faculdade de evolução. E' conservadora, amiga da rotina e, sob o ponto de vista artistico, v. ex. nunca sairá das medianias. Não chega a ser mediocre, mas não attingirá as grandes altitudes.

O seu humor é egual. V. ex. propende para a vulgaridade e possue appetites materiaes, notadamente os da mesa. Fria, desencorajada, não é a creatura ideal para o amor. Não é ciumenta. Não vibra. A sua saude não é bôa, embora não esteja compromettida por nenhuma doença grave. E' apenas uma creatura enfermiça. E' inclinada á alegria do espirito — mas discretamente. Cultiva o deboche, a chalaça que pesa. A *verve* espiritual, a *blague* fina, gauleza, são coisas que v. ex. não conhece. E' prodiga. Não pelo vale que me enviou. Mas porque é de mãos abertas. Isso está confirmado neste detalhe graphologico: margem larga, á direita da escripta e letra egualmente espaçada. Outro detalhe: V. ex. é preguiçosa.

MARIETTA (S. Paulo) — V. ex. encontrará "O Suave enlevo" ahi na filial da Livraria Alves e aqui na matriz, á rua do Ouvidor, 166. "Uma garçonne carioca" é o romance que estou escrevendo. Ainda não appareceu. Naturalmente, será posto á venda nessa mesma livraria.

Quanto aos livros de Albert Londres, a meu vêr, o mais interessante é "Le Chemin de Buenos Aires". O mais forte é "Au Bagne".

"Il esperimento de Pott" de Pitigrilli só me serve em italiano. Agradeço-lhe a remessa do exemplar, que me promette... para quando elle chegar em S. Paulo.

São tantos os leitores que me fazem egual promessa. Mas com promessa não se lê...

LAURITA (Capital) — Decepção! Eis a primeira palavra que me sáe dos labios, ao abrir a sua carta, cuja letra me revela o seu mau gosto e pronunciado appetite para as coisas materiaes.

Digo decepção, porque acabo de ler uma linda missiva perfumada, traçada pelas mãos rosadas de uma creatura ideal. A minha imaginação, ainda sob o extase de uma contemplatividade doce, vê a imagem linda, heraldica, da sua autora se esfumar como num sonho que se apaga. Em torno, eu sinto que perfumes e esplendores, como aquelles que Maeterlinck nos pinta em *L'Oiseau bleu*. Tudo é paradisiaco. Ha em tudo o deslumbramento das coisas bellas e inaccessiveis como os do céo e os da felicidade.

Estou eu, pois, com essa impressão de encantamento, quando o meu espirito é assaltado por uma idéa negativa da belleza, vulgar e apagada.

E' que, á medida que a imagem linda se desfaz, uma outra, feita de ridiculo e caricatura, se desenha á minha imaginação.

Vejo uma creatura gorducha, baixinha, estrabica; olhando por traz dos oculos fuzilantes, de aros de metal, um forte buço a sombrear o labio superior, as mangas arregaçadas, a desafiar os transeuntes incautos que passam. Essa figura caricata é a da senhora Laurita. E' a suggestão que me vem da sua missiva.

A isso se junte a idéa material de vel-a comendo muito, e enfiada num vestido mal enjambrado, cheio de laçarotes, o chapéo de uma cor, o trajo de outra e os sapatos de uma outra differente dos primeiros.

Pelo que a sua letra me revela, vejo ainda uma creatura de mau figado, sempre disposta a descompor tudo. E' um cerebro fechado a todos os sentimentos de belleza e não pode comprehender o divino prazer que a arte dá aos espiritos illuminados.

Essa a impressão que a sua carta me transmitte. Quanto á descripção do typo de homem que desejou, tambem não lh'a posso dar. E' coisa que varia com a mentalidade das leitoras.

Para umas, eu devo ser um intellectual, um homem que vive de sua penna, com uma funcção de destaque numa revista mundana; para outras, eu devo ser apenas um respondedor banal de cartas ainda mais banaes...

LISETTE (Minas) — Hermes Daltro é o poeta das mulheres, pela sua arte fina e galante. E' autor da *Legenda interior*, livro de successo, e agora nos promette *Flor de asphalto*, para breve.

Quanto ao mais, posso informar que elle é bacharel em direito, vive em nossas rodas elegantes. Escreve em varios jornaes e revistas.

O seu novo poema deve apparecer por todo o proximo mez vindouro.

PILULAS DE WITT

Para os Rins e a Bexiga

RECOMMENDADAS pelos bons medicos contra as Desordens nos Rins, Dores nas Costas, Rheumatismo, Sciatica, Impurezas do Sangue, e Inchações provocadas por Dores Rheumaticas, as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga provam a sua efficacia dentro de 24 horas. [illegible] resultados [illegible] tratamento", disse um [illegible] se a sua saúde é precaria, se V. S. perdeu seu vigor e vitalidade e está envelhecendo antes do tempo, sem animo para [illegible] lhe affirmamos este tratamento de fama mundial para [illegible] comprove e que muitos [illegible]: E' SUA EFFICACIA INDISCUTIVEL.

Milhares de homens e mulheres que estão litteralmente crivados por soffrimentos [illegible] Dores nas Costas e outros symptomas de Desordens nos Rins, [illegible] que têm que continuar soffrendo, privados das alegrias que a vida lhes pode brindar.

Não obstante, muitas vezes é possivel — e muitas testemunhas apoiam a nossa affirmação — recobrar a saúde e o vigor e voltar á gozar de uma vida livre de horriveis e constantes dores. Basta adquirir um frasco das Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Seu custo é insignificante, comparado com o bem estar que proporcionam.

Consulte o seu pharmaceutico sobre este tratamento maravilhoso e economico. V. S. se convencerá que o elogio mundial tributado ás Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga é merecido. Nós cremos, e a nossa offerta de fornecimento gratis para uma prova confirma a nossa opinião, que não existe um tratamento mais racional para combater o Rheumatismo, as Desordens dos Rins e da Bexiga, as Impurezas do Sangue e a Falta de Vitalidade.

Para comprovar a rapidez e a segurança com que as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga fazem effeito, remettemos um fornecimento gratis para prova á quem escrever á E. C. De Witt & Co. Ltd. (Depto. M. 1), Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

PARA OBTER SUA CAIXA GRATIS, ESCREVA AO ENDEREÇO ACIMA INDICADO.

PREÇOS NO DISTRICTO FEDERAL { Rs. 7$000 O FRASCO PEQUENO / Rs. 12$000 O FRASCO GRANDE

LICENCIADAS PELO D. N. S. P. SOB O No. 141

M. 1.

CREME DE BELLEZA
"ORIENTAL"
dá á cutis maciez e frescura e a transparencia da juventude.

Um rapaz que anda sempre com somno apresentou-se numa das nossas casas de roupas brancas para pedir um emprego.

— Mas você vive a bocejar, responde-lhe o dono da casa, que já o conhece. Onde quer que eu o colloque?

— Na secção de camisas de dormir.

TALCO LADY
BORICADO
BRANCURA — PUREZA — PERFUME

Phrases ambiguas.

— Pobre amigo! Soube hontem a terrivel desgraça. Tua sogra sumidou-se, atirando-se do barco ao mar... ¡

— E' verdade! Coitada, no fundo era uma bôa creatura!

RUBI ORIENTAL
O BRILHO MAXIMO DAS UNHAS
4$000

— Onde está o patrão?

— Está seccando.

— Está seccando?!

— Sim, porque o cabelleireiro veiu hoje tingir-lhe os cabellos.

PÓ DE ARROZ LADY
E' O MELHOR E NÃO E' O MAIS CARO
SEMPRE IMITADO E NUNCA IGUALADO

VICTORIENSE (Capital) — Sim. Mas a minha graphologia é remunerada. Já se foi o tempo em que eu fazia estudos graphologicos gratuitos para receber o premio de vastas descomposturas.

As leitoras me ensinaram a ser pratico...

I. H. (S. Paulo) — Realmente, é muito curiosa a sua carta, sobretudo a idéa, ou antes, o truc literario de que se serviu, para constatar até que ponto chegava o meu criterio no julgamento da collaboração que me enviam.

Declaro que não apoio com grande sympathia esses pseudo-escriptores ou literatos que fazem da literatura um mero passatempo, um simples devaneio, para encher os seus vagares displicentes. Quando percebo que é isso o que se dá, não sinto remorsos em encaminhal-os á cesta, — convicto de que evitei uma profanação e um maleficio pecuniario aos que vivem da penna. Pois a razão do escriptor ser tão mal compensado no Brasil, está no facto dos maus literatos — embora com flagrante desvantagem — lhe fazerem uma concorrencia desleal.

Mas entre uma coisa e outra, a differença é muito grande. Eu nunca poderia tomar um *parti pris* contra uma escriptora cujo merito fosse indiscutivel.

Acontece tambem que as mulheres são geralmente convencidas. Suppõem que tudo merecem, que tudo devemos fazer por ellas. Mas, no fim, nem um muito obrigado. Ainda acham que devem fingir que não nos vêem na Avenida...

RODRIGO AUDREA (?) — O seu soneto vae ser publicado.

ESDRAS FARIAS (Pernambuco) — O seu livro de sortes de S. João está magnifico. Elle fez successo entre as pessôas de minhas relações. Apezar do meu poema ter saído *empastelado*, eu lhe agradeço a amavel lembrança que teve de incluil-o nas paginas do "S. João em minha terra". O caro collega é dos raros que têm a gentileza de lembrar os amigos distantes, rendendo-lhes essas commovedoras homenagens. Os outros se lembram de pedir favores.

A sua collaboração aguarda opportunidade. Bem sabe que aqui no Fon-Fon todos nós admiramos o seu grande talento. E não vacillo em proclamar que entre os poetas nortistas, cujas obras chegam ás nossas mãos, o meu confrade é o mais original e o de estro mais vigoroso. Parabens. Vou offerecer-lhe a minha photo.

MAYA (Capital) — Os livros de Hermes Fontes v. ex. encontrará na Livraria Alves, á rua do Ouvidor n. 166. O meu novo livro

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

será uma novella. "Uma garçonne carioca", onde estudo — supponho estudar — uma dessas modernas senhoritas, seculo XX. O que, porém, creio interessar nessa obra é o seu espirito genuinamente carioca, costumes e ambiente.

LULA (R. G. do Sul) — Escreve na sua missiva cor de musgo:

"Ives. Deixas que te fale com a franqueza de gaúcha? — Não gosto quando manifestas o valor que *realmente* tem o ouro!

Um homem superior, de intelligencia privilegiada como tu, não deve se preoccupar tanto com as regalias materiaes! Juro que tu não trocarias o teu ser pensante, por um automovel, um bungalow e nem mesmo pela sorte grande!

Ha uma meia duzia de annos que espiritualmente convivo comtigo. Creio que possuo quasi toda a tua producção poetico-literaria. Sabes o que, sinceramente, despertou a minha admiração pelo teu talento e sensibilidade? — Foi: "Saudades Irmãs". Que delica, singela e humana a [...] que descreves!...

Ives, não tem o coração [...] dernido como eu o suppunha [...] Lula."

Oh! senhorita, não diga que não trocaria "o meu ser pensante" por um automovel. Eu o trocaria até por um bonde. Comtanto que o pudesse vender a uma gaúcha, como v. ex... Sim, que, ao que parece, as mulheres já não o compram mais... muito menos as cariocas...

CHRITOPHORUS (Parahyba do Norte) — As respostas que devo são as seguintes:

I — O endereço da poetisa é: Repartição Geral dos Correios, Rio de Janeiro.

II — Ella é senhorita. Pelo menos, é o tratamento que lhe dão.

III — A espada de Pedro II está no Museu Historico do Rio de Janeiro.

IV — Não, certamente.

V — Cobro 20$000 por um estudo graphologico. Completo, com promptuario, tendencias, psychologia etc., — 30$000.

VI — Yves é um nome [...] Pronuncia-se: Ives.

E' só?

PETITE ETOILE (Minas) — Não pode ser publicado.

WILLY LEWYN (Pernambuco) — A minha opinião é favoravel ás suas chronicas. Ellas são bem traçadas. O titulo [...] não me agrada. E' pesado, é [...] para um livro leve e facil.

ENCIUMADA (Capital) — [...] justifico ciumes de natureza sentimental. O resto é piada [...] se pode responder com uma [...] maior.

ANJINHO LOURO (Capital) — Não serve a sua collaboração.

D. C. (Pernambuco) — Talvez a prosa. A poesia, não. O sr. dê um bom prosador? — não no creio.

BRANCA (S. Paulo) — O [...] de Berillo Neves é "A Costella de Adão". E' um volume de [...] que obteve o mais franco successo literario. A segunda edição está esgotada. Por estes dias apparecerá a 3ª. E' o que se pode chamar — um exito retumbante.

CAMPBELL JUNIOR (Capital) — O seu soneto não serve. [...] descripção, não tem merito nenhum. E' má. Imperfeita. [...] O thema, no emtanto, é bom. Mas o sr. não o soube desenvolver.

U. DE MIRANDA (Capital) — O seu soneto foi para a cesta.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitam, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

GRAPHOLOGIA — condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1ª — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2ª — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3ª — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4ª — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú' 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4116

FON-FON — 19-7-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

REMEDIOS DE
VALOR
DOR GRIPPE RESFRIADOS ?
GUARAINA
ENVELOPPES, TUBOS
OPILAÇÃO VERMINOSES ?
OPILINA
FRAQUEZA MAGREZA ?
GUARANIL
SYPHILIS ?
TREPARGYL
MALEITAS PALUDISMO ?
MALEIZIN
PURGATIVO ?
PURGOLEITE
CONSTIPANTE ANTIDIARRHEICO ?
TANOLEITE
COMPRIMIDOS
TOSSE BRONCHITE COQUELUCHE ?
HUSTENIL
ARTERIOSCLEROSE VELHICE CORAÇÃO ?
IODALB
GOTTAS
Trazem nos rotulos as respectivas formulas
A venda nas bôas pharmacias e drogarias
Lab. Nutrotherapico

PARA
CREANÇAS
DIARRHÉAS VOMITOS ?
CAZEON
DYSPEPSIAS INAPPETENCIA ?
PEPSIL
SYPHILIS PEREBAS ?
LACTARGYL
EMAGRECIMENTO CREANÇAS E ADULTOS ?
CAZEOMALTE
SUPER - ALIMENTO
VERMES ?
LACTOVERMIL
FRAQUEZA MAGREZA ?
TONICO INFANTIL
RACHITISMO MÁ OSSIFICAÇÃO ?
NEO-AMINAZIN
FARINHA PHOSPHATADA ?
NUTRAMINA
FARINHAS DEXTRINISADAS ?
CREME INFANTIL
Trazem nos rotulos as respectivas formulas
A venda nas bôas pharmacias e drogarias
Lab. Nutrotherapico
DR. RAUL LEITE & CIA - RIO

O mais nobr

DEPOIS do escandalo, o marquez Ranieri di... niello, abandonando Firenze, retirara-se... para a magestosa villa d'Alberano, ... tigo castello. A filha, num collegio em ... nha para a sua companhia no periodo das ... esses eram os dias mais animados d'Alberano ... que tambem alguns velhos e sinceros amigos do ... quez procuravam, nessa epoca, a sua villa para o ... descanso e para participarem das caçadas na ... ainda rica de cabritos e de faisões.

Lavinia, cuja belleza resplendia com o tempo, ... orgulho do pae e, quando sahia presa ao seu ... parecia-lhe notar mais obsequiosos os cumprim... da gente da cidade que veraneava pelos campos.

No salão central da villa, dependurava-se um ... quinhentista de Anellia Tornabuoni, de cuja ... descendia a pobre mamãe, e Lavinia, naquelle ... oval de fronte fugidia e nos grandes olhos ... reproduzidos por Rodolpho Ghirlandaio, reconhe... proprios traços caracteristicos.

No emtanto, na pequena photographia da ... unica que possuia, não encontrava nada de si ... nem a prega amarga do labio, nem o arco ... das sobrancelhas, nem a expressão de funda ... lia. Morrera deixando Lavinia ainda pequenina, ... a recordava apenas, distante como um sonho, ... cara-lhe impresso no espirito o dia em que o ... erguendo-a do pequenino leito e apertando-a ... braços, lhe dissera: — Agora somos nós dois ... e se puzera a beijal-a muito e tão fortemente ... de magoal-a.

Tinham enterrado a mamãe em Antibo, e ... nunca fôra até lá. Por que não a conduzia ... Antibo, para levar flores ao tumulo de sua ... Comtudo, não ousava perguntar, como a ... quer coisa que a sua alma joven não sabia ... sentia-se como amedrontada quando pensava ... isso, sob o olhar paterno, sempre tão terno ... etuoso.

Devia ser bem grande a dôr das recordações ... quez, porque não falava jamais a ninguem ... morta; Lavinia tinha-o comprehendido e ... ella tambem. Uma tarde, estando debruçada ao ... ouviu altercarem, em baixo, no caminho, dois ... ponezes e viu accorrer gente para separal-os ... delles, quando era levado dali, gritou para o ...

— Fica-te para ahi, senão faço como o ... mato-te!

Lavinia estremeceu e poz-se a chorar desesp... mente; quando o marquez se aproximou do ... se collocou ao lado della, teve medo.

— Que tens? — perguntou-lhe o pae, acaric...

Ella sentiu o peso daquella mão e retrahiu-se ... falar, mas um nó apertou-lhe a garganta e ... lhe a voz.

— Que tens, que tens? — repetiu o marquez ... hindo-a para si.

Lavinia, então, que continuava presa de ... subito, não se conteve:

— E' verdade que mataste?

O marquez Ranieri cambaleou, apertou ... torcendo-os quasi, procurou um apoio para ... e, pallido como a morte de que era accusado, ...

— Quem t'o disse?

O passado, que queria sepultar no silencio ...

Conto de

Silvio Zambaldi

assim, inesperadamente, e era sua filha, aquella que devia ignorar sempre, que o fazia reviver. Era verdade, então; a offensa fôra atroz, e elle, immediatamente, a vingara com um tiro de pistola.

Lavinia sahiu a tremer, depois de ter olhado aquellas mãos que beijara tantas vezes e que tinham matado, e fechou os olhos. Uma grande onde de frio passou entre os dois seres que se sentiam isolados no seu affecto, e o afastamento de Lavinia foi um golpe profundo para o pae.

A mocinha esforçou-se por achar logico o castigo mortal para quem offende, e, com a sua innata altivez, justificou o gesto feroz; mas parecia-lhe que o pae descera do pedestal em que o collocara a sua admiração e a sua devoção e onde não deveria nem poderia chegar nenhuma offensa.

Que offensa?

Lavinia sahiu a tremer, depois de ter olhado aquel-

Foram para Roma, passaram o inverno em Palermo, depois o ermo d'Alberono chamou-os.

A menina attingira os seus dezesete annos e uma voz timida e submissa murmurou-lhe as primeiras palavras de amor. Mas o obstaculo foi invencivel: o velho conde Martini disse ao filho: "Não quero", e o conduziu para longe. Quando Lavinia viu assim bruscamente interrompido o seu primeiro sonho, enlanguesceu como uma flor, e, no delirio da febre, o marquez ouviu-a repetir:

— E' a culpa da mãe que desappareceu; é a culpa do pae que matou.

Quem lhe havia revelado tudo?

Afastou todas as pessoas, quiz ficar sozinho á cabeceira da filha. E recordou-se ali da terrivel tragedia de quinze annos antes: um furor cego tinha-o assaltado deante da prova de traição; expulsara do coração o amor e a amizade que se tinham tornado duas coisas ignobeis, e lançara fora de casa a mulher, na presença dos criados, e esbofeteara e matara o amigo infiel. Não era a justiça, isto? E agora devia soffrer por ella a creatura pura, que crescera a seu lado, a pequena innocente que lhe sorrira quando elle acreditava morrer de angustia? Por que, posta de lado a mãe, não era digna a filha? Devia ser este, tambem, o juizo do velho conde; hoje, que ella era apenas a filha do marquez de Torniello, que nada tinha de commum com a outra, atirada ao esquecimento, nem ao menos nos traços physionomicos, nem nos sentimentos; a Lavinia ninguem podia arrancar o sagrado direito do amor, da alegria, da familia. Elle devia defendel-a, como defendera a propria honra.

O marquez tinha a mão sobre a testa de Lavinia, ardente de febre, e passava a todo o momento sobre os seus labios crestados uma pequena esponja embebida de essencias, como se tentasse abafar o lamento que o feria como uma maldição.

Passou-se assim a noite, e, aos primeiros raios de sol, Lavinia pareceu acalmar-se um pouco, mas, de quando em quando, um soluço sacudia-lhe o peito, como o cessar do pranto de uma criança.

O marquez, levantando-se, notou no espelho que envelhecera rapidamente. Foi metter-se no banho, depois desceu ao jardim, numa imperiosa necessidade de ar e de movimento.

A sua decisão estava tomada; affrontaria o conde Martini e, velho contra velho, pedir-lhe-ia satisfa-

O MAIS NOBRE

(Conclusão)

ções... Ria com um riso espasmodico, feroz, apertando, martyrizando os dedos enlaçados, e revia, naquella hora matinal, o outro, o ladrão da sua felicidade, estender o braço e tombar de braços sobre a relva.

Ordenou que lhe sellassem o cavallo; emquanto esperava, percorria a aléa junto ao portão de entrada da villa. Na pilastra externa, encontrava-se encostado um individuo em misero estado.

— Que faz aqui? — interpellou-o bruscamente o marquez.

O individuo retrahiu-se, medroso, e, levantando o chapéo, disse humildemente:

— Nada... estava cansado...

E fez menção de ir-se embora.

— Se queres descansar, entra — impoz-lhe o marquez, abrindo o portão.

Era um capricho ou talvez a dôr de Lavinia, que o tornava, de repente, misericordioso?

O individuo, depois de uma breve hesitação, entrou.

— De onde vem?

— De Ricorboli, senhor.

— E para onde vae?

— Vou procurar emprego, senhor.

— Que profissão é a sua?

— Eu me adaptarei a tudo, senhor. Mas ninguem me quer.

O individuo disse isto com lagrimas na voz, com o esforço de quem se sente opprimido por um sentimento de vergonha.

O marquez olhava-o e via toda aquella miseria.

— E, entretanto, não deve ser velho — disse.

— Quarenta e cinco annos, senhor; mas é como se fossem cem.

E cem pareciam pesar sobre aquelles hombros curvados, sobre aquelle peito cavado.

Quando chegaram ao pateo, onde o cavallo já estava prompto, o marquez disse ao lacaio:

— Faça com que tragam de comer a este homem.

O lacaio moveu o rosto num gesto de estupor e murmurou respeitosamente:

— O senhor marquez está ao par?...

— De que?

— Os carabineiros já lhe entregaram o alvará de soltura; acaba de sahir da prisão.

O individuo, pelo brusco movimento que fez o marquez, devia ter comprehendido que tratavam delle, porque abaixou a cabeça, empallidecendo e tremendo como um criminoso apanhado de chofre.

— Faça com que lhe tragam de comer — replicou o marquez dominando o primeiro instincto de repulsão. — E' um homem que tem fome.

E, emquanto o lacaio cumpria a ordem, fez signal ao individuo para sentar-se no banco de pedra junto ao muro, para tel-o sob o seu olhar. Viu-o comer avidamente, depois de vencer uma reserva natural; a barba, grisalha e curta, dilatava-se e encolhia-se, no movimento dos maxillares magros e seccos. Todavia, naquelle rosto, consumido pela miseria e pelos soffrimentos, havia rastros de altivez, que transpareciam tambem nos olhos, apesar de se moverem sempre timidos e supplicantes.

O marquez se aproximara, por mais de uma vez, do cavallo, para montar e partir; mas uma viva curiosidade o detinha; e, quando o individuo pareceu saciado, perguntou-lhe:

— Por que ninguem te quer?

O homem, então, sem dizer palavra, tirou do bolso algumas folhas de papel e estendeu-lhas.

A sua condemnação estava alli assignalada; e perseguia-o implacavel ainda depois de expiada.

— Mataste?

— Sim, senhor — confirmou elle, em voz baixa e firme, onde não havia nem remorso, nem arrependimento. Confessava o delicto sem se abalar, com a inercia do vencido que não se rebella contra a sorte, mas, antes, parece resignado na espectativa de uma nova sentença.

— Por que mataste?

Quantos outros lhe tinham feito a mesma pergunta, cheia de horror, antes de expulsal-o das casas e dos campos onde ia reclamar humildemente o seu direito ao trabalho! No emtanto, as leis dos homens, que não conhecem piedade, negavam-no, repelliam-no, não acceitando nenhuma justificação: era um assassino, nada mais. Para que, então, repetir a tragedia da sua alma, que fôra mais sangrenta do que o acto levado a effeito?

O individuo levantou-se; os seus olhos tinham agora um clarão de odio; talvez de revolta.

— Senhor — disse — tive razões para matar; mas é inutil falar nisso, agora.

O marquez acreditou comprehendel-o e uma nuvem passou-lhe sobre a fronte. O odio que lampejara naquelles olhos não fôra tambem o seu?

— Por uma mulher?

— Sim. Minha mulher.

O marquez suffocou um grito; mordeu o charuto que trazia entre os dentes, lançou-o fora.

— Trahia-te?

— Tiraram-ma.

E o infeliz narrou a triste aventura: o chefe da fabrica em que trabalhava roubara-lhe o amor da mulher. Surprehendeu-os. A mulher jurou innocencia. Matou-o, a elle, com uma facada no coração.

— Corri á casa — continuou — e disse á minha mulher: "Matei-o!" Ella vacillou, tornou-se pallida como um cadaver. Ella mentira, com certeza; o outro era correspondido. Mas a nossa, a minha filhinha, estava entre nós; abraçava-me os joelhos. Perdia o pae; era preciso que não lhe tirassem tambem a mãe, a honra de sua mãe.

Preso, pretextei, para justificar o meu gesto assassino, um antigo rancor por questões de officio. Condemnaram-me. E' esta a verdade, senhor.

— Não revelaste, então, a verdadeira causa?

— Era tornar publica uma vergonha. Não o quiz por minha filha.

As faces do marquez tornaram-se côr de fogo, como se tivessem recebido uma bofetada.

— E tua filhinha, onde está agora?

— Morreu.

— Não — bradou o marquez, com um grito de terror, voltando-se para a janella fechada do quarto de Lavinia.

— Morreu, estão todos mortos, emquanto eu estou ainda rolando por cá... Talvez seja melhor assim.

E o individuo preparou-se para partir.

— Fique — impoz-lhe, de repente, o marquez.

Deante daquelle desgraçado, elle sentia avolumar-se no seu intimo uma onda de desprezo contra si mesmo; elle, o gentilhomem, vingara-se para o mundo clamorosamente, e a mancha materna ameaçava, agora, o futuro de sua filha; emquanto este sacrificara-se para salvar a filha.

Qual era o mais altivo e o mais nobre?

E em frente do individuo humilde e andrajoso, o marquez inclinou a fronte e repetiu:

— Ficará em minha casa e terá paz.

Lavinia, estendida em seu leitosinho de cortinados côr de rosa, como o sonho que lhe sorrira ao despontar do amor, dormia ainda, e parecia tranquilla. O marquez aproximou-se lentamente dos almofadões do leito e, levando aos labios a mãosinha delicada e fria, murmurou:

— Perdôa-me todo o mal que te fiz...

Magros e Gordos

De ASTAROTH

UMA senhora das nossas relações perguntou-nos a razão por que falamos sempre com acrimonia a respeito da moda de ser magro.

Indaga, mesmo, a razão por que nos tornamos tão avessos á magreza elegante.

A resposta poderia ser dada em particular e dentro de uma phrase, mas, nós calculamos que igual pergunta baila nos labios vermelhos das senhoras que têm a bondade de nos ler.

Somos visceralmente contra o exaggero, chegando mesmo a achar que ser bom em exaggero é prejudicial.

E' claro que não poderemos achar elegancia em um individuo pançudo, lerdo, pesado e incommodo; não poderemos classificar como artistica a silhueta de uma dama que pése 90 kilos e que tenha um metro e cincoenta de cintura.

Como, porém, não cahimos nunca nos extremos, não podemos tambem aceitar as mulheres esqueleticas nem os esgrouviados "specimen" de D. Quixotes que enchem as nossas ruas.

A moda de ser magro é uma perversão de gosto artistico e a má interpretação de um qualificativo.

E' uma perversão do gosto, motivada pelo apparecimento do "cubismo", que, procurando abater o "triumpho da linha curva", propõe contrapôr, á doçura esthetica dos arcos, os angulos agudos das pyramides e as arestas duras dos cubos; é a interpretação erronea do termo "esbelto", que, por dizer "delgado, elegante", não implica em ser magro e cadaverico.

Ha pouco tempo, no Uruguay, um escriptor se deu ao trabalho de verificar que o grande Eça de Queiroz dava aos seus personagens, de preferencia, o typo cheio, gordinho, provido de carnes.

O grande romancista luso viveu em uma época em que o gosto não estava adulterado e não é que, então, fosse alta elegancia a rotundidade, a obesidade. Não; quando esse mesmo Eça queria dar aos seus typos um pouco de comicidade ou de ridiculo, punha-os nos extremos.

A Juliana, do "Primo Basilio", a Tia Patrocinio, d'"A Reliquia" o Alencar, de "Os Maias", etc.; eram magros, altos, esgrouviados; o Damaso, de "Os Maias", o Conego Dias e a S. Joanneira, do "Crime do Padre Amaro", eram gordos, nedios, anafados.

O grande Cervantes achou a comicidade e o ridiculo, nos dois extremos: Sancho Pança e D. Quixote.

O escriptor uruguayo foi, portanto, parcialissimo no seu exame, deixando apenas sobresahirem os personagens a quem Eça deu o typo médio.

A magreza, com as suas linhas rectas, as suas arestas e angulos, póde muito bem ser o ideal dos cubistas, mas nem por isso deixará de ser prova de máu gosto, como tambem é a gordura.

Os cubistas, que pintam o sol como um octogono e a lua como um hexagono, que dão ás arvores a fórma de pyramides e ao rosto humano a de um trapezio, mostram apenas com isso um "detraquement", uma perversão do gosto-artistico, porque a sua "arte", longe de aproximar-se da verdade, se esforça por fugir della.

Collocando-se as ondulações suaves das cristas da serra da Tijuca junto aos escarpados pincaros da Serra dos Orgãos, ninguem dirá, sem "parti-pris", que esta ultima é mais bella.

Collocando-se uma senhora esbelta junto a uma melindrosa anemica e esqueletica, nenhum homem escolherá a melindrosa.

A magreza em móda faz com que se tenha a impressão de que vivemos na India dos "fakires", ou peor, em um vasto sanatorio de tuberculosos.

A guerra contra a gordura, contra a carne, contra o osso coberto e disfarçado, obriga as moças a pedirem alliança á anemia, que, por sua vez, é forte alliada da tuberculose.

Para disfarçar a pallidez originada pela miseria organica que acceitam, são as mulheres obrigadas a pedir ao "baton de rouge" a coloração que o seu sangue, pobre de globulos vermelhos, não lhes póde dar.

Ahi estão as razões por que nos batemos contra a magreza desgraçadamente em móda. E porque nos preoccupa muito o futuro da raça, que nesse andar será bréve uma legião de homens e mulheres rachiticos e, port... fracos.

Si alguma vez formos vistos ... uma esquina da Avenida olhando com attenção as melindrosas ... exhibem suas roupas talhadas ... figurino "dernier bateau", ... guem julgue que estejamos ... mentindo o que aqui dizemos ...

Quando paramos para ... essas escravizadas á Moda, ... raciocinar, para julgar o pr... ti... natureza, capaz de ... pe e em equilibrio os innumeros ossos de que se compõe o ... leto; surprehende-nos a facilidade que a moda traz de se poder ... tudar osteologia no vivo e ... logia sem dissecação.

Pensamos na figura que fa... essas moças no concurso em ... Paris foi juiz; pensamos na ... sibilidade de alguma dellas ... um dia á mesa de pose de ... tor cubista!

Pensamos, tambem, na ... infelicidade que ellas têm de ... poder analysar os olhares que ... são dirigidos para concluir ... elles são de admiração ou de ... miseração.

Chegamos já ao extremo, c... forme o que contamos abaixo.

Quando appareceu a moda ... ser magra, notámos que uma ... nhorita usava uns vestidos ... lhe batiam os tornezellos; ... nhámos que ella contrariasse ... a moda que punha a orla do ... tido em contacto com as ... Verificamos, depois, que o mo... era ter ella as pernas grossas ... culpturaes.

Depois de seis mezes de ... ella conseguiu obter dois b... cobertos por meias de seda ... tão vestiu vestidos curtos.

A desgraçada tinha commettido um crime contra a saúde, a belleza, contra a arte!

Ahi estão, caríssimas lei... as razões por que nós, e... na arte, patriota sincero e ... refractario ás injuncções ... entadas da moda, nos insurgimos systematicamente contra ... desmandos, contra todas as ... rações dos homens, contra os attentados á esthetica, ... todos os crimes contra a ... sobretudo, contra a destrui... tudo o que é bello, de ... que é perfeito, de tudo o ... humanidade creou durante seculos.

Não pareças tubarão

Si tens a pelle feia
Pelo grande ardor do sól,
Não te entristeças, sereia,
Usa o sabão Eucalol.

Orgulho de paes, vaidade de filhos

COMO já tinha a cabeça branca por fóra e dura por dentro, um *nome feito*, dinheiro, amigos — embora pareça redundancia — dava-se ao luxo, alguma vez, de recordar penas de seus primeiros annos. Falava. Si escrever, ou quizesse, simplesmente, escrever, dado ás vitrines das livrarias um novo volume prosa em bôa parte cheio de substancia alimentar para os jovens do dia. Falava, embora enfastiasse de sua familia, especialmente as mulheres — sobrinhas, e netas — que prefeririam que elle aquellas *coisas*. Elle sustentava que suas recordações de infancia e mocidade continham excellentes namentos, aproveitaveis uns, pittorescos outros. uma de suas filhas disse, em certa occasião:

— Essa novella que tanto te agrada se parece muito com uma que eu poderia escrever com recordações...

A moça fingiu surprehender-se, escandalizar-se. Estava lendo uma novella de autor russo — de *da moda*, traduzido para o francez — e onde se lhavam os dias miseraveis de um pobre menino tinha o cerebro tão cheio de sonhos como o estomago de fome.

O pae continuou:

— E' que pensas que essas coisas ahi narradas extraordinarias, puramente novellescas, que Russia podem occorrer..., e a verdade é que qualquer parte do mundo as acharás. Tira aos nagens essa tristeza, essa obscura miseria que cteriza os personagens das novellas russas, a gnação, o fatalismo, e tudo o mais aqui encontrarás... A miseria é universal. Apenas o miseravel lá parece differente do de cá, mas não por culpa miseria, e, sim, delles proprios... Aqui, a miseria trabalho penoso e a propria angustia parecem sol, e por lá nevoas. Mas..., ora!..., meninos soffrem, que trabalham, que saturam sua vida, sempre, de melancolia, existem em todos os recantos do mundo...

A filha julgou sempre que seu pae exaggerava. Com essa crença, evitava ficar triste imaginando tristezas de seu pae quando menino ou quando

Quanto a elle, não insistia no thema, pois seu resse não estava em affligir seus descendentes, em convencêl-os de uma coisa: de que na bôa existencia que levavam não deviam esquecer a lidade infeliz de outras vidas, de que nem tudo gloria, e, finalmente, de que a pobreza, ou a que enche de sombras o coração de tantos meninos não era mera ficção novellesca, mas simples e realidade...

Um dia, soube elle que sua filha menor havia

UM CONTO DE

B. Gonzalez Arrili

pido relações com um pretendente ao saber que, quando menino, havia morado em uma casa de commodos e ajudado a sua mãe em seus trabalhos de lavar e engommar...

O filho da lavandeira, embora agora vivesse folgadamente de seu emprego em uma casa commmercial, deslustrava o escudo que ella quizéra formar com o dinheiro do pae...

Este chamou-a para seu lado, e a sós os dois, sem aspereza, tranquillamente, esteve conversando com ella muito tempo, contando-lhe umas coisas que pareciam capitulos de novella, mas que, na verdade, não passavam de capitulos de sua biographia.

— Que bom é papae!... — pensava ella, ouvindo-o, admirada, mas sem crêl-o.

E como sua outra irmã, reputou de exaggeros as sinceridades daquella confissão paterna.

— Coisas de papae! — diziam, rindo.

Mas o certo é que riam dos dentes para fóra. Sentiam um pouco, no intimo, ter aquellas paginas obscurecidas pela necessidade, na biographia do homem que lhes déra o ser. E lamentavam que elle não soubesse calál-o, sem chegar a comprehender por que gostava de remover aquelles escombros de recordações, aquelles restos de construcção...

Foi a mais velha de suas filhas quem se atreveu, uma tarde, a dizer-lhe:

— Papae, olha... Parece-me que isso que dizes é um pouco exaggerado, mas, embora não o fosse... Supponhamos que, para fazer esta casa, os operarios trouxessem taboas, baldes, pás, mil ferramentas, e que fizessem andaimes e com tudo construissem teu palacete. Quando o deram por terminado, levaram seus andaimes e ferramentas, e não deixaram marca nenhuma de suas mãos, porque ninguem vê barro nem cal... Que diriamos si houvessem deixado junto á casa nova tudo o que necessitaram para fazel-a? Pois bem. Imagine que tu e tua familia é este novo palacete. Para que estar mostrando os andaimes, os restos de material e as ferramentas que foram necessarias e já não o são? Não te parece, papaesinho?

O bom velho olhava sorrindo, sua filha. Não era feia, não era tola... Demorou em responder:

— Gosto de tua comparação... E' bôa... é bôa!... Mas não quero applical-a no nosso caso... Tenho sempre mêdo quando penso que vocês estão deixando-se vencer pela vaidade. As pessoas vaidosas estão sempre a um centimetro da infelicidade. Emquanto eu me sinto orgulhoso de minha infancia, cheia de pobreza e trabalho, vocês querem ter a vaidade de haver sido sempre ricas e nunca ter precisado de trabalhar... Não me agrada muito, não me agrada muito... Eu quero que vocês sejam felizes. Mas não o serão si continuarem pensando que nossa familia é um palacete. Teem que pensar em que não é mais do que uma casa, sólida, firme, precisamente porque quem abriu seus cimentos sabia o que eram penas... Emquanto vocês imaginarem que as penas só existem

ORGULHO DE PAES, VAIDADE DE FILHOS

(conclusão)

nas novellas russas estarão á beira do precipicio... Não sejas vaidosa, menina! Não tenhas a vaidade insipida de todas as moças frivolas que querem occultar a origem de seu bem estar!... Aprende a ter o meu orgulho, e dize a teu noivo, antes que eu o diga: "Meu pae, quando menino, era tão pobre, tão pobre, que...

Ella, mais do que para obedecer, para suavizar alguma coisa a promettida historia, contou ao noivo as origens da fortuna de seu pae. E o noivo, que era um joven de nome obscuro e traje claro, com a cabeça tão bem penteada por fóra como mal mobiliada por dentro, e que já andava ostentando um diploma de não sabemos qual faculdade, que pensava ganhar força de constancia, frequentando aulas, conferencias e exames sem nada comprehender — o noivo teve um *profundo desgosto* escutando aquella narrativa, e prohibiu á noiva de voltar a recordar tal assump[to] sob pena de renunciar a sua mão.

— Imagina — disse-lhe, olhando attentament[e] impeccavel friso deixado pelo ferro em suas ca[lças] — imagine que papelão podes fazer, não tanto ag[ora] como depois, quando fôres minha mulher, quan[do] fôres a esposa do doutor Matalotte... São co[isas] que a gente deve guardar... Quem se lembra [de] andar com ellas daqui para alli?...

E só de pensar na terrivel occurrencia, o [fu]turo *doutor* e sua futura esposa sentiram vergonha...

— São coisas de papae... — desculpava-se ell[a].

— Bem — replicou elle — serão coisas de [teu] pae, mas não deves repetil-as... Faze-me esse [fa]vor!... Essas coisas serão muito bôas, muito [inte]ressantes, até muito honrosas, mas com a condi[ção] de esquecel-as a tempo...

No emtanto...

Não as esqueceu o *doutor* Matalotte depois de [ca]sado. Repugnava-lhe pensar na infancia e na juv[en]tude de seu sogro, mas não lhe repugnava, [nem] pouco nem muito, acceitarem dinheiro para [...] emquanto seu pomposo titulo não começasse a d[ar] fructos...

Andam se querendo...

É joven delicado o tenente Rosinha com o seu metro e cincoenta de altura. Bôa palestra, bom violinista, optimo dançarino.

Como violinista, sonha possuir magnifico exemplar de Stradivario; como dançarino, tem mania de dançar com senhorinhas muito altas.

Quando o chama alguem para ver uma passante, mulher bella e donairosa, indaga em seguida:

— E' alta ou baixa?

Si lhe respondem ser baixa, não se mexe de onde está.

— Não vale a pena, diz, calmamente.

* * *

Certa vez, é apresentado em pomposo baile a uma joven de metro e oitenta de altura e quasi noventa de pêso, a qual, não obstante tudo isso, é leve no tango e muito engraçada.

Conversam alegremente, quando se lembra a joven de gracejar com o cavalheiro:

— Afinal, senhor Rosinha, não fiquei sabendo ainda a que familia de rosas pertence o senhor. E' tão pequenino...

Quasi perde a calma o nosso insigne dançarino, mas, meio embaraçado, sempre se sae com esta:

— Trepadeira, minha senhora! Trepadeira!

* * *

E' tão grande e tão gorda a travessa, que lhe dão as camaradas um appellido grotesco, com o qual não dá cavaco. Chamam-na "fragata"!

Não gosta de ser apresentada a cavalheiros de pequenina estatura, afim de dançar, para que as camaradas não se divirtam á sua custa.

Noutro baile, apresenta-se-lhe o Rosinha e pede-lhe a fineza de dançar um tango.

Nos labios da interessante senhorinha desabrocha lindo sorriso. [...] o momento opportuno para [...]gar delle:

— Como gosta o senhor de d[ançar] commigo... Não se esqueceu!...

— Sim, senhora. E' certamente p[ela] natural sympathia que me insp[iram] as mulheres altas e bellas como v[os]sa excellencia!

— Que posto tem o senhor na b[ri]rinha? pergunta-lhe, com ar [...]

— A mim me parece que a [senho]rinha não está hoje disposta a [...]tar o par...

— Pergunto-lhe o posto, para [...] ver acerca do seu pedido.

— Sou segundo tenente, apenas.

— Bem. E' então a ultima vez que saio a dançar com o senhor.

— Por que? interroga elle, desapontado.

— O seu posto é muito baixo. [Se]gundo tenente não póde comma[ndar] fragata!

O tenente achou tanta graça [...] até hoje ainda anda a rir-se [...] pelas ruas deste Rio de Janeiro.

E não sei, nem é coisa do [...] mundo; mas desconfio que andam [se] querendo...

HORMINIO LIMA

30-7=?

Faça a conta!

São em numero de 7 por mez os dias que uma Senhora perde em seu bem-estar quando soffre de irregularidades. Cada dia de soffrimento é dia perdido, é dia que não conta para a alegria de viver.

Assim, "A Saude da Mulher" que combate e evita os Incommodos e as Enfermidades Uterinas, assegura o accrescimo de 7 dias por mez na existencia de uma Senhora.

Faça a conta de quantos annos de vida representa para uma Senhora o uso permanente do grande remedio.

KOHOUT.

A SAUDE DA MULHER

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 29

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 19 de Julho de 1930

O perigo da felicidade...

Elcias Lopes

O espirito sceptico e blagueur de Mario Poppe traçou, um dia, nesta pagina de *Fon-Fon*, uma chronica luminosa — *A desgraça de ser feliz* — coisa, aliás, bem mais commum, na vida, do que geralmente se possa suppôr.

A leitura, neste momento, de um simples aphorismo de Nietzsche, a envolver, na amarga expressão de seu desillusionismo, a impiedade de um sarcasmo, faz-me pensar, tambem, na arte difficil da felicidade.

Ser feliz!... Saber colher, na imponderavel tessitura da trama da vida, sempre tão fragil e tão intensamente dolorida, os fios com que tecer a suave illusão da felicidade!...

Lá fóra, dentro da tarde azul e linda, vestida de sol e toucada de verde, a inquietude humana disfarça, nos artificios de seu maquillage espiritual, a angustia interior que a trabalha. E sorri. E canta. E baila.

Que lhe importa a onda de melancolia e de pranto que, de quando em quando, lhe vem do coração aos olhos, prestes a rebentar?

Ali está, para consolação geral, o homem completamente feliz, de que falla Nietzsche, a bradar, a plenos pulmões: "Agora tudo me parece bem. Amo, agora, a qualquer destino. Quem quer ser o meu destino?"

Através desse grito de apparente victoria e festiva alegria do homem que conseguira realizar todos os seus anseios de felicidade, quem não ouvirá, porém, o clamor, o immenso e torturado clamor, que não mais encontra éco, do desgraçado que já não sabe o que desejar?

Esse, o grande perigo da felicidade — adeanta Nietzsche — porque todo ideal realizado é um ideal ultrapassado — quer dizer: uma illusão de menos, uma dose de energia roubada á essencia mesma com que a vida enche de mysterio e de encantamento a natureza, as coisas, os corações.

Porque toda a vida — a vida profunda e mysteriosa, a vida — exaltação de alegria ou de fé, de amor ou de bondade — é condicionada por um verdadeiro systema de illusões e, em vão, o homem buscará, no *terre á terre* da realidade e na plena satisfação do desejo que o tortura a formula e a expressão da sua felicidade, dessa felicidade de que a illusão é uma especie de razão immanente, imperiosa e essencial.

Fugidia, fugace, e, não raro, paradoxal, a felicidade, nos dominios da ansiedade e da inquietação humana, antes tem sido, até hoje, um instrumento de tortura mental e sentimental do que uma arte de bem viver... através de uma ou de muitas illusões. Porque ser feliz é saber enganar a propria vida e desejar sempre, continuadamente, o que ella não dá em realidade, mas prodigaliza, munificente e boa, em sonho, em idealidade.

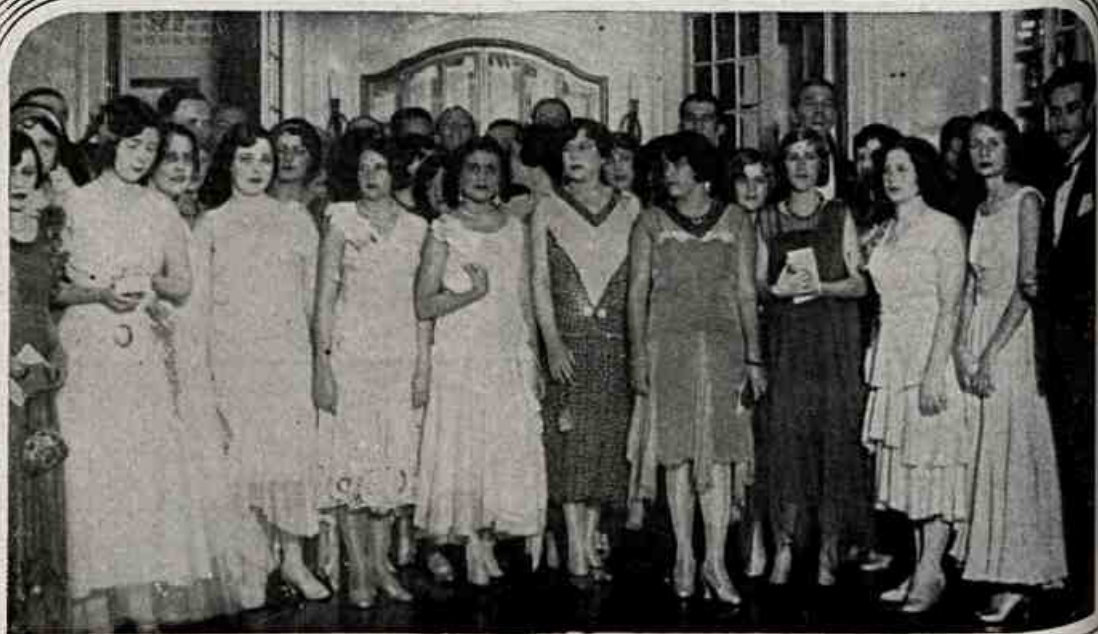
Ser feliz!...

Une chaumière et un coeur... E' tão simples, ás vezes, a formula da felicidade, expressa nesse delicado aphorismo da galanteria e da sentimentalidade humana!...

A realidade, porém, dia a dia mais, ganha terreno á illusão, na vida febricitante e vertiginosa de hoje. Em vão, enchem-se de lindas cabanas os mais longinquos recantos do mundo, quando os corações, numa proporção, que forma um triste contraste, rareiam, rareiam... E os corações sempre foram os silenciosos refugios da felicidade, o fogo sagrado que alimenta a illusão de que ella vive.

Lá fóra, dentro da tarde azul e linda, vestida de sol e toucada de verde, a inquietude humana disfarça, nos artificios de seu maquillage espiritual, a angustia interior que a trabalha. E sorri. E canta. E baila.

Para que tentar os perigos da felicidade, quando ainda nos resta a suave consolação du *bonheur que l'on trouve dans l'absense du bonheur*, de que nos fala Maeterlinck?

A felicidade que se encontra na ausencia da felicidade... A estranha, a doce, a suave felicidade da resignação, a verdadeira felicidade, porque é harmonia interior...

A grande nota mundana de sabbado passado foi o baile com que o Atlantico Club inaugurou officialmente a sua nova séde. Festa de requintada elegancia, ella reuniu, nos luxuosos salões do palacete da Avenida Atlantica, os elementos mais representativos da sociedade de Copacabana.

A INTELLIGENCIA

A intelligencia progride, os costumes evoluem, os sentimentos do bem e do mal persistem, mas o bem e o mal mudam de objecto segundo a hora e o logar, e, muitas vezes, tambem, segundo os interesses de cada um. Ha, certamente, individuos capazes de collocar o bem e o interesse geral acima do [illegible] do interesse particular, mas [illegible] julgamento é, todavia, influenci[ado] pelo ambiente moral do paiz [que] habitam.

Figurinhas da «élite» carioca que deram realce ao baile inaugural da nova séde do Atlantico Club.

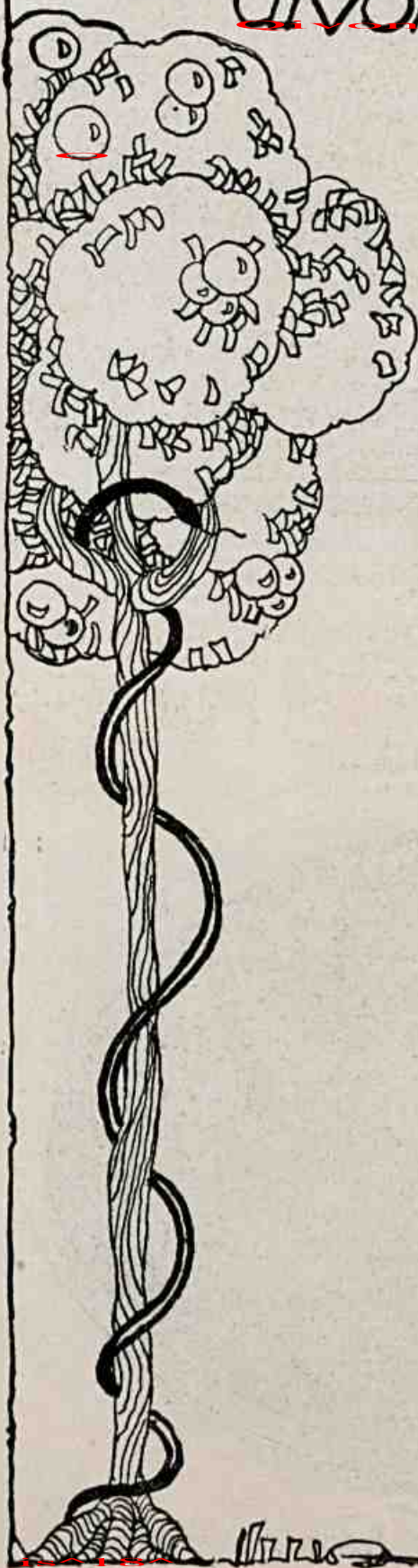
Para commemorar a maior data de seu paiz, o sr. embaixador da Republica Argentina e sua exma. sra. offereceram, na séde da embaixada, quarta-feira penultima, uma recepção ás figuras mais representativas da sociedade argentina desta capital, ás autoridades brasileiras, ao corpo diplomatico e pessoas das relações do illustre casal Mora y Araujo.

O Club Social Argentino tambem commemorou o anniversario da Independencia da Republica vizinha e amiga, reunindo os seus socios em um jantar-dançante, que resultou numa festa da mais expressiva cordialidade.

A ESPADA DE SATANAZ

A idade-media creou para a mulher uma exaltação cavalheiresca no sentimento, a par duma situação de prisioneira na vida pratica. Romances, balladas, voltas de amor, redondilhas, canções de alegre-saber, todos divinizaram a mulher espiritual, emquanto a mulher-carne era ciosamente guardada nas cameras reconditas dos castellos, cercada de aias feias como corujas e abelhudas como pêgas, somente apparecendo no seculo para presidir as justas e alegrar os saráus. Não se sentava á mesa dos homens e, quando o marido e senhor partia para viagens ou guerras, punha-lhe sob as carnes macias um cinto de castidade com cadeado de segredo. Bastava escutar a labia dos trovadores e agradar-se do rosto gentil dos donzeis para ser castigada pela bôca das sanguesugas, nos pêgos; pelo ferrão das abelhas, coberta de mel; pelo bico dos falcões de caça, que se esfaimavam de proposito; pelo dente dos lebréus açulados contra seu corpo formoso. Entretanto, o chronista monacal Raul Glaber diz que nunca houve tempo de maior numero de uniões illicitas, adulterios e incestos. Documentos contemporaneos compulsados por Anthero de Figueiredo contam que eram numerosas as más donas, de máao preço, que faziam torto a seus maridos. E Brantôme assegura que muitas achavam meios de fabricar chaves falsas, para, na ausencia prolongada dos esposos, abrirem os cintos que elles lhes haviam imposto...

Assim, a historia nos ensina a não prender nem forçar a mulher. Isso somente serve para desenvolver a sua hypocrisia e a sua astucia, tornando-a, sem duvida, aquella espada de satanaz a que se referia o padre Manuel Bernardes.

Por que não libertal-a duma vez, não a pôr na mesma plaina do homem, afim de ver si ella consegue transformar-se na espada de Deus?

O sr. embaixador da França, conde Dejéan, offereceu, segunda-feira á tarde, no Hotel Gloria, uma recepção para commemorar a grande data de 14 de julho. Foi uma festa altamente aristocratica e elegante, a que compareceram o mundo official e diplomatico e elementos representativos do nosso «grand-monde».

SABES?...

Minha deusa, minha querida e mimosa bonequinha, lindo bibelot dos meus sonhos, sabes que estou muito saudoso de ti? Sabes que, inclinado sobre a minha mesinha de estudo, ao invés das severas figuras de geometria, eu vejo o teu rostinho de bébé?

Sabes que, misturando ás palavras do mestre a tua boquinha de goiaba madura, eu tudo olvido?

Sabes que, neste momento, eu quereria embalar-te nos meus braços fortes?

Sabes que eu te adormeceria murmurando esta quadrinha que minha irmã decorou para ninar tambem as suas filhas:

"Bonequinha de minh'alma,
tão galante e tão catita,
vou ninar-te no meu collo,
com uma valsa bem bonita."?

CONCHITA Cm

Na manhã de 14 de Julho, o embaixador Dejéan recebeu, na séde da embaixada, á rua Senador Vergueiro, os seus compatriotas que foram levar a s. ex. os seus cumprimentos pela passagem do anniversario da quéda da Bastilha.

Faianças

"Flirts" epistolares

Maurice Magre aconselha aos namorados em geral que não escrevam cartas apaixonadas. A mulher, vaidosa como é, vê sempre numa revelação sentimental uma demonstração de fraqueza ou de ridiculo.

Esse facto está espelhado nos versos de Géraldy, onde ha uma musa que recebe uma carta do amante, e declara com indifferença:

Je lirai ça plus tard...

Quer dizer: no minimo, ella manifestará o maior desinteresse pela carta e pelo seu signatario.

Acceito, acato e justifico a advertencia de Maurice Magre.

Sabem por que? Eu me explico...

Quando se trata de um escriptor, por exemplo, ha, infallivelmente, uma leitora distante que lhe pede um autographo.

Por delicadeza, o escriptor envia-lhe o autographo. Ella agradece a attenção numa cartinha azul, cor de rosa ou mesmo cor de enxofre. (Oh! nuance detestavel!)

Vem o segundo pedido: um retrato. Depois do retrato, ella deseja uma cartinha literaria. Feita a cartinha literaria, o escriptor é mordido pelo desejo de conhecer a sua "amiga distante", a sua "leitora amavel e desconhecida", a sua "princesse lointaine"...

Vem a photographia da joven, com o seu sorriso mais bem estudado á frente do espelho da penteadeira.

Si é bonita ou não, o escriptor é forçado a escrever-lhe, pelo proximo correio: "Recebi a sua photo, onde o seu sorriso luminoso realça a sua belleza joven e radiosa". (Essa formula em pode ser applicada em qualquer dos casos: no de ser ella uma belleza grega, estatuaria — Venus ou Diana — e no de ser um caso teratologico).

A correspondencia continua. A's vezes, porque foi começada; outras, porque esconde a esperança de um encontro futuro e talvez de um romance...

Mas sabem o que acontece, quando o caso morre com a correspondencia?

Um dia o escriptor recebe um telephonema, atravez do qual uma voz opaca lhe diz:

— Como vae o seu *flirt* epistolar com a Maria Luiza?

— Não me lembro dessa creatura. Quem é? Onde mora? Como vive?

— Não se lembra? O sr. teve uma paixão platonica por ella. Li as suas cartas. O sr. é um amoroso ridiculo...

A senhorita Maria Amelia Teixeira Mendes, figurinha graciosa da nossa sociedade. (Photo De los Rios)

Maria Luiza me fez ver quanto você é pateta.

E desliga. . . . .

Caros collegas, illustres confrades! Não caiam nunca na bôa-fé de escrever ás suas admiradoras, ás suas "princesses lointaines". Mesmo porque vocês têm o cavalheirismo de não revelar o sigillo das cartas lyricas que ellas lhes escrevem...

Yves.

O pronome "você"

Os senhores já repararam numa coisa? Antigamente a gente dizia — você — falando á creatura querida, e esse pronome tinha um sabor de doçura amiga e sentimental.

Você! Era tão bom... Era assim como quem tivesse uma uva na bocca. Um bombon. Um torrão de assucar candi.

Mas depois que a mediocridade litteraria do paiz descobriu que você podia dar nome a uma escola — o *voccismo* — o doce pronome perdeu o seu encanto e o seu excellente sabor.

Horror! O *voccismo* é, hoje, uma escola litteraria. No meu proximo romance, faço a critica do voccismo, pois acho que elle estragou o encanto da linguagem intima dos que se amam deveras...

Faço esse reparo, porque desejaria que o *você* continuasse a ser aquelle pronome doce, amavel e simples, e que não suggerisse a idéa de um pedantismo litterario...

Si elle ainda fosse ingenuo, eu diria hoje — como estou um pouco desilludido com uma creatura dissimulada, que faz da vida uma tragedia, quando ella é uma comedia — eu escreveria um trecho neste tom:

"Você foi um idolo, um fetiche de ouro, um Buddha de olhos hypnotizadores que sempre vivem sobre o lotus do meu coração confiante... Você foi o meu deus — o meu deus do sexo". Você teve um altar no meu coração e foi a luz estellar que encheu a minha vida e o perfume que suavizou os meus dias. Mas você rolou da altura em que a minha fantasia a collocára, e perdeu aquelle immenso prestigio de deus, de luz estellar, de fetiche e perfume.

E sabe por que, meu bello idolo partido? Porque foi mentir, porque você fingiu um drama que não exist'a senão no seu pensamento.

Quando releio as suas cartas azues e perfumadas, onde a sua letrinha polvilha mentiras como estrellas na Via-lactea, eu me apercebo de que inconstancia, de que insinceridade, de que indifferença é feita a alma da mulher..." Ah! muitas outras cousas eu diria a você, que foi meu idolo, que foi meu deus, minha luz, meu perfume, meu tudo..."

Mas o *voccismo* está estragado pela mediocridade dos literatos de bobagem, que estragaram a palavra melhor, mais ingenua e sincera do vocabulario do amor.

Que pena! E que vandalos!

De volta de um baile

— Os seus olhos grandes, á oriental, me hypnotizam.

— Não é um galanteio?

— Não. E' o medo de me sentir seduzido. Dominado por elles.

— Não tenha receio. Elles já pertencem a outro.

— Essa circumstancia não attenúa o perigo que elles offerecem.

— De seduzil-o?

— De tentar um assalto...

— Não comprehendo.

— O assalto de um beijo... Sobre as palpebras.

O fox se calou no delirio do *jazz*. Ao lado do escriptor, a silhueta branca, fina, heraldica — um marfim que podia figurar numa sala antiga do Louvre — estacou com um sorriso. E elle observou bem aquella silhueta, aquelle sorriso, e o hypnotismo daquelles olhos. Ella lhe disse o seu nome — Nelly.

— E o sr.?

— Chamo-me Marcos.

E Marcos e Nelly proseguiram no seu *flirt* delicioso. *Flirt!* Flor de volupia e intenções mal veladas, que floresce e se desfolha no decorrer de uma tarde, de uma noite de sonho...

. . . .

Não acham os senhores que são essas as impressões e as scenas infalliveis que trazemos de uma noite de baile?

No trepidar de um samba ou no balancear de um *blue*, — emquanto os nossos braços enlaçam corpos langues e perfumados — ha sempre uma razão para que se traga uma saudade de uma *soirée* dançante.

Mlle. Annita Pires, que ahi nos sorri na sua «pose» de princezinha de legenda, como dizem os poetas, não é só uma gracinha, uma figurinha de brilhante destaque no «set» carioca: é tambem uma artista, uma «virtuose» do piano. Para que mais?

JARDIM ABERTO

D. Jayme

DOIS CANHÕES DE ARTIGAS

NAQUELLA luminosa manhã de maio, em frente ao acampamento do exercito brasileiro do Quarahim, estava formada uma extensa fila de cavallaria: quinhentos e sessenta homens escolhidos das milicias do Rio Grande e da legião de S. Paulo. Commandava-os o tenente-coronel Bento Manoel Ribeiro. Lentamente, o general Curado passava-os em revista.

Era um homem alto, espadaúdo, forte. Nariz aquilino. Queixo proeminente. O alto bicornio a tres pancadas. Muito firme na sella, muito espigado, apesar dos seus setenta e um janeiros. Nascido nos sertões goianos de Jaraguá, o conde de S. João das Duas Barras tinha a rijeza peculiar aos vaqueiros do nosso áspero interior. Veterano das campanhas platinas, seus dias de guerra contavam-se por victorias, e seu nome era o terror dos orientaes desde a batalha de Catalán.

Curado examinou os soldados, um a um. Seu olhar percorria rapida e agudamente o homem, as armas, o cavallo, os arreios. Depois, verificou o estado da cavalhada estendida no coice da columna. A impressão de tudo foi favoravel. Voltou á testa da força e fez um signal ao commandante. Bento Manoel approximou-se.

— Vá, disse o general, passe o Uruguay e encrave todas as baterias dos gringos!

Soltando vivas enthusiastas, o destacamento partiu rumo á fronteira. Dois dias após, na noite de 14 de maio, atravessava o rio, sem ser presentido pelo inimigo, na Vuelta de San José, e penetrava no territorio de Entrerios. Ao alvorecer o dia seguinte, galopando pela margem direita do Uruguay, a cavallaria brasileira avista uma força contraria, que se desdobra em escalões pelas coxilhas. Os paulistas espalham-se em atiradores. Os riograndenses preparam as lanças. São os entrerianos do coronel Gorgonio Aguiar, que defendem a bateria da Calera de Barquin, assestada num têso e destinada a bater o passo do rio. Artigas pretendia, com essas baterias, impedir a esquadrilha de Senna Pereira de subir o Uruguay.

O clarim brasileiro, ao amortecerem as descargas dos atiradores que vão recolhendo ao grosso, devido ao avanço do inimigo, superior em numero, dá o signal de carregar. As duas linhas de cavalleiros ennovelam-se, tapezapeando as lanças e sabres. Gritos, uivos, pragas! E o valente Bento Manoel, no meio do entrevero, a dar ordens e a bater-se como um soldado. Sem campo de tiro livre, a bateria inutil jaz no alto da Calera. Depois de uma hora de resistencia, os artiguenhos afrouxam a luta e dispersam-se, lanceados e tiroteados. Gorgonio Aguiar entrega a espada ao chefe sorocabano. E os guaranis que guardam a cavalhada preparam uma balsa para levar a artilharia contraria ao territorio do Rio Grande.

Após um descanço de horas, a carneação para o almoço, o tratamento dos feridos e o enterro dos mortos, de novo o destacamento audaz continúa a marcha victoriosa. Entardece, quando outra fila de cavallaria corôa as coxilhas … rinhas ao Uruguay. São os … dos do tenente-coronel … Tejera que defendem a material … Perucho Berna, feita com can… tomados a Balcarce. De novo, … testam-se e topam as cavallar… a arma branca. De novo, os … rianos são batidos lamentavel… te e de novo as balsas levam os … nhões artiguistas para a marg… brasileira.

A' noite, Bento Manoel … na bateria abandonada do … de Vera, cujos canhões encr…

Mal nasce o dia 16, está a … O toque de ensilhar foi dado … do sol. E' a força victoriosa … para a villa do Arroyo de la … que hoje se denomina Concep… del Uruguay, base de operações … Artigas. Por volta de onze … da manhã, entra por ella a … Seus clavineiros apeiam-se, … ao cáes e apoderam-se dos … atracados, cheios de munição … guerra e bôca. Os lanceiros occ… todas as entradas da povoação … to, vêm dizer-lhe que … forçadas, Artigas, em pessoa, … em soccorro da villa. O clarim … logo chamada ligeira; depois, … silhar. Já a cavallo, os offici… olham espantados para Bento Ma-noel. E' elle, sorrindo:

— Vou bater Artigas em … rasa!

O encontro deu-se a pequena … distancia do Arroyo de La … Os seiscentos cavalleiros que o … ctador trazia não resistiram ao … bate dos centauros que Curado … colhera e revistara para … feliz expedição. Em meia hora, … debandados em todas as direcções, … perdendo Artigas o seu estado … Bento Manoel perseguiu-o … tres leguas.

Uma semana mais tarde, em … te ao acampamento do … brasileiro, o conde das Duas Bar-ras passava de novo revista … guerrilheiros que regressavam … audacioso reide. Bento … acompanhando-o por entre … ras perfiladas, dava-lhe conta … seu exito:

— Trouxe oito canhões, 13 … cos, 366 prisioneiros, 500 … das, 18 carretas com munições … despojos, 200 cavallos, 1 estandarte … e somente faltou...

Deteve-se com um sorriso … gmatico nos lábios. O velho Curado, … que lhe conhecia de sobra o pendor … para a bravata e o exaggero, … caçou-o:

POETAS DE HOJE

Oswaldo Santiago é um poeta victorioso no meio literario carioca, de que é elle, com justiça, uma das mais bellas affirmações artisticas e onde seu nome tem hoje um assignalado destaque — triumpho esse conseguido com o seu poema de espirito modernista «Gritos do meu silencio», cuja 2.ª edição está alcançando novo successo.

A commissão organizadora da Segunda Conferencia Latino-Americana de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal, que acaba de se realizar nesta capital, offereceu, no Copacabana Palace Hotel, sabbado ultimo, um banquete em honra dos delegados estrangeiros á mesma Conferencia.

JARDIM ABERTO

(Conclusão)

— E' verdade, coronel, falta uma cousa que você não trouxe e eu estou adivinhando...

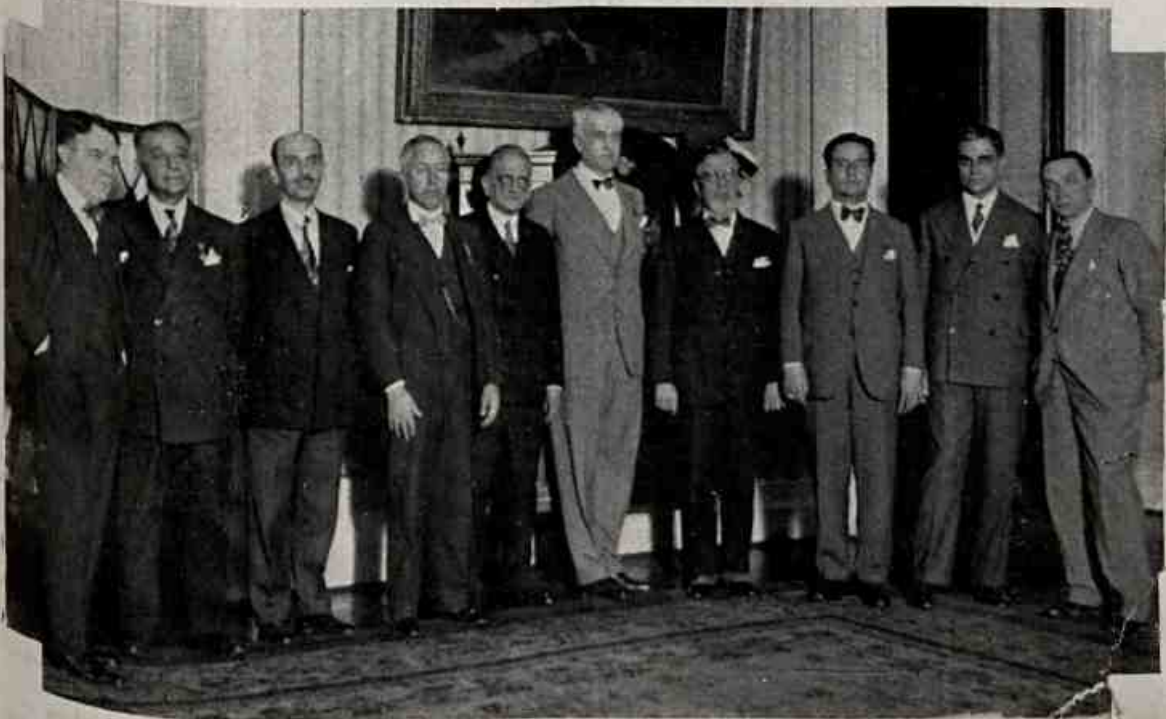
— Pois diga, general.

— Foi Artigas...

— Isso mesmo. Mas eu só não o trouxe, porque...

— Por que? — indagou Curado.

— Porque elle fugiu...

Dos canhões tomados ao dictador uruguayo pelas nossas tropas, restam dois no nosso Museu Historico. De bronze, ambos têm na bolada a corôa espanhola sobre o monogramma de Carlos IV. Nos munhões, as marcas da fundição dizem ter sido um feito com cobre de Lima (Perú) e outro com cobre do Mexico.

A delegação argentina junto á Conferencia de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal, retribuindo gentilezas que aqui tem recebido, offereceu um almoço em homenagem ao reitor da Universidade do Rio de Janeiro, dr. Manoel Cicero Peregrino; ao director da Faculdade de Medicina, dr. Abreu Fialho; ao director geral do Departamento Nacional de Saúde Publica, dr. Clementino Fraga; e aos professores Antonio Austregesilo, Henrique Roxo, Afranio Peixoto e Faustino Esposel.

FILIGRANAS

Naquelle domingo, a praia estava maravilhosa. O sol dourava as semi nudezas femininas que as aguas verdes beijavam carinhosamente. Alegria. Luz. Movimento.

No céu azul, um avião vermelho passava de vez em quando. Fez alguns remigios e desceu sobre as ondas. Pousou como um grande passaro na superficie liquida e rumou para a areia. A camisa sobre que se erguia a armação do motor e das asas deslisava celere, levantando espumas brancas como neve. Abicou á praia e por ella subiu com as rodas que logo se viram na parte inferior.

Um triphibio! exclamou alguem.

E uma mocinha de malha negra e formas esculpturaes indagou, sorrindo:

— Elle tambem subirá escadas?

A Escola de Aviação Militar commemorou, quinta-feira penultima, o anniversario de sua fundação e solemnizou a data com uma festa que teve inicio ás 7 e meia e se prolongou por toda a manhã daquelle dia. A'quella hora, a Companhia Extraordinaria de Aviação, sob o commando do tenente Santos, [...] prestava o compromisso á Bandeira, para, em seguida, desfilar em continencia ao sr. Presidente da Republica, que chegou á Escola por volta das 8 e meia, acompanhado do ministro da Guerra e outras altas patentes do Exercito. Uma esquadrilha de 24 aviões [...] fez evoluções sobre a [...] dade, alçando vôo em [...] rissando em presença [...] dr. Washington Luis [...] só depois das 10 horas [...] xou o Campo dos Affonsos. Realizaram-se, tambem, varias provas [...] vas entre alumnos da Escola de Aviação e que constituiram [...] te final das commemorações do 11.º anniversario daquelle estabelecimento. As photographias desta pagina focalizam aspectos da visita do presidente Washington Luis á Escola de Aviação.

Tres detalhes das festas com que a Escola de Aviação Militar commemorou, na penultima quarta-feira, o 11.º anniversario de sua fundação. Os aviões que formaram a esquadrilha cujo vôo deslumbrou a cidade, na manhã daquelle dia. O Chefe da Nação, quando se retirava, acompanhado das outras altas autoridades, do Campo dos Affonsos. E os soldados da Companhia Extraordinaria de Aviação prestando o Juramento á Bandeira.

ROSAS de VELLUDO

Como eu lhe contei a minha historia...

AQUELLE salão cheio de alegria e de luzes era um escárneo á minha tristeza e ás sombras da minha vida. Eu estava deslocado alli. Vendo tanta gente dançar e sorrir, feliz, deante de duas orchestras, cujas notas tinham para mim um mesmo «rythmo» plangente, uma única dolorida sonoridade, porque ecoavam magoadamente no meu desolado coração...

Até que você chegou, minha princeza de olhos verdes, e a sala toda se transformou para mim: encheu-se da sua graça deslumbrante e da sua risonha melancolia. As proprias musicas das orchestras agitaram harmonias differentes, que vibraram de maneira diversa nos meus ouvidos. Os pares que dançavam pareceram-me, tambem, menos odiosos na sua inquietação e no seu delirio festivo. Tudo mudou. Meus olhos só viam você, que era o motivo luminoso da minha presença alli. E você estava na luz, estava na musica, estava em todo o salão. Você estava na alma rutilante da festa, meu amor. Daquella festa que, sem você, não teria nenhum encanto para mim. Daquella festa que eu lembro sem saudade, porque foi lá que você me disse alguma coisa muito triste e muito dolorosa para a minha afflicta esperança mallograda...

Ainda tenho na retina a varanda meio escura onde você, depois de ouvir a minha historia amargurada, que eu tanto receiava revelar-lhe, me contou uma quasi igual, para consolar-me... Só para consolar-me, eu senti! Você percebeu que eu soffria muito e que precisava de uma doce mentira dos seus lábios sangrentos.

Você quiz, alli mesmo, na penumbra daquelle balcão romantico e frio, conhecer a tragédia da minha vida de solitario desilludido. Exigiu-me a confidencia amarga que eu lhe promettia para uma hora em que o meu scepticismo pudesse vencer a minha inquietude sentimental. E eu não pude negar á sua esplendente vontade a historia que lhe devia e que você tinha adivinhado «nas reticencias com que eu pontilhava as minhas palavras»... E contei-lha na meia sombra da varanda perfumada pela brisa que vinha do parque proximo e que lhe agitava, suavemente, a mecha de cabellos claros debruçada sobre os seus olhos verdes... A musica sonorizava, no salão, a alegria dos dançarinos. Eu não ouvia a musica nem via os dançarinos, porque tinha os ouvidos attentos á voz do seu silencio e os olhos fixos nos seus gestos desalentados. Depois, quando você começou a falar, fui eu que entristeci ainda mais. As suas palavras de piedoso consolo augmentaram a minha angustia. Porque eu lia, claramente, nos seus olhos, que você não me perdoava. Apenas disfarçava, com um sorriso lindo e triste, o desapontamento que lhe causára a minha pobre historia de infeliz. Apenas apparentava uma resignação que só existia no seu compassivo desejo de consolar-me e de afastar de mim a tortura do soffrimento.

A minha historia, adivinhada e não revelada, sempre era menos dolorosa para você...

Mauro de Alencar

MARCEL ROBERT

QUAND L'AMOUR REFLEURIT...

— Você?!

— Sim, eu mesmo, querida amiga. Admira-lhe que o destino ainda nos proporcionasse esta surpreza, fazendo-nos encontrar, aqui, em plena Avenida, depois, depois de...

— Não, pelo amor de Deus, não fale, não revolva as cinzas...

— Já tão frias, não é, do passado?

— Frias? Sim. Talvez que já o estejam, ha muito, para você.

— Sim, é possivel... Ainda, tudo, na vida, tem o triste e apagado destino das cinzas...

— Muitas vezes, porém, guardam, conservam carinhosamente, todo o calor da chamma de amor que fez, um dia, o seu deslumbramento...

— Para que recordar, pergunto-lhe eu, agora? O passado foi um sonho... todo? Um sonho, o passado.

— Sim. Não concorda? Um sonho que viveu... Um sonho que viveu, um sonho que viverá sempre, porque nós o vivemos ainda, hoje, no presente, como o viveremos no futuro...

— Perdôe-me. Não comprehendi bem o que quer dizer. Nem posso crer que se possa viver, no presente, um passado que se projectará ainda no nosso futuro.

— Meu amigo, vocês os homens parece que só sabem viver o momento presente. No emtanto, a somma de realidade da nossa vida é o passado que nos dá a vida já vivida, sentida, comprehendida, que se incorporou ao patrimonio da nossa saudade.

— Talvez tenha razão. A' proporção que os annos vão passando, vamos vivendo, mais do que passou, que do presente, que do futuro... Sim, como é profundo e é verdadeiro o que acaba de dizer. Agora é que alcancei de todo seu pensamento.

— Pois não é? Quando criança é que vivemos, intensamente, do presente; na juventude, são as esperanças e os saques contra o futuro que animam a nossa vida. Chegados á edade madura, começamos, então, a viver mais do passado, porque...

— Recordar é viver — na phrase de Julio Dantas...

— E é ter tambem a plena revelação da vida em todas as expressões da sua realidade.

— Dulce, minha filha, escute: noto que sua sensibilidade de mulher, aguçada pelo soffrimento, lhe faz facilmente penetrar na agua profunda e mysteriosa da vida. Só hoje, somente hoje, Dulce, você me deu a plena revelação do que é a mulher que eu amei loucamente sem a comprehender, então...

— Eu era uma criança. Ainda não era uma mulher... a mulher que fui, logo depois, quando comecei a viver da sua... saudade, da saudade do nosso amor desfeito... Você, meu amigo, não foi paciente, não soube ou

(Conclue na pag. 47)

«A COSTELA DE ADÃO»

Berilo Neves, na terceira edição da sua «A Costela de Adão», que hoje será posta á venda em todas as livrarias do Rio de Janeiro, ha de sentir-se gloriosamente compensado das canseiras e das angustias que trazem as actividades do espirito. Seu livro agradou. Duas edições já se exgottaram. E a terceira, que agora apparece, com um intervallo tão expressivamente curto, terá, por certo, o successo de livraria alcançado por todas ellas, e que constitue o melhor elogio que se possa fazer ao nome e á obra desse escriptor de tantas glorias e de tão grande acuidade mental. «A Costela de Adão» é, de resto, um dos maiores livros da literatura brasileira contemporanea.

(Photo De los Rios)

Collar Partido

Para o ALMEIDA COUSIN

Bem vos comprehendo, corações queixosos
Do amor que vos fallou na vida real,
E vos fallou nos sonhos silenciosos
— Terna modelação do vago ideal...

Bem vos comprehendo a magoa, os dolorosos
Instantes da alma afflicta e sem fanal,
E comprehendo tambem quão pesarosos
Seguis buscando o amôr triste e fatal...

Tambem parti na mocidade em busca
Do que vós procuraes, que tanto offusca
O olhar da juventude, num transporte...

Mas sinto no meu peito sem carinho,
Que ficarei no meio do caminho
Estrangulado pelas mãos da Morte...

NILO BRUZZI

O dr. Fernando Prestes, que exerceu duas vezes o cargo de presidente de S. Paulo, e foi deputado e senador federal por aquelle Estado durante varias legislaturas, possue nesta capital crescido numero de amigos e admiradores. Para retribuir as demonstrações de amizade que aqui recebeu emquanto permaneceu entre nós, aquelle antigo politico offereceu, no palacete de residencia do seu amigo dr. Armenio Jouvin, em Copacabana, uma recepção, á qual compareceu elevado numero de pessoas da alta sociedade. Na photographia que acima publicamos, apparece o dr. Fernando Prestes entre os seus convidados.

Homenageando a imprensa carioca, a Commissão Organizadora da Exposição do IV Congresso Pan-Americano de Architectos offereceu, na quinta-feira, 10 do corrente, um chá dançante aos jornalistas que, naquelle dia, compareceram ao Palacio das Festas. Esteve a reunião elegante com a presença de varias figuras do nosso mundanismo.

O RIO DE HONTEM E DE HOJE

Avassalador na sua marcha accelerada, o sopro de civilização e progresso, que perpassa sobre a nossa metropole, tem ímpetos de um verdadeiro cyclone: tudo destroe, tudo abate, tudo arraza. Mas logo depois, por effeitos de um milagre de arte, tudo, novamente, se reconstroe e renova. Dos escombros dos pardieiros, surgem palacios e "arranha-céos»; das viellas se rasgam ruas largas e bonitas; as praças se embellezam, se arborizam, se asphaltam; os jardins se estylizam e nos offerecem o seu sorriso de alegria vegetal nos seus matizes, no colorido das suas flores. E' uma visão da cidade-moderna, que a intelligencia e o bom gosto do sr. Prado Júnior estão construindo, que offerecemos ao leitor nestas gravuras expressivas, da praça da Bandeira de hontem e da mesma praça actualmente. Tudo novo, tudo bonito, tudo lustroso como o seu asphalto... Mas, por falar em asphalto, seria justo que o prefeito estendesse os seus cuidados ao calçamento de alguns trechos das nossas principaes avenidas, cujo asphalto se apresenta num estado lamentavel... Na praia de Botafogo, por exemplo, bem mesmo na chamada Curva da Amendoeira, e na Avenida Atlantica, entre os números 300 e 400, para só citarmos dois pontos mais dignos da attenção do dr. Prado Júnior, os automoveis experimentam verdadeiros abalos quando por ali, aos trancos, desfilam. Parece que o furacão do progresso não realizou, ali, senão a sua obra destruidora...

(Do Álbum do photographo Malta)

Balcão Florido

JANELLA ILLUMINADA

Le jour luit dans la fenêtre
Haute et vide, désormais...
Ah! sauras-tu reconnaître
De quel amour je t'aimais!

Mais um dia, mais uma semana sem que tua figurinha amiga e distante viesse illuminar, com a graça da tua mysteriosa fascinação, a janella verde do meu coração, sempre aberta, á espera da sua ingrata e querida ausente.

Enganando o seu abandono, a luz de mais um dia, que passa, doira-a de sol, um sol frio de inverno, cheio de melancolia e de saudade.

Lá dentro, só a desolação e a tristeza, o profundo silencio das coisas abandonadas.

De quando em quando a palpitação de uma aza, cortando o espaço, dá-me a esperança, logo desfeita, de que és tu que voltas, de que a avesinha tonta, tiritante de frio, fugiu, de novo, á garôa de sua terra distante, para vir pedir gazalhado "nas terras onde minhas rosas florescem."

Mas, tu não vens e, dia a dia mais, cresce com a tua saudade, a minha solidão.

Ao longe, as notas dolorosas daquella linda canção napolitana — *Fi nestra che luceva e ora non luce* — casam-se com o clamor, sem éco, das vozes da minha angustia.

E tu não vens... E tu, sequer não me dizes que sabes reconhecer... *de quel amour je t'aimais.*

Um dia, a janella illuminada e verde, sempre

o raio de sol carinhoso e bom, que fazia o seu continuo e feitiço deslumbramento...

UMA INTERPRETE DO NOSSO «FOLK-LORE» MUSICAL

A sra. Amélia Brandão Nery uma das compositoras mais applaudidas do norte, é, presentemente, nossa hospede. Na apresentação que Adelmar Tavares nos fez da sua conterranea, disse o delicioso poeta: «Entre as interpretes do nosso «folk-lore» musical, Amélia Brandão é uma artista de destaque. Pernambucana, chegou ha dias ao Rio e trouxe, na saudade da terra que o Capiberibe abraça, uma porção de cantigas regionaes, de sua lavra. Ella vae dar a sua festa, brevemente, e nessa occasião receberá os applausos que merece.» E essa apresentação vale tudo:

aberta á esperança da tua vinda, da tua volta, se fechará para sempre, ou apenas ficará entreaberta para dar guarida ás andorinhas inquietas da saudade que ella terá sempre de ti, que eras a sua festa, a sua alegria.

ALLELUIA!

O ma pensée, éveille-toi,
Ecarte, agenouillée, les rideaux frais du rêve!

E' assim que te recebe, quando já não te esperava, meu coração cheio de ti!

Descerro, *au grand complet, les rideaux frais du rêve...* do grande sonho de amor em que te trago, e — oh minha doce e querida illusão! — bemdigo o teu regresso á cabana humilde do pobre solitario que fez de ti, de tua pequenina alma mysteriosa e desconhecida, o evangelho vivo da sua crença e da sua ansia de felicidade.

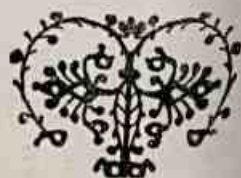
Já não te esperava, não, a ti que vieste para mim com o feitiço encanto de uma miragem caprichosa e consoladora — uma linda miragem que, um dia, se desfaria, deixando-me apenas a saudade, a infinita nostalgia do seu deslumbramento.

Tua carta, que, ainda ha pouco, recebi, trouxe-me, porém, envolta no seu suave e delicado perfume, toda a alma inquieta e ansiosa da "judiasinha selvagem" que nunca se revelou, inteiramente, a mim, que nunca me abriu completamente seu coração cheio de garôa e de melancolia.

Ainda assim, sempre vieste, quando eu já desesperava de tua vinda. Porque — perdôa-me — és mulher como as outras e... *toujours femme varie...*

Não é? Ou não serás mesmo como as ondas, como as ondas voluptuosas do mar verde de Iracema, que me cochicharam, ao ouvido — (as perfidas!) — que, como ellas, eras tambem... inconstante e volúvel?...

Até breve.

HELIANTHO

CANTICO DE PRISIONEIRO

NA pagina, que se vae ler, enleiou-se o romance de duas almas. A teia invisivel do destino prendeu as azas de dois passaros, tontos de luz na immensidade estellar, que é o Amor. E as avezinhas começaram a bater as plumas, com a ansia de ganhar o céo. Nem repararam nas azas presas, no céo longe, na angustia voluptuosa do vôo impossivel...

Esta pagina é um canto de prisioneiro, que a gente lê amando o amor, muito embora elle trave, como certas frutas verdes; amando o amor em si mesmo, até no seu infortunio, quando ainda tem voz para agradecer a Deus "a grande esmola de uma amizade perfeita e casta", que é, na verdade, um disfarce da dôr, deante da felicidade impossivel...

EU amo a sua magoa desolada. Amo os seus olhos tristes, onde as lagrimas se aninham, quaes aljôfares diminutos, e que dizem uma dôr tão grande no seu negror profundo... Seus olhos! Nunca vi olhos mais infinitamente dolorosos do que os seus... E nunca olhos humanos me mostraram tanta fascinação como os seus olhos de homem amargo e sceptico... Eu sei que, dentro delles, ha escondida uma historia commovedora e triste. E, no emtanto, você nunca me contou a tragédia que lhe abalou a vida... Não importa. Eu o comprehendo. Eu sei adivinhar, nas reticencias com que você pontilha as palavras que me diz, o seu segredo humanamente doloroso...

A's vezes, meu amigo, chego a crer que Deus nos creou para um mesmo destino e um mesmo anseio. Para que nos dessemos as mãos e, olhos nos olhos, tontos de dôr, comprehendessemos melhor a doce amargura do amor... Porque eu sou assim como você. Triste, desalentada e soffredora. Os meus olhos não têm o negror dolorido dos seus. Antes (ai! que amarga ironia!), são radiosamente verdes, cantantes de esperança — da esperança que sempre me faltou... Por mais que eu a buscasse, o coração sangrando de angustia... Mas, quem os fitar bem de perto, ha de perceber a magoa immensa que se abriga no fundo das minhas pupillas esverdeadas e luminosas... Eu, ás vezes, gargalho. Num riso breve e nervoso, faço crer aos que me cercam que sou feliz. Tenho na bocca palavras de ironia causticante. E ninguém percebe a mulher triste que sou. Só o silencio da minha alma adormecida poderá dizer da dôr que me feriu...

E, magoada como você, eu comprehendo muito bem a sua dôr silenciosa e humana. A's vezes, tenho uma piedade infinita de você. Tenho desejos de pedir-lhe que descanse a sua cabeça no meu regaço para, carinhosa como uma mãe que embalasse o filhinho soffredor, consolar a sua dôr de homem amargurado e sentimental... Assim, talvez, quem sabe?, você pudesse esquecer por minutos a grande tragedia da sua vida. E o seu espirito, livre do tormento que o flagellava, sentiria, embora por minutos, o abraço dulcifluo da felicidade.

Que pena, meu amigo, que pena que o destino não nos fizesse conhecer mais cedo! Antes do drama sombrio que nos abalou a vida... Oh! nós seriamos tão ditosos trilhando a mesma estrada! Eu teria sempre rosas perfumadas nas mãos, sem espinhos traiçoeiros e mortaes, com as quaes ungiria de perfumes o seu coração enamorado... E você, com a sua ternura immensa, a sua sêde de felicidade...

Oh! Mas tudo isso é sonho... Esqueçamos. Nós nascemos para um destino de amarguras. E devemos nos contentar com a grande esmola que Deus nos deu: a nossa amizade perfeita e casta, vehemente e sincera, embora esse grande, esse horrivel impossivel entre nós...

SAMARITANA

Baton & Rouge

A CANÇÃO DAS JANGADAS

Tenho a alma debruçada na janella verde de meus olhos, cheios de ti, mar verde e bravio de minha terra distante...

Sobre teu bôjo immenso, cor de esmeralda, estende-se a reticencia branca das jangadas que, lá, ao longe, semelham um bando de gaivotas inquietas, de azas abertas, voluptuosamente, á caricia rude e fresca do vento que agita e encrespa tuas ondas altaneiras.

•

Jangadas da minha terra, — gaivotas côr de cinza da minha saudade, — como sabeis bailar, aos rythmos impetuosos do rumoroso jazz-band do mar, o grandioso bailado da coragem, da intrepidez, da rude e nobre bravura da gente humilde e boa que sempre vos tem glorificado!

•

Sobre o mar revolto de meu coração dançae, tambem, agora dançae, a cantar a linda canção de amor e de saudade, que se eleva, da terra de que vos afastaes, para o mar encapellado que singraes, para o céo azul e sereno, onde esplende, magnifica, a festa luminosa do sol!

•

Jangadas da minha terra, gaivotas côr de cinza da minha saudade, desta saudade através de que vos evoco, carinhosa e docemente, deante da Cidade Maravilhosa, que vos não conhece, bailae, bailae, no mar inquieto da minha retina, a cantar a gloriosa canção da vossa rude intrepidez.

Que importa não vos comprehenda o humilde e silencioso heroismo a Cidade Maravilhosa, a dos seus arranha-céos, a cortar o espaço, de vez em vez, com a aza ruidosa e possante de seus aviões?

Joanidia Sodré, premio de viagem do curso de Composição do Instituto Nacional de Musica — o primeiro e unico até hoje conferido a uma brasileira; alumna do grande regente allemão Weingharten, que a distinguiu com a regencia, na capital da Allemanha, de uma orchestra onde figuravam professores da Philarmonica de Berlim, acaba de estrear no Rio, dirigindo, no dia 17 do corrente, no theatro Municipal, um grande concerto symphonico, que era ansiosamente esperado pela critica e pelo publico.

Os écos da vossa canção de aguas agitadas, de ondas encrespadas, de alvas praias açoutadas pelo vento, hão de chegar até a cidade Maravilhosa, com toda a estranha fascinação verde do mar que vos embala e que vos faz dançar, fantasticamente, a dança doida da vossa alegria de gaivotas descuidadas.

E a Cidade-Mulher, que vos não conhece, nem, talvez, vos comprehenda, ao menos poderá sentir a triumphal aventura em que, galhardamente, vos empenhaes sobre o oceano revolto da minha terra, a desafiar-lhe, de velas pandas, a impetuosa e violenta caricia dos vagalhões agitados, que rolam em rythmos desordenados, da a ansia de amor do mar.

•

Nas ruas, a multidão se agita, a Cidade Maravilhosa passeia a graça e o encanto de suas lindas mulheres.

E, não sei porque, jangadas brancas da minha terra de sol, fico a pensar que, como essas melindrosas de quadris bamboleantes, sois, tambem, dengosas, dengosas...

Porque, inquietas jangadas da minha terra de amor, como essas lindas mulheres, que trazem um coração de rouge na bocca, sois tambem, ás vezes, tão inconstantes...

Nem sempre, porém, humildes e gloriosas jangadas da minha terra de dor, porque, como as raras mulheres que ainda sabem amar e soffrer, sabeis ser tambem dolorosa e voluptuosamente amorosas...

FRAGONARD

O dr. Victor Konder, illustre ministro da Viação e figura das mais brilhantes da nova geração de estadistas patricios, foi alvo, quinta-feira penultima, de significativa manifestação de apreço, levada a effeito por numeroso grupo de commerciantes, proprietarios, moradores e operarios dos suburbios desta capital, para cujo desenvolvimento e progresso tanto tem contribuido s. ex. Na gravura acima vê-se o dr. Victor Konder, cercado de auxiliares de seu gabinete e de varias pessoas que tomaram parte na expressiva manifestação que lhe foi tributada.

ALTO-FALANTE

(Conclusão da pag. 39)

não quis comprehender a pobre criança caprichosa e tonta que, um dia, abandonou-a...

— Você, Dulce, dissera-me, cruelmente, que já não me amava, que...

— Também o odiava.

— Não, isso é certo. Mas, nada disso teria acontecido se...

— Se?...

— Se você tivesse sabido perdoar o meu arrebatamento de criança enamorada, se tivesse vindo para mim com o beijo consolador do seu perdão... Você foi cruel! Foi impiedoso! E esqueceu porque novos amores...

— Como você se engana, Dulce! Nunca, nunca amei a qualquer mulher, apesar de ter encontrado algumas que, talvez, me teriam amado... Ligações á tôa, sem expressão, sem significação, e isso mesmo para ver se esqueceria...

— As cinzas — você o disse — já estão frias...

— Não, Dulce; ellas guardaram, carinhosamente, o calor da chamma adormecida do nosso amor...

— Estou velha e feia...

— Aos trinta annos, com esse suave perfil de madona, mais linda e mais encantadora do que nunca...

— Não estaremos, não estará você, ao menos, a illudir-se novamente?

— Ninguem se illude duas vezes com a mesma mulher, com a mulher que sempre e sempre se amou... Vem, Dulce...

— Para onde?...

— Para o verdadeiro amor, para a reconstituição da nossa felicidade.

— Meu amor, meu grande amor, meu doce sonho que viveu!...

— E que viverá sempre — no passado, no presente e no futuro!...

MAX LINDER.

Contra-almirante Heraclito Belfort, chefe da divisão de cruzadores, que comboiou até Nova York o navio em que viajou o dr. Julio Prestes, presidente eleito da Republica. O contra-almirante Belfort, que já se acha de regresso ao Brasil, é uma das mais illustres figuras da gloriosa Marinha Brasileira. Solida cultura, intelligencia agudissima, probidade e caracter são attributos que dão ao contra-almirante Belfort uma posição destacada no seio da nossa brilhante Marinha de Guerra. Sua escolha para a honrosa commissão que acaba de desempenhar foi de lucido acerto e de patriotico espirito seleccionador.

Vestido de setim preto
Modelo Jean Patou

Vestido de crêpe da china dahlia chine
Modelo Jean Patou

MARCHA FUNEBRE

NOEMI PITANGA

— Mãe! Mãe! E ella? Ella voltará?

— Voltará, sim, voltará.

— Ainda é bella, e generosa, e bôa?

— Bella, generosa...

— ... prometteu que virá, que virá! Quando? quando?

— Talvez hoje, amanhã, talvez... E' longa a estrada e o caminho por demais sombrio...

— Passam-se os dias, esvaem-se as noites, e dizes sempre: "Ella voltará..." Mãe, uma nova cantiga para acalentar minha angustia! "Ella voltará... Ella voltará..." E' o miserere que tua melancolia me legará...

— ... porque ella voltará... Assim supplica tua ansia, assim não revelam teus olhos azues, tão azues e bons... E ella é tão generosa e bella!

— Senhor! Senhor! quando findará minha agonia? Senhor! quando se livrarão da cruz estes braços abertos, cansados de esperar? Senhor! Senhor!

— Tranquilliza tua afflicção! Mergulha o espirito na treva do esquecimento e do somno!

— Mãe, que tanto soffreste porque tanto amaste, onde buscaste a philosophia que te salvou? Tu, que queres abalar meus soluços quando o coração ruge, desolado e faminto... Mãe, que tanto amaste porque tanto soffreste, e sabes que o doce refugio é a Morte... onde achaste a philosophia que te salvou?

— Amanhece o dia. Anesthesia tua dôr. Ella voltará...

— Dia! Primavera de Sonho que me extingue a Vida! Primavera de Vida que me traz o Nada!

— Ella voltará... Ella voltará...

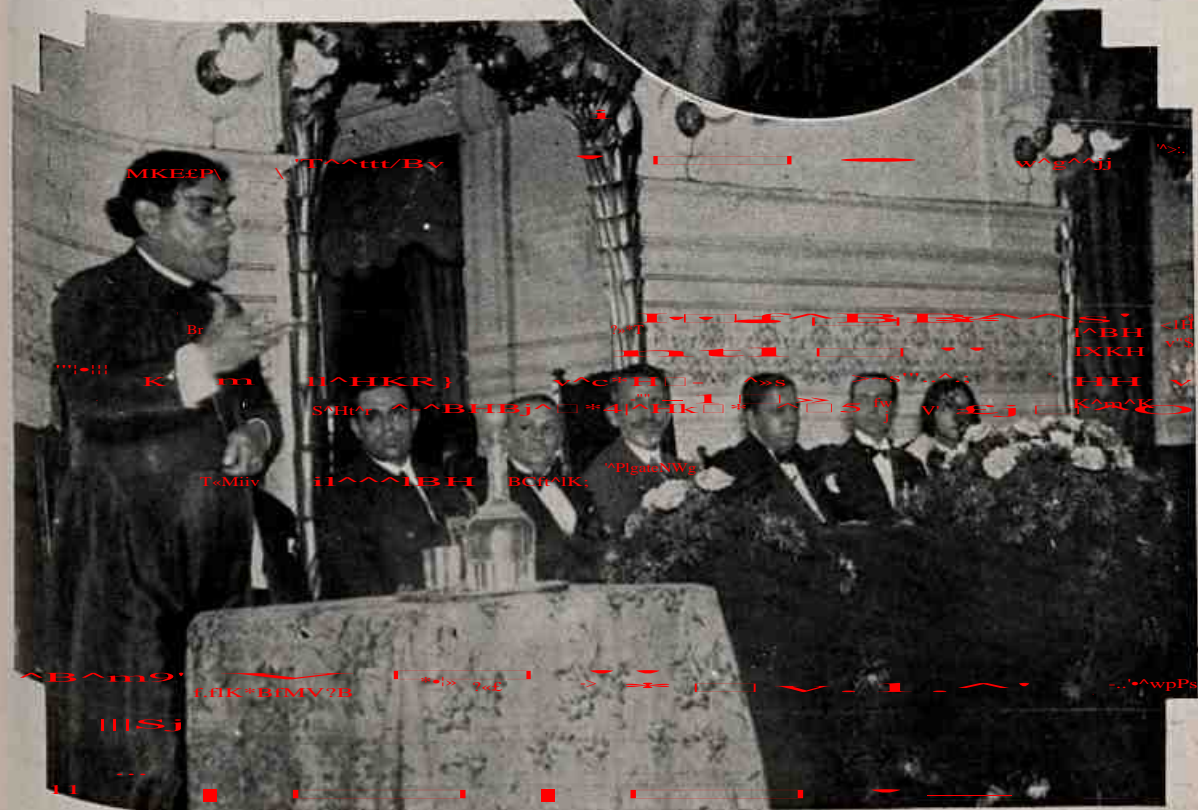
— ... achar-me-á, então, socegado e nullo... Meus olhos não a saberão reprehender, e jamais chorarão... Minha bocca obstinada e fria não mais murmurará as queixas que o tempo consumiu... E não saberá, jamais, esmagar na ansia do faminto e do vencido a volúpia que sua tocca me negou... Meus braços se estenderão, exanimes, sobre meu corpo rijo... Porque elles jamais conhecerão a magia esquisita do momento glorificador... O coração dirá, com o desespero de sua angustia incomprehendida, a miséria inaudita que eu não soube carregar... A noite vem chegando... Protege-o, Mãe; a noite vem chegando... E que a noite o receba em seu seio, no acolhimento generoso e final. Protege-o, de mansinho... Agazalha-o, para que a noite não se assombre de seu desamparo, e o regeite tambem... Passos, vozes... ao longe... não... não... Vida! Vida! porque ella jamais voltará... Vem baixando a Noite que me envolverá... Eil-a! Treva! Treva! Vem a mim! Ampara minha ultima caricia! Acolhe meu derradeiro grito!

PAULO WERNECK

FILIGRANAS

A ilha de Villegaignon boia sobre as aguas mansas ensopada no luar. Do cáes fronteiro, detendo o meu passo indolente, eu a contemplo em silencio. E rememoro a sua historia cheia de aventuras.

A velha Serigipe dos Tamoios, a ilha das Palmeiras dos portuguezes, a Villagalão dos chronistas coloniaes, é um monumento vivo de nossas tradições. Tomada e retomada, fortaleza e quartel, ella parece á flôr das ondas da bahia uma sentinella avançada da cidade maravilhosa, cujo progresso ha seculos contempla silenciosamente.

O Centro Cearense promoveu, sabbado ultimo, no salão da Associação dos Empregados no Commercio, uma brilhante festa para solennizar a posse da sua nova directoria, recentemente eleita. Durante a reunião, que teve a presença dos representantes das altas autoridades e de figuras de destaque na colonia cearense, o nosso eminente companheiro dr. Gustavo Barrozo, grande filho do Ceará e presidente da Academia Brasileira de Letras, e o illustre escriptor padre Assis Memória realizaram interessantes palestras sobre assumptos regionaes da terra gloriosa e esquecida onde nasceu o maior romancista brasileiro: José de Alencar. Focalizamos nesta pagina dois detalhes photographicos da solennidade do Centro Cearense.

Uma lembrança que não é saudade...

Meu coração palpitou num assomo
de encantamento, quando ella me olhou...
Tinha os olhos azues tão lindos como
as pervincas amadas de Rousseau...

Eu me lembrei então do philosopho egotico
(Meu coração, com amor por que tanto tu brincas?)
quando senti o suave narcotico
daquellas magneticas pervincas...

Mas perdi-a... Deixei que me fugisse...
O amor é bom quando não nos magôa...
Ah! foi melhor assim, foi melhor que partisse...
Não deixou mais do que a lembrança bôa!

Essa menina linda para mim resume
um claro instante de felicidade:
della só me ficou o ligeiro perfume
de uma lembrança que não é saudade...

E, agora, com prazer, é que eu recordo o chromo
da sua graça que me fascinou...
dos seus olhos azues tão lindos como
as pervincas amadas de Rousseau...

(Do livro, no prelo, "Flor do asfalto").

Harold-Daltro

FILIGRANAS

Falando de prodigios e agouros occorridos no seu tempo, refere-se o padre Antonio Vieira a um desses, que, em Guimarães, vo[illegible] um dragão com [illegible] asas, vermelho [illegible] de quasi um covado de comprido. Ajuntava que [illegible] Sanctius [illegible] pin[illegible] e com certidão jurada de medico ao pé.

Os medicos, pelo que se vê, [illegible] com extrema facilidade. Si alguem quizer dar-se ao trabalho de procurar em qualquer jornal a quantidade de [illegible] dados por medicos a doentes, [illegible] companhias de [illegible], não se admirará [illegible] no seculo XVII [illegible] ter visto o tal dragão [illegible] e vermelho, [illegible] covado de comprimento.

Os jogadores de polo do Gavea Golf and Country Club realizaram, domingo passado, no seu campo da Gavea, uma partida de treino desse aristocratico sport e convidaram para assistil-a varios jornalistas, a quem, antes, offereceram um almoço, na séde social do club. Deu motivo a essa homenagem á imprensa a proxima temporada internacional de polo, em que se empenharão a equipe brasileira do Gavea Golf and Country Club e a argentina, que está sendo esperada nesta capital.

TREPAÇÕES

A promessa não se cumpriu, e *madame* experimentou uma grande decepção, pois, como disse a alguem, estava longe de suppôr que o deputado fosse um vulgar

Fernanda, a galante filhinha do casal Souza Britto, e que hoje receberá as suas pequenas amigas para com ellas festejar o seu terceiro anniversario.

conquistador de mulheres incautas.

Madame foi assediada com muita insistencia durante mezes seguidos.

Na rua, nas casas de chá, nos cinemas, nos theatros, nas recepções, em toda a parte, emfim, elle apparecia, rasgando sêdas, attento, solicito, submisso, implorando a graça do sorriso de *madame*.

Ella o evitava, temendo a insinceridade do homem que era a sua sombra, evitando ao mesmo tempo commentarios que poderiam estragar certos arranjos de vida...

Entretanto, o homem era teimoso e venceu.

De muita labia, deixou entrever uma grande paixão, mostrando-se disposto a concorrer para o maior conforto do trem de vida de *madame*.

Nos tempos bicudos que correm, ha offerecimentos que só os tolos desprezam...

Madame não teve coragem de repellir o amor e mais alguma coisa que lhe offerecia o deputado...

Agora, porém, está sedenta de odio e diz que ha de tirar uma vingança á altura do embuste de que foi victima.

Elle que se prepare, porque *madame* anda fazendo gymnastica para ficar com os musculos do braço bastante rijos.

O deputado deve enviar quanto antes a joia promettida para evitar o escandalo, que póde repercutir desagradavelmente na provincia, afugentando-lhe os eleitores...

O illustre militar, apesar de reformado, ainda não desertou das lutas do amor.

E, quando encontra uma dama sympathica, faz o seu pé de alferes...

O outro dia, na Avenida, colheu um sorriso.

Um sorriso doce de mulher, na idade perigosa de Balzac...

Trinta annos, uma bocca linda e uns olhos que eram uma tentação.

O illustre militar considerou-se preso...

Desappareceu da circulação e a sua ausencia foi notada pelos amigos.

Não demorou, porem, em apparecer com uma vaga tristeza na physionomia fatigada.

Parecia preoccupado em refazer as finanças desorganizadas no curto periodo em que andou sumido...

E, a um amigo mais intimo, que indagou da tristeza que o domina, aconselhou, paternal:

— Não colhas nunca os sorrisos das calçadas da Avenida...

NÃO queremos penetrar o mysterio da casinha plantada á beira da magnifica estrada asphaltada onde os automoveis deslisam mansamente.

Confessamos, porem, a nossa admiração pelo bom gosto que presidiu ao arranjo do pittoresco *ninho*, que serve de pouso ás avesitas assustadas que temem o ruido da cidade e por isso fogem para os logares distantes, [illegible] bem longe da curiosidade [illegible]

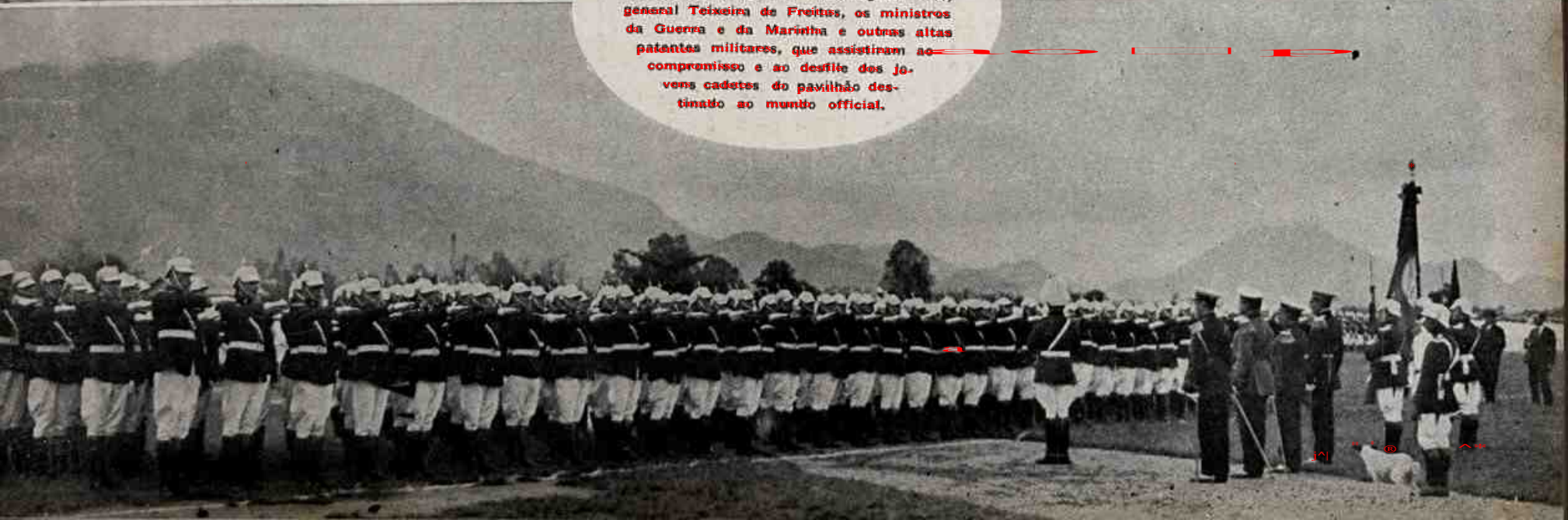
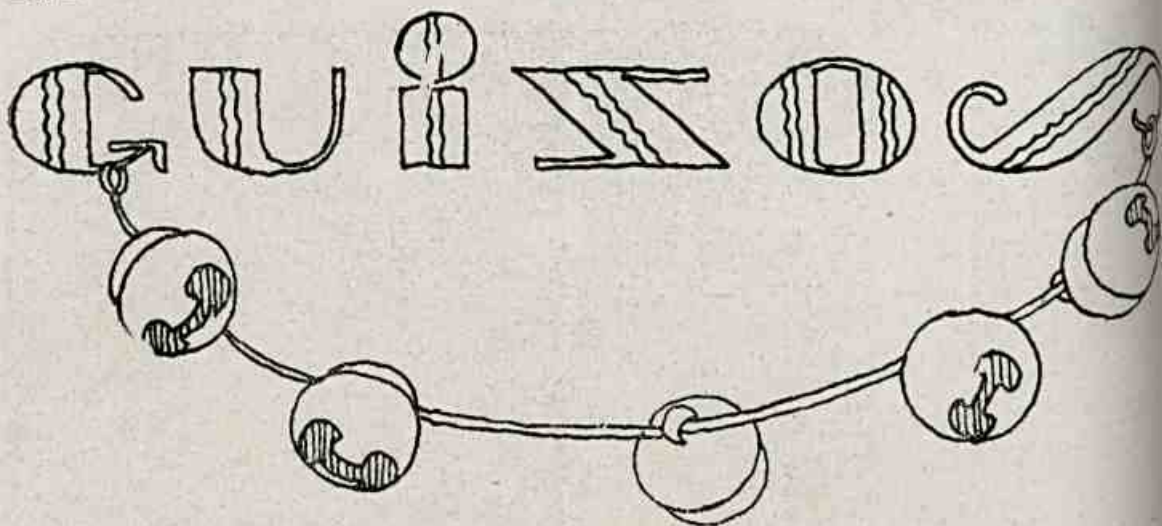
A casinha raramente abre as portas para acolher visitas.

Parece que a morena de olhos de ameixa preta é a frequentadora mais assidua da casinha risonha onde é recebida com regalias [illegible] dona...

Os numeros avulsos difficilmente apparecem.

Não queremos desvendar o mysterio do *ninho*; mas, que pirata [illegible] o rapaz casado que o inventou para as horas côr de rosa da vida!...

A joven pianista Ignez Decourt [illegible] alumna da professora d. Martha [illegible] Pinto Serva, de S. Paulo, vae realizar, amanhã, 20 do corrente, um recital no salão do Centro Paulista, [illegible] em que revelará ao nosso publico os seus meritos de «virtuose» e de expressão de sua emotividade de pequena e já grande artista, interpretando mestres como Chopin, Mendelssohn, Schubert-Liszt, Scarlatti, Brahms, Hummel, Raff e Albeniz [illegible] Liszt.

Realizou-se, segunda-feira pela manhã, na Escola Militar do Realengo, a cerimonia do juramento á Bandeira pelos novos alumnos daquelle estabelecimento. Compareceram o representante do dr. Washington Luís, general Teixeira de Freitas, os ministros da Guerra e da Marinha e outras altas patentes militares, que assistiram ao compromisso e ao desfile dos jovens cadetes do pavilhão destinado ao mundo official.

II

MINHA AMIGA. — Ha uma hora bateram fortemente á minha porta e o eco das pancadas repercutiu em toda a casa, pondo em alvoroço o meu coração. Era o estafeta dos correios. Trazia-me a sua carta.

Para recebel-a, estendi as mãos, que tremiam.

No meu rosto devia estar estampado o terror da certeza de uma noticia má...

O rapaz, rude, abriu os olhos, muito espantado, e tremia tambem, arrependido talvez do desgraçado officio que desempenha com tanta solicitude.

Quando rasguei o envelope, elle já havia fugido!

Fez bem, porque assim não viu um homem chorar, como choram as crianças, inconscientes.

Deixei esgotar as lagrimas e agora reuni forças para lhe dizer alguma coisa...

Alguma coisa, sim, porque eu não devo, não quero, nem posso traduzir neste pedaço de papel a emoção e o desalento produzidos pela carta escripta no derradeiro dia da sua vida de solteira.

Quando você receber esta, aquillo que lhe parecia um sonho se transformou em realidade amarga; você deixou de ser minha para ser de alguem!

Estamos deante do irremediavel, sim, é verdade!

Não pelo que você faz suppôr na sua carta, pois o unico empecilho que havia á nossa união desappareceu ha cerca de uma semana, numa gloriosa manhã de sol, quando me pareceu não pairar sobre a terra a mais leve sombra de tristeza!

Porque até a morta que levei ao campo santo parecia sorrir, feliz, de ter partido, de me ter deixado só...

Agora, a tragédia das nossas almas podia se transformar numa deliciosa comedia, tão do agrado da sociedade, que, nas coisas apparentes, faz repousar a moralidade dos principios que considera intangiveis e immutaveis.

Mas, que illusão, minha amiga!

Entre as nossas pessoas não se erguia nenhuma creatura humana, capaz de impedir que você fosse minha, que eu fosse inteiramente seu.

Esta verdade a sua carta m'a revela.

Você tirou-me o maior peso que esmagava a minha consciencia...

Creio bem que no seu gesto não houve sinão candura de alma, o desejo de me fazer feliz, o sublime sacrificio de se dar a um homem que você odeia, detesta, que lhe repugna.

Era necessario suffocar todos os anseios do seu coração, para a satisfação de um arranjo material.

Um negocio, minha amiga, uma questão de dinheiro...

E ahi está a barreira intransponivel que nos havia de separar para sempre...

Não possuo fortuna para salvar o pae, arruinado, que mercadeja a filha!

Como isto pode ser?!

Não tenho oiro bastante para derramal-o pelos salões onde você viceja como ornamento necessario e indispensavel.

A esta hora, você deixou de lado o seu lindo sonho de amor, porque foi uma filha obediente...

Comprehendo tudo!

Só não comprehendo a loucura da sua carta.

Ardo em febre, uma febre que me inquieta, que augmenta á medida que a penna corre sobre o papel.

Tudo acabado!

Nem você me resta, minha doce amiga...

Comprehenda o meu desespero, a minha dôr.

E quanto esse homem, que está ao pé de si, é feliz, vivendo da illusão do seu amor!

Você não tem o direito de o fazer desgraçado, tirando-lhe a certeza de que o amor se compra, quando ha muito dinheiro...

Não chore deante delle, para evitar a primeira suspeita...

Quando você sentir que vae brotar nos seus olhos a primeira lagrima, tenha o cuidado de apagar a luz do abat-jour...

Quando o beijar, peço-lhe, imploro-lhe, não pense em mim...

Devo contentar-me com a felicidade que passou, que me fugiu das mãos...

Devo esquecer o noivado de um grande amor que morreu, que não é possivel reviver...

O minuto sublime do amor não se renova.

Nem é possivel repetir para os meus olhos deslumbrados o espectaculo singelo de um vestido branco, correndo, avançando para os meus braços abertos, para a festa de dois corações.

Estamos sufficientemente castigados.

Deus fez-me sentir a extensão do meu peccado para o purgar com resignada serenidade.

Menti, atraiçoei, deshonrei-me!

Mas, não tenho o direito de metter uma bala na cabeça, pondo termo a este soffrimento.

Eu necessito viver, necessito dar á minha Mãe a illusão de que sou feliz, muito feliz, para, quando ella fechar os olhos, fazel-o tranquillamente, como quem vae dormir, sonhar...

Tenho uma filha que carece do meu amparo, do meu auxilio, tão tenra ella é...

Nunca precisei tanto da indulgencia alheia, como agora.

Perdôe ao seu amigo que tanto a quiz, que tanto a quer...

Você talvez duvide da minha sinceridade aconselhando-a a fazer a felicidade do seu marido!

Talvez só muito mais tarde você venha a comprehender o meu conselho e as minhas palavras.

Quando lhe nascer uma filha, você verá que não podemos dispôr da nossa vontade para coisa alguma na vida, que somos fantoches do Destino, movidos pelos cordéis invisiveis do Acaso...

Devo lhe parecer infame, falando assim, ao coração...

Ah! mas isto não pode ser...

Sinto a minha infelicidade como creio na sua.

Porém, peço a você que faça feliz o homem que comprou um titulo de marido, com a obrigação de salvar uma familia arruinada de todos os seus haveres.

Para acabar os nossos dias, menos tumultuosos, precisamos não fazer a mais ninguém desgraçados...

E, diga-me, minha amiga, que fui perdoado! — R.

"FIOS DE PRATA"

O livro de estrêa da senhora Sylvia Serafim (Pe-Lis-Soucei) — edição de A. Coelho Branco Filho — é um livro feito de ternura e de dôr, de resignação e de soffrimento, e reflecte uma sensibilidade feminina que se insinua e commove a nossa sensibilidade de homem.

Trinta e oito poemas de impressiva belleza e de suggestivo desalento. Paginas dolorosamente humanas em que se debate, insatisfeita, a angustia de um coração de mulher que soffre e comprehendeu a vasta inutilidade da vida. Em cada trecho dessa symphonia da dôr se agita a figura do poeta, que derrama na alma do leitor um pouco de consolo e um pouco de bondade.

A escriptora, que é um espirito de grande vibração, dedica a sua obra a todos aquelles que a lêem e soffrem, para dar-lhes a palavra piedosa de quem não sabe odiar, porque nasceu para o soffrimento e para o amor.

"Levo minha dôr, nos braços, como si fosse uma criança — escreve ella. — Levo minha dôr como pobre pequenina muito enferma, recostada sobre meu pobre collo. E não me revolto contra seu peso, nem penso em abandonal-a, porque sei que a não esqueceria minha memoria inexorável."

O livro é todo assim. Perfumado de melancolia. Sobriamente emotivo. Cheio de sentimento. Delicado. Tagorianamente simples. Magoadamente lyrico.

A sra. Sylvia Serafim, que collabora em varios orgãos da imprensa do Rio e de S. Paulo e é um dos mais expressivos valores femininos das nossas letras, escreveu em prosa rimada um bello livro de poeta.

Em companhia de sua exma. esposa, viajou para o Ceará, a bordo do «Commandante Ripper», o coronel João Baptista Lopes, alto commerciante e industrial em Fortaleza, de cuja sociedade é figura das mais representativas. O embarque do distincto casal foi muito concorrido, notando-se no cáes do ponto numerosos amigos e pessoas da familia dos dignos viajantes, entre as quaes o nosso prezado companheiro de redacção, dr. Elcias Lopes.

O dr. Manoel Caldeira de Alvarenga, que acaba de ser nomeado consultor juridico da Directoria de Obras e Inspectoria de Contratos e Concessões da Prefeitura do Districto Federal, foi, por esse motivo, domingo passado, banqueteado pelos seus amigos e admiradores, que lhe offereceram um almoço, no Beira-Mar Casino.

Sob os auspicios da General Electric S. A., realizou-se nesta capital, nos dias 31 e maio e 1.º de junho ultimos, o Primeiro Congresso de Revendedores de Lampadas Edison Mazda, que reuniu cerca de 180 representantes dos Estados, e cujos trabalhos foram dirigidos pelos srs. Heman Greenwood, L. L. Lacombe e G. V. Armando.

FILIGRANAS

Conta João Francisco Lisboa, o grande escriptor maranhense, que era costume, ahi por mil oitocentos e cincoenta e tantos, na tradicional festa dos Remedios, em S. Luiz, eleger-se um rapaz elegante para ser o *leão* da moda da cidade durante um anno. Tal qual hoje em dia se usa com as misses. Aqui no Rio já houve um desses concursos de belleza masculina, cabendo de premio ao rapazelho escolhido um automovel. Como se vê, nada, segundo se tem mil milhões de vezes repetido desde os latinos, é nova debaixo do sol que nos alumia.

A SABEDORIA ANONYMA

A intelligencia progrediu e adaptou-se ás descobertas scientificas, os costumes tornaram-se differentes segundo os climas, a temperatura, as religiões; evoluiram com as guerras e os regimens politicos.

COCAINA

A melhor fôrma de ser amado é não amar.

* * *

Só vence quem atropela muita gente pelo caminho...

* * *

Saber sorrir não é facil...

* * *

O homem que ri é um animal pouco interessante.

Mario [illegible]

Um flagrante da solennidade da posse da nova directoria da Sociedade Theosophica do Brasil, realizada ha dias. A Sociedade Theosophica foi fundada pelo saudoso general Raymundo Pinto Seidl e conta, actualmente, com vinte e cinco lojas, espalhadas pelos diversos Estados. Seu novo presidente é o dr. Caio de Lemos, fazendo tambem parte da directoria recem-empossada a escriptora Rachel Prado.

Duas scenas

JA' toda gente ousa hoje falar em pão do espirito — até certos trabalhadores braçaes para quem "espirito" é, apenas, alcool veio engarrafado, que anima os musculos para a energia de enfrentar a tarefa.

Como vêem, todos julgam facil interpretar o Evangelho — nem só de pão vive o homem...

Entretanto, é pelo pão — pão de bocca — que se altera, muitas vezes, o espirito, isto é, a polidez, a educação, a casta e os pendores das crias humanas.

Do appartement que ora occupo, com uma saleta-mirante que domina os predios contiguos, á direita e á esquerda, assisto, sem o querer, num après-midi domingueiro, ao almoço, o classico almoço, de alguns caixeiros-viajantes (pensão á esquerda) e á frugal refeição de uma viuva precoce, que acabára de amamentar o filhinho (pensão á direita).

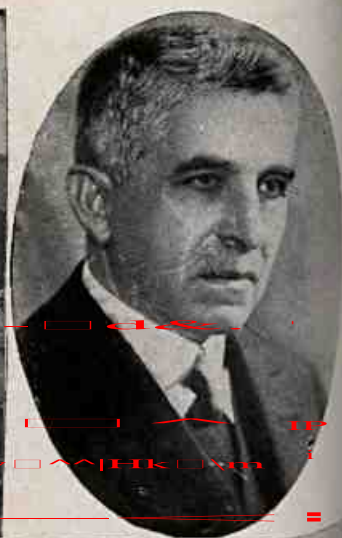
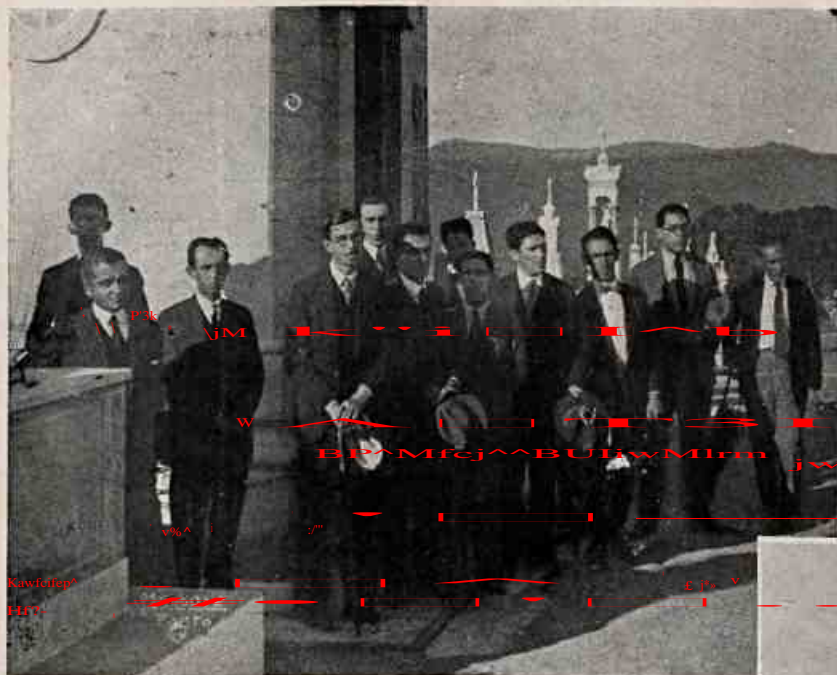
Os caixeiros sentaram-se todos, rumorosamente, em mangas de camisa, trauteando uma copla do Forrobodó ou coisa identica: devoraram uma sopa de caldo de cozido, um pratarraz de macarrão de cocúlo, uma feijoada completa, dois bangos de cabidella e outras entradas de ida e volta, regadas a Alvaralhão, ou qualquer semelhante tintura de... ôvas; fumaram cigarros e charutos, trocaram sopapos de experiencias, bateram familiarmente á anca da copeira, etc., etc.

Do outro lado (a pensão á direita) a scena foi esta:

A linda viuva joven, de faces macerulas, amamentou o filhinho, depôl-o suavemente ao berço e sentou-se á janella, sugando uma a uma as uvas de um pequeno cacho, como quem colhe um adereço de beijos; bebeu meio copo de agua, foi ao berço verificar o somno da criança, beijou-a e ajoelhou, depois, agradecendo a Deus a refeição... — Nem só de pão vive o homem... Pudéra!

Até pelo pão se leva
a sorte que veio a ter,
pois, se uns vivem para a céva,
outros vivem por viver...

E quem vê taças aos bórcos,
entre pratos devastados,
crê que, justo, homens e porcos,
pedem ser classificados.

E não façamos muchôchos,
maxillares e gargantas:
pois si ha pratos que são côchos,
ha os que são hostias santas.

A comarca de Varginha, com a inauguração, a 23 do mez passado, do monumento do integro e nobre magistrado que foi o dr. Antonio Pinto de Oliveira, prestou á memória de um dos maiores filhos daquella linda e prospera localidade mineira, o tocante culto da sua veneração, perpetuada no bronze — que alli se erige. O acto dessa inauguração revestiu-se de imponente brilhantismo, como attestam os vários aspectos que fixamos nesta pagina, onde se vêem: ao alto, á direita, o retrato daquelle saudoso patricio, e, á esquerda, o actual juiz de direito de Varginha, acompanhado de seus collegas de fôro, em visita ao jazigo da familia Pinto de Oliveira, onde depositaram rica corôa; no centro, o monumento erigido, e, em baixo, o mesmo, ao ser inaugurado.

Henrique Sálvio

Por Padua de Almeida

O desenhista Henrique Sálvio é todo elle uma alma, e só uma alma.

Seus nervos são tão afinados como o luar numa noite sem nuvens.

E' um temperamento claro, silencioso e agudo.

Quando desenha, seu traço desmancha-se em linhas brancas e diaphanas, que se assemelham a ondas de incenso batidas pelo vento...

E' um desenhista do sonho. Como os antigos chinezes, scisma antes de pousar o nankim sobre a téla, impregnando de enlevo os seus trabalhos. Elle mesmo se define: "Sou alguem que busca no espirito a sua arte". E, dizendo essas palavras, realiza o que deseja de si e da sua habilidade. Desenha "Macula alba" e "Irresistivel attracção", que são duas sombras de sua alma.

Em "Macula alba", deixa um Pierrot a soluçar dentro de uma teia de saudades, — a cabeça diluida em véos de mágoa, o perfil amortecido numa atmosphera de abandono, as calças de sêda a se sumirem nos reflexos de uma luz fosca, a bata complacente e alvissima.

Em "Irresistivel attracção", adoça as curvas anatomicas de um fauno imberbe, um fauno que tem no corpo suave um quê de sensualmente feminino, e que, nú e translucido como as folhas de um junco sahido da agua, procura, com um sorriso cynico, enlaçar uma borboleta que lhe vôa junto á nuca. Além desses trabalhos, salientam-se dezenas mais de Henrique Sálvio.

Ha, por exemplo, a "Dança malaia". Um bailarino malaio, saltando, gracioso e tragico, a segurar as pontas de uma faixa quasi immaterial.

E "Pierrot e Arlequim, congraçados", em que este atira por cima daquelle mancheias de rosas, — um e outro movidos pela alegria ingenua de uma felicidade commum. Os dois se desarticulam aos rythmos de um *black-botton*, e parecem duas crianças.

"O bom mandarim", outro quadro de Henrique Sálvio, faz recordar os tempos de Meng-Tssé: os philosophos, debaixo dos galhos das cameleiras em flôr, alinhando signaes no tecido vidrado, retocando os hierogrammas em silencio, emquanto as suas filhas, de ventarola em punho, dançavam ao som de flautas e campainhas...

Alli está toda a sabedoria chineza: pura e amavel como os arrozaes á brisa da tarde. Faz lembrar os dictames do "Ta-Hio" e os versos do "Chi-King".

Mas, Henrique Sálvio projecta ainda a sua sensibilidade para outros motivos differentes. E o seu lapis, fino como um raio de luz, volta-se para a Russia impiedosa, e cáe em cheio entre as charnecas do Don. Cáe, e torna-se vigoroso e barbaro, traçando um cossaco gigantesco, o açoite á mão, as sobrancelhas duras como lanças, — magestoso e rude.

"Cossaco" é um trabalho forte, um dos mais possantes que já vi no genero. Deante delle, tem-se a impressão de ouvir o *knout* estalar, zunindo na pelle de algum infeliz; e escuta-se, sem querer, um barulho de patas escarvando a terra; e gritos dir-se-ia que sôam atraz da poeira que as cavalhadas erguem de subito em nossa fantasia.

* * *

Eis, nestas phrases rapidas, o que imagino da arte desse jovem pintor que é Henrique Sálvio. Sálvio, andando, falando ou desenhando, é sempre uma alma. Seu talento foge á materia, comquanto se esforce por viver integrado nella.

E' um artista requintado e "sui-generis".

Alheiado da multidão, elle olha a todos com aquelles seus olhos indefiniveis, — que ora são de um verde nebuloso, ora se afogueiam em tons de chamma, — e assim passa a sua existencia, livre, sceptico, sem imitar a ninguem, aperfeiçoando comsigo mesmo a sua arte.

Henrique Sálvio é um pintor de grande significação entre os modernistas, porque tem sensibilidade e um dom creador evidente.

Sua exposição ha-de mostrar aos esthetas do Rio culto o quanto esse artista é pessoal e subtil.

Aguardem a exposição de desenhos de Henrique Sálvio, e certifiquem-se, por si proprios, da justiça das nossas palavras.

A mulher do véos, desenho de Henrique Sálvio.

— Encontrei-me, hontem, com teu marido. Mas elle não me viu.

— Sim. Elle já me disse:

*

Em um jornal da manhã foi publicado o seguinte annuncio:

"A pessôa que levou um sobretudo do cabide da casa numero tantos da rua tal póde retirar tambem o cabide, o mais depressa possivel, porque este, sem o sobretudo, não serve para nada"

*

— Pedrinho, parece mentira que só saibas contar até dez!

— Em compensação, papae, posso dizer-te a longitude de onda de todas as estações de radio do Rio de Janeiro.

*

— Não ha nada como a gente ser honrado... E' sempre melhor!

— Por que o dizes?

— Lembras-te daquelle cão que roubei a noite passada? Pois não encontrei quem désse por elle mais de dois mil réis... Então, levei-o á senhora a quem o havia roubado, e ella me deu dez mil reis por tel-o achado...

*

Dois inglezes recem-casados installam-se em um carro de primeira classe no nocturno que vae para Juiz de Fóra.

O marido toma a palavra:

— Meu anjo, estás bem aqui?

A senhora responde:

— Sim. Muito bem.

— Não sentes frio?

— Não.

— A janella está bem fechada?

— Perfeitamente.

— Então mudaremos de logar...

*

Em um restaurante da cidade, o gerente percebeu que Judeu Kahám, um dos seus freguezes mais assiduos, parece falar com um pescado que tem no prato. Aproxima-se delle.

— Mas... está falando com esse peixe, senhor Kahám?

— Creio que sim.

— E elle entende o que lhe diz o senhor?

— Perfeitamente.

— E que lhe pergunta, si não é indiscreção?...

— Pedia-lhe noticias de meu primo Blum, de Budapesth.

— E que lhe respondeu elle?

— Apenas isto: "Não posso responder-vos, senhor Kahám. Ha mais de dez annos que me tiraram do Danubio."

*

O medico. — Si eu me descuidasse, não chegaria a tempo.

O amigo. — Estava assim tão grave o enfermo?

O medico. — Grave não estava. Mas é que, por um dia mais, ou dois, se curaria sem a minha intervenção.

*

Ella. — Recordas quando nos casámos? Era no rigor do inverno.

Elle. — Sim. E ainda sinto calefrios quando o recordo...

*

— Hontem pregaram-me uma pilheria pesada.

— Que foi?

— Convidaram-me para um chá-dançante... e serviram chá!

*

— *Garçon*, traga-me a conta.

— Quer detalhada ou em globo, senhor?

— E' melhor detalhada. Em globo subiria muito.

*

A bordo.

— Eu viajo a conselho de meu medico. E o senhor?

Que descoberta!

Neste seculo grandioso,
Descobriu-se mais um sól:
O poder maravilhoso,
Do sabonete Euczlol.

— Eu? A conselho de meu ad-
gado...

*

— Seu guarda, leve-me pre-
Acabo de dar dois tiros em minha
mulher.

— E matou-a?

— Não. E é precisamente por
isso que quero ser preso.

*

Entre ladrões.

— Que queres dizer com
vaes ao banco sacar dinheiro? ...
eu saiba, não tens fundos alli.

— Não. Mas tenho um revolver
aqui.

*

— Eu, senhora, não falo nunca
do que não sei...

— E o senhor não se aborrece
de parmanecer eternamente ca-
lado?...

*

Elle. — Hontem á noite, sonhei
que me havia casado com a mu-
lherzinha mais linda do mundo.

Ella. — E eramos felizes?...

*

No confessionario.

O sacerdote. — Senhorita...

A telephonista (*distrahida*).
Numero, faz favor?...

*

O director de um jornal de certa
cidade do interior publicou no seu
orgam uma nota assim concebida:

"Meu empregado comprou ...
kilos de assucar em um armazem
e eu verifiquei, em casa, que fal-
tavam duzentas grammas. Si não
mandarem para a redacção as du-
zentas grammas de assucar, ama-
nhã darei o nome do armazem
onde roubam cem grammas em
cada kilo de assucar."

Tres horas depois de ter sahido
o jornal, recebeu o director ...
senta pacotes contendo cada um
duzentas grammas de assucar, dos
sessenta armazéns da localidade.

*

— Querida, lamento ter que di-
zer-te que estou arruinado.

— Oh, Deus! Quer dizer, então,
que me casei comtigo por amor?

Notas de Arte

Oscar D'Alva

CARLOS ZECCHI — Encerrou-se na tarde da penultima 4ª feira, 16 de Julho, a série de 5 concertos realizados no Theatro Lyrico pelo grande pianista italiano Carlos Zecchi. Foi um dos maiores successos da estação musical a que estamos assistindo. Programma de artista familiar com todos os mestres do piano, figuravam nelle o *Concerto em sol-maior*, de Vivaldi; a *Partita em si-bemol*, de Bach; 6 *Sonatas*, de Scarlatti; a *Fantasia*, op. 17 de Schumann; a *Barcarola*, 2 *Estudos* e a *Poloneza*, op. 22, de Chopin. A todas as peças deu interpretação technica e sentimental, como só o podem fazer os pianistas excepcionaes. Applaudiu-o o publico com incontido enthusiasmo. Houve mesmo momento de verdadeiro delirio quando Zecchi executou com magistral, com incomparavel pericia as *Sonatas* de Scarlatti. Não nos lembramos de ter ouvido melhor ou siquer igual execução. Scarlatti redivivo julgaria Zecchi co-autor dos poemas sonoros, tal a maravilha da interpretação. Outra execução maravilhosa foi a dos *Estudos* de Chopin, onde a bravura e a sentimentalidade se fundiram no mesmo esplendor de radiosa e empolgante poesia. Sentiu-se o auditorio verdadeiramente arrebatado.

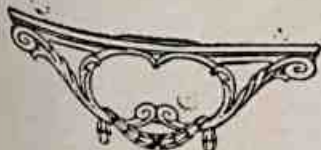
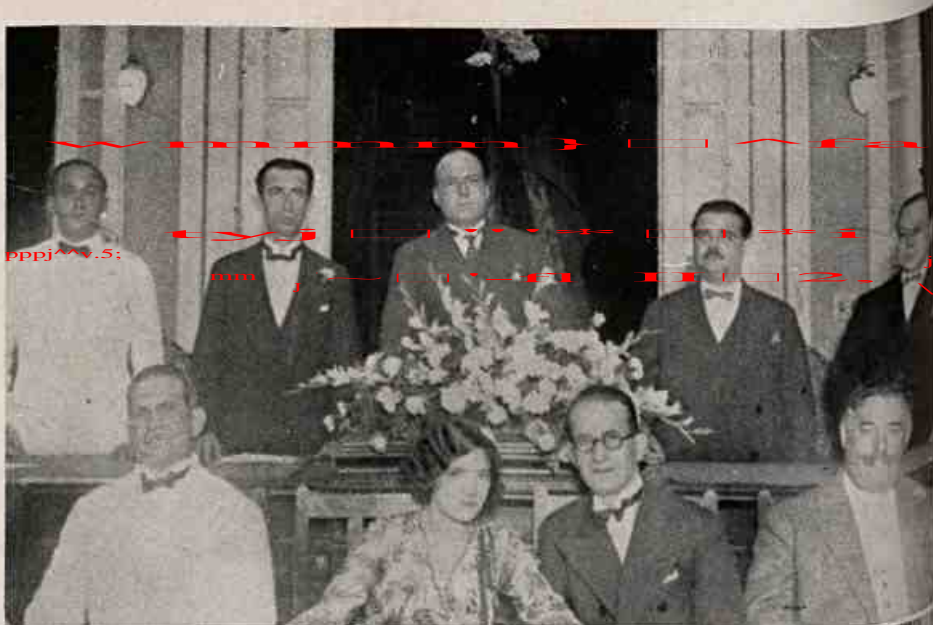
A nossa sensibilidade só foi diminuida pelas impressões visuaes. E' pena que o artista não elimine certos movimentos da cabeça, certas attitudes artificiaes, que perturbam a audição dos poemas. Muitas vezes, para evitar a má impressão visual, voltavamos o rosto, deixando de vêr o pianista, para gozarmos melhor todo o esplendor das maravilhas sonoras. Mas, elimine ou conserve os artificios mimicos, Carlos Zecchi é sempre um grande, um extraordinario, um genial pianista.

PERY MACHADO — Só nos foi dado ouvir o 2º dos dous concertos realizados no Theatro Lyrico pelo notavel violinista Pery Machado. Ouvimol-o através da *Sonata*, de Bach; do *Poema*, op. 25 de Chausson; de *Berceuse romantique*, de Kreisler; das melodias tradicionaes hebraicas de M. Elman — *Eili-Eili* e *Lagrimas de Israel*; de *O canto do cysne negro*, de Villa Lobos; do *Tango capricchoso*, de Francisco Braga; de *Zephyr*, de Hubay.

Mariazinha Alves, primeiro premio de piano do Instituto Nacional de Musica (medalha de ouro), por unanimidade de votos, antiga alumna de Henrique Oswaldo, realiza, hoje á noite, no salão nobre desse Instituto, notavel recital, que, certo, justificará o nome de que já goza a juvenissima pianista.

Bella figura, bôa technica, sensibilidade communicativa, tudo concorreu para o exito do artista. Só não nos pareceu corresponder-lhe á virtuosidade, o som do instrumento. Desejavamol-o menos aspero. O que aliás não significa tenha deixado de agradar e commover. Sem falar na sonata classica de Bach, que revelou o saber technico do violinista, e nas pequenas peças de Elman e Hubay, admiramos principalmente o *Poema* de Chausson e *Berceuse* de Kreisler, onde o artista soube transmittir ao auditorio todo o lyrismo commovente das duas composições. Não esqueçamos tambem os dois *extra*, de generos oppostos, mas primorosamente executados: *O cysne*, de Sain-Saens e a *Jota* de Falla.

MARIA DA GLORIA RIBEIRO FRANÇA — Não é possivel dizer com justiça da impressão deixada pela Srta. Maria da Gloria em o seu recital de estréa, como violinista, no I. N. de M., em a noite do ultimo sabbado, e onde figuravam: I) Corelli — *La folia* (variações sobre um thema espanhol); Saint-Saens — *Concerto*; II) Villa-Lobos — *A lenda do caboclo*; F. Chiaffiedelli — *Badinage*; E. Guerra — *Capricho Brasileiro*; III) Cyril Scott — *Lotus Land*; Saint-Saens — *Rondó capriccioso*. A timidez, o nervosismo que se apoderou da estreante, foi num crescendo tal, que não permittiu concluisse a execução do ultimo numero do programma. Julgal-a nessas condições seria crueza e não justiça. Esperemos nova prova.

Em todo o caso, devemos registrar que o auditorio animou a jovem violinista com muitos applausos, e que não foram de todo immerecidos os que ovacionaram a execução de *La folia* e *Capricho Brasileiro*.

O Centro de Commercio e Industria de Materiaes de Construcção commemorou brilhantemente o 16.º anniversario de sua fundação, inaugurando o edificio proprio da sua séde social, á Avenida Henrique Valladares. Essa solennidade realizou-se segunda-feira á noite e teve a presença de elevado numero de representantes das classes filiadas áquelle Centro. As nossas photographias representam a directoria do Centro e seu conselho consultivo por occasião da festa commemorativa do seu anniversario.

FILIGRANAS

A minha liberdade vale ouro. Não a vendo por dinheiro algum. Não a troco por posição alguma. Não a mercadejo por nada deste mundo. Ella tem a força que o primeiro Antonio Carlos poz nestes versos antigos:

Livre nasci, vivi, e livre
[espero
encerrar-me na fria se-
[pultura.

Entretanto, o culto que ardorosamente lhe dedico, as privações que por ella faço, tudo isso desapparece e se extingue quando resolvo dal-a de presente. E o que eu não venderia, não trocaria e não mercadejaria, esbanjo de coração quando por este me entrego, corpo e alma.

O' liberdade! tu serves unicamente aos homens de sentimento para a galhardia das attitudes e para a gloria dos gestos.

* * *

Em 1688, uma provisão real prohibia que os governadores, no Brasil, consentissem na collocação de retratos seus nas camaras municipaes ou em quaesquer outros estabelecimentos publicos. Tal honra — preceituava a referida provisão — sómente poderia ser concedida por Sua Magestade mediante representação escripta das mesmas camaras.

Era bem util que um deputado se lembrasse actualmente de fazer passar uma lei semelhante, impedindo a abusiva multiplicação de homenagens de encommenda feitas a granel aos passageiros poderosos da Republica.

Si ella fôsse approvada e decretada, os chaleiras, coitados! malariam, para, depois inventarem outra cousa...

«Maquette» do futuro theatro Carlos Gomes, cuja reconstrucção será, dentro em breve, iniciada pela Empresa Paschoal Segreto.

GARÔA.

Hamburgo á noite

Uma farandola de alegrias. Uma fascinação de luzes onde o "jazz" pipoqueia e o vinho generoso accende nas veias labaredas de gozo...

Sanct-Pauli, o quarteirão dos divertimentos, resplandece com os seus cartazes luminosos, as suas variadas orchestras e o seu incrivel movimento de forasteiros ansiosos de viver a vida!

Aqui é o *Zillerthal*, especie de bodega bavara, onde os *habitués* cantam e dançam sobre as mesas, empunhando taças de cerveja loira; além o *Alcazar*, cabaret de luxo, frequentado pelas primeiras familias da cidade, um eden de attracções para todos os gostos, com as suas danças, as suas bolas de gaz e os seus gigolôs elegantissimos... E dizer que, atraz dos bastidores, toda a Allemanha ainda soffre as consequencias da guerra, peores que a propria guerra!

Dois e meio milhões de gente sem trabalho! E o governo do *Reich* sustentando esses milhões e tendo ainda nos hombros, curvando-os, nas mãos, algemando-as, no rosto, amordaçando-o, o maldito tratado de Versailles...

Hamburgo. Chamam-na a Veneza do norte. Talvez por estar situado á margem do Elba, que se junta ao mar, onde aportam os grandes transatlanticos, vindos de todas as partes do mundo; talvez porque, através da cidade, correm as aguas azues do Alster, pequeno rio, carregado de barcos a vela, e de pequeninas embarcações de todos os feitios.

Hamburgo. Uma vida commercial intensa, uma grande cidade moderna, com bellissimas vivendas em *Blankenese* e nos arredores frondosos do Alster. No coração da cidade, o *Trocadero*, outro cabaret chic, onde as melodias tziganas concorrem com os tangos argentinos, ambos voluptuosos e febris como os sonhos opiados da casa de Fu-Yang...

Ha quatro dias que Hamburgo me prende com sua alegria bizarra, cheia de sombras, que no seu asphalto derramam as torres das egrejas antigas e os arranha-céos modernos... Ha quatro dias que os meus sapatos, genuinamente brasileiros, pisaram este sólo, onde Henri Heine rabiscou tantos versos, onde, por uma centena de annos, governaram os Hohenzollern... E a derrocada dessa dynastia valorosa é uma das pequenas fatalidades da grande guerra. "Os tempos estão maus" — diz-me um velho hamburguez, descendente de uma antiga familia patricia. As fallencias se multiplicam, a superproducção desmancha as ultimas esperanças dos optimistas. E em todas as camadas sociaes se percebem as consequencias terriveis do veneno... communista.

No emtanto, para quem vem de uma terra tristonha, onde a vida

Hamburgo á noite

(Conclusão)

nocturna ainda é uma utopia, onde a sociabilidade é muito restricta, Hamburgo, apesar das suas fallencias e dos seus males *aprés-guerre*, offerece um espectaculo inédito de enthusiasmo e de vida.

Hoje mesmo, o caminho de ferro nos levará para o sul, onde me esperam corações amigos. Hoje, ao declinar do dia, passarei por outras cidades e outras villas, pois, fugindo á fascinação desta Veneza alegre, que se mira vaidosa no Alster e soluça os seus queixumes sobre o Elba, que, marulhando, embala o seu coração de bohemia, vou em busca de um recanto socegado, onde os meus nervos tensos encontrarão a calma desejada.

Senhorita Lindalva Rodrigues Barreto, residente em Pernambuco.

Mas, dizendo adeus a Hamburgo, ainda uma vez eu penso que partir é morrer um pouco...

Ou então quem viaja deve deixar o sentimentalismo em casa, bem fechado num velho bahú, ou numa gaveta entre cartas esquecidas e flores murchas...

Mas, não sei si por inadvertencia ou por atrapalhação, não me lembrei, ao partir, desse importante pormenor, e trouxe commigo essa coisa sem valor, inutil, absurda, que me faz ficar pensativa nos lugares mais alegres, e me orvalha as pupillas ardentes, quando escuto o apito de um trem que parte...

Esse absurdo sentimentalismo, tão fóra da moda como os carros de boi e as gravatas de laço dos poetas que passaram... E direi que eu o trouxe commigo, através do oceano, que me acompanha os passos nas ruas estrangeiras, e sóbe commigo para o meu quarto de hotel modernissimo com todos os requintes de conforto e de luxo...

Sim, trouxe-o commigo, como outros trazem a sua *mascotte* bem juntinho ao coração, do meu coração, cada vez mais brasileira, cada vez mais sentimental...

COLOMBINA.

A CASA DE PIG

UM pensador profissional dizia: "As idéas pessoaes são idéas que cada um deve guardar para si."

Meu amigo Pig não é da mesma opinião. Tem idéas pessoaes, mas as communica a seus contemporaneos. Faz ainda mais: realiza-as. Como o cerebro de meu amigo Pig é muito vasto, tem idéa sobre muitas coisas, mas especialmente sobre architectura.

Recentemente, foi construida uma casa. E' desconcertante! Nunca eu tinha visto coisa parecida. Tem aspecto exotico. Cada uma de suas fachadas mede [illegible] metros na base e trinta metros no alto.

Pig explicou-me o segredo dessa raridade.

— Acho idiota — disse-me — que as casas estejam pegadas umas contra as outras. Com meu systema de construcção triangular, as casas só se tocam na altura dos telhados. Por terra, a circulação é livre. Caminha-se como se passasse debaixo de arcadas e — segunda vantagem — a justaposição dos tectos forma como que um immenso guarda-chuva. No dia em que uma administração intelligente impuzer a mesma altura a todos os edificios, esse guarda-chuva seria um terraço sobre o qual se poderia levantar commodamente uma nova cidade, e assim successivamente. Viver a quinhentos metros sobre a rua não complicaria muito a existencia em nossa época de aeroplanos e de dirigiveis... Dize, bom?

— Perfeitamente — respondi, um pouco aturdido.

Entrámos na casa e, desde logo, sobre a brancura da parede, vi esta inscripção: [illegible]

— Com esta simples inversão — confiou-me Pig — supprimo os perigosos apparelhos chamados ascensores. Ponho o sexto andar na planta baixa, o que encanta os mathematicos, e meus inquilinos do primeiro andar [illegible] subindo as 144 escadas, porque uma inscripção os persuade de que moram no sexto. Hein? Que tal?

Continuamos a visita. Desde a ante-camara fiquei com a bocca aberta. A' minha direita, na parede, abre-se um orificio circular tão largo como a entrada de um cano collector.

— Esse buraco — informou-me Pig — servirá para as mudanças por meio de [illegible]. Em um quarto de hora, um aspirador potente, installado na rua, pode desembaraçar, até o ultimo movel, um appartamento de [illegible] peças.

Uma ampla janella de crystaes dá luz á sala de jantar. Approximo-me de um delles: os objectos exteriores parecem-me microscopicos e longinquos. Approximo-me de outro, e as menores coisas adquirem proporções monstruosas. Que é isso? Pig explica-me. As janellas de sua casa têm uma metade biconcava, apropriada para os myopes, e a outra, biconvexa, para os presbytas.

Creio ser victima de um pesadelo. Mas meu amigo leva-me ao gabinete de *toilette*, e me diz:

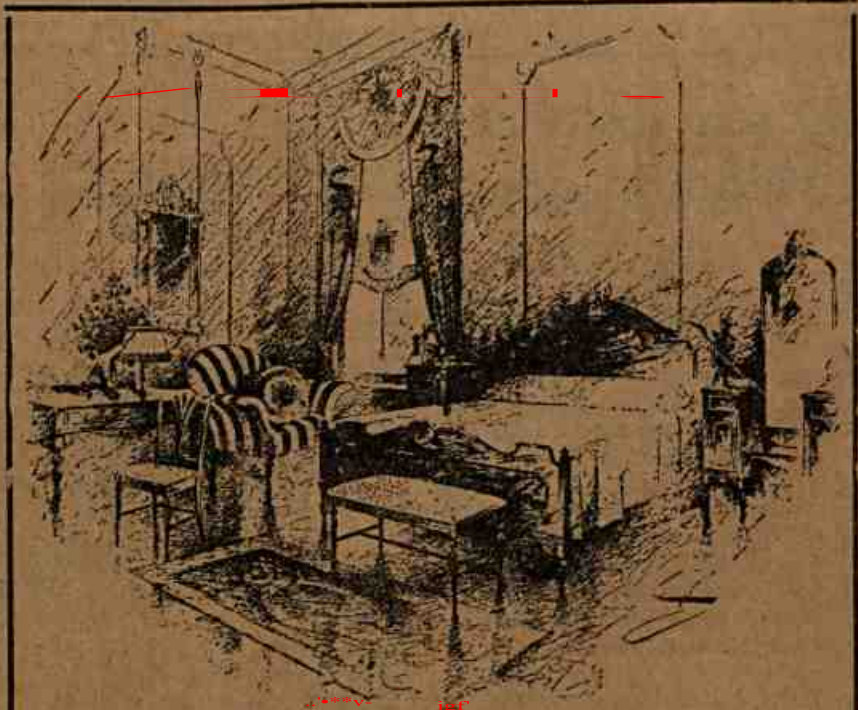
— Não irás sem ver minha banheira. Repara bem. E' uma banheira que tem uma porta de um lado. Pig mostra-se muito orgulhoso de seu invento.

— Desse modo — diz — não é preciso fazer essa gymnastica que tanto fatiga as pessoas gordas. Preparado o banho, abre-se a porta e entra-se na agua sem esforço algum.

— Mas falta alguma coisa nesta casa admiravel — digo eu, solennemente.

— E que é? — pergunta Pig.

— Uma jaula para encerrar o proprietario.

Pedro Thiboaut.

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

SAIAS A' PRÔA

DA UNIVERSAL

Cinema PATHE' — Para se fazer um justo elogio desta pellicula, basta dizer-se que é uma excellente hora de alegria. O publico riu a bom rir. A par do admiravel humorismo do filme, as suas scenas desenvolvem-se em situações de elegancia e bom gosto. Mas, evidentemente, o grande valor da pellicula da Universal está no seu valor comico. Para tanto lá estão Otis Harlan e Glenn Tryon, este com um bom trabalho, o que nem sempre acontece. O enredo nada tem de original e vae até ao inverosimil, como é commum a este genero de trabalhos. E' um filme que deve ter conquistado bôa popularidade na America pelo seu *caracter*. Dê-se-lhe, como filme comico,

Cotação — BOM

ALLELUIA

DA METRO

Cinema PALACIO — Negar originalidade a este filme seria negar a luz do sol. Negar-lhe, por egual, um legitimo valor no cuidado de levantar de ambiente e no perfil moral das figuras seria uma rematada tolice. Se o successo, que foi excellente, não correspondeu entre nós ao da America do Norte, vae isso á conta do accentuado sabor local do enredo e da encenação. Na verdade, sob o ponto de vista de psychologia e de indole, nada ha mais differente no mundo que o negro norte-americano e o negro brasileiro. Vivendo no mesmo continente, a raça soffreu as influencias dos meios a que se acclimatou, conservando apenas de commum o seu grande poder de musicalidade. Abstrahindo, porém, destas circumstancias, o filme da Metro é um trabalho forte, original e valioso sob o ponto de vista ...

Cotação — BOM

NENHUMA CASA

deveria deixar de ter

Pastilhas VALDA

Este remedio respiravel resguarda dos perigos do **frio**, da **humidade**, da **poeira**, dos **microbios**;

Assegura o tratamento energico de todas as molestias da **Garganta**, dos **Bronchios** e dos **Pulmões**.

Para as **Créanças**, para os **Adultos** como para os **Anciães** este producto excellente deve ter lugar em todas as familias.

Comprae hoje mesmo

uma lata de Pastilhas VALDA

mas exigi-as EM LATA com o nome VALDA

Encontram-se em todas as Pharmacias e Drogarias

APPROVADO PELA HYGIENE DO BRAZIL EM 22 DE MARÇO DE 1918 SOB O NUMERO 2.2 - FORM.: MENTHOL 0,002 EUCALYPTOL 0,0005 P. PAST.

O QUE VALE O DINHEIRO SEM A SAUDE?

TRICALCINE

Approv. A. N. S. P. ...

A DÁ

ANEMIA, DEBILIDADE, RACHITISMO ESCROFULOSE, BRONCHITES TUBERCULOSE

LABORATOIRE SCIENTIA, 21, Rue Chaptal, PARIS.
JULIEN & ROUSSEAU, 174, [illegible], RIO DE JANEIRO.

P E R D Ã O

DESTA tarde molhada de inverno, sinto os musculos entorpecidos e um afrouxamento de cansaço, de tédio, nas palpebras. O cigarro, esquecido no cinzeiro tosco, vae se apagando lentamente e o "Suave Enlevo", cahido sob a banca de estudo, me suggestiona com "O lado côr de rosa da vida". Por que será que, emquanto procuro nirvanizar-me, esquecer as inquietações do desejo, abstrahir-me da vida, me inclino para dentro de mim mesmo e vou recordar uma linda saudade adormecida? Por que será? Tenho a sensação de que estava perdido numa praia scandinava, branca e desnuda. E sob o recorte de um fjord, açoitado pela intensa frialdade do inverno, na desolação do silencio conventual, uma irradiação de luminosa doçura vem dar repouso aos meus olhos cansados, trazer calor aos membros hirtos, aplacar-me, como uma enfermeira carinhosa, as inquietações intimas e roubar-me á vertigem de um cruel crepusculo de agonias.

E a minha linda saudade que adormecêra no meu espirito é você. Eu pensei ter lhe deixado para longe de minha vida, como uma sombra de mim mesmo. Eu pensei que o esquecimento narcotizára a ansiedade, embebedára o espanto, enterrára bem fundo a dôr de sua fugida traiçoeira, e agora tudo isso volta repentinamente, numa maré-montante de novas torturas.

Ainda hontem você me telephonou. Si eu lhe dava uma opportunidade para me falar. Não respondi. Hoje será differente. Três annos perdidos para o "Amor", você disse. Não. Não é verdade. Foram tres annos de espera para um novo Amôr. A vida ensinou-me o que eu devia ter aprendido com você. Da outra vêz, ao verificar o irremediável que nos afastára, não me encolerizei. Não tive um gesto de covardia, mantive, como se póde manter, uma attitude elegante de renuncia. Minha attitude era sincera. Apenas eu não a amava como dantes e só hoje penso em tal.

Você julga ter sido cruel e não o foi. O tédio, sem sentirmos, tomára posse de nossos sentimentos, e o tédio, você sabe...

.. ..

Agora, não. Esse desejo absurdo de ouvir a sua vóz me exaspera todo. Ah! si você me telephonasse outra vez! Eu lhe diria que não lhe quero mal. Que não lhe guardo rancôr, porque você não envenenou as minhas longas horas taciturnas de tédio, de desalento, de tristeza. Seu pensamento para mim, nêsse momento de silencio em que a aggressividade do nevoeiro ronda agudo o perfil dos minaretes da cidade, é um pensamento bom. E' o pensamento da mulher desconhecida que espero para o meu amôr. Essa mulher é a melhor, é a mais pura. Vae chegar para me dar aos sentidos e ao espirito o encanto de sua ternura e a apotheose de suas caricias. Será a alegria de meus olhos e a volúpia de minhas mãos. Ha de ser para a minha alma crepuscular, entediada, triste, a quem o desencanto da vida deu a sensação dolorosa de ter morrido, a resurreição gloriosa. E por que não ha de ser você essa mulher desconhecida?

E no quarto deserto, entre mim e a minha saudade, espio a tela do telephone... Espero que você o acorde. Para vir buscar o meu perdão...

LUIZ ANDRADE

OS DRAMAS SEM PALAVRAS

NÃO havia lar mais calmo que o delles. No apartamento que habitavam, pela disposição dos moveis, pela ordem sempre perfeita dos objectos, reconhecia-se a regularidade da vida de ambos.

Estavam casados havia mais de vinte annos e pareciam felizes. Não de uma maneira estrepitosa. Tinham horror instinctivo ao ruido. Mas de um modo serio e sincero. Sabiam, sem nenhuma contrariedade disfarçada, fazerem-se as pequenas concessões indispensaveis numa existencia commum. Quando se consultavam, faziam-n'o cautelosamente; quando discutiam, era sempre com uma voz igual e serena.

A falar verdade, eram muito timidos, tanto um como outro.

Elle era romancista. Seu nome, Luciano Richez, não fôra, todavia, nunca além de uma certa notoriedade. Mas isto lhe bastava. Para que a fortuna lhe viesse bafejar, com a gloria das edições volumosas, era-lhe preciso frequentar os salões, mostrar-se nas cerimonias; e a tal se recusara sempre. "E' de uma modestia extrema!" diziam os amigos. Mas na realidade: falta de audacia!

Quando entrava em casa, beijava a mulher na testa e dizia-lhe uma phrase que não mudara nunca:

"Espero que não tenhas te aborrecido muito sem mim, minha querida?..."

E a mesma resposta vinha quasi sempre:

"Não. Ha tanta cousa a fazer-se num apartamento... Mas sinto-me satisfeita como de habito ao te ver chegar..."

Mme. Richez participava, aliás, das obras de seu marido, mas numa medida bem discreta. Era a ella que competia a tarefa de dactylographar os contos que Luciano publicava periodicamente no Grand Journal.

Copiava-os, mettia-os no envelloppe e expedia-os, e este trabalho humilde era-lhe sufficiente para que se acreditasse collaboradora.

Estava longe de suspeitar, ah! do drama que a ameaçava.

Como era que, aos cincoenta annos, um homem como Luciano Richez podia perder a cabeça por uma mulher divorciada que conhecia apenas? Foi isso, entretanto, o que aconteceu.

Essa mulher divorciada chamava-se Hortencia Balexka. Bonita, com um todo de aventureira, imaginava-se ao romancista, que, ao pé della, calculava a carreira que poderia ter sido a sua, auxiliado por uma tal companheira.

Precisamente porque era um timido, ella o levou a seu geito. E atraz do pedido de uma joia de phantasia, lembrou-lhe ella o casamento. Era preciso divorciar-se, naturalmente. Ora! Devia ser cousa facil. Depois de vinte e tres annos exactos de casamento, sua mulher não o devia mais amar. Viviam juntos mais por habito do que por sentimento. A separação poderia fazer-se sem tristezas.

Hortencia Balexka falava com uma voz auda... num tom simplesmente dominador. Tinha convencido por completo a Luciano Richez que, ao entrar em casa, não deveria mais beijar a mulher na testa, dizendo-lhe:

"Espero que não tenhas te aborrecido sem mim, minha querida?"

E a ouvir:

— Não. Ha tanta cousa a fazer-se num apartamento... Mas sinto-me sempre satisfeita ao te ver chegar...

CONTO

DE ALBERT ACREMENT

Durante a noite, procurava o meio de realizar o seu projecto. Bem entendido, não se tratava para elle de fugir como um ladrão. Tinha necessidade de acreditar, para a tranquillidade de sua consciencia, que a ventura de seu *ménage* não passava de uma palavra vã, extincto o amor. Era-lhe preciso, para tal, uma explicação bem nitida. Uma vez reconhecida a evidencia, a separação se impunha.

Sim, mas como dois timidos podem ter juntos uma explicação franca?

Lembrando-nos de que Luciano Richez era um romancista, desculparemos ter elle, na presente circumstancia, procurado em sua imaginação um processo novo.

Redigiu, para expor á mulher a situação de ambos, um conto, no qual explicou toda a historia, servindo-se de personagens imaginarios. E, para ser bem comprehendido, teve o cuidado de citar certos detalhes intimos, diante dos quaes Mme. Richez não poderia guardar nenhuma duvida sobre a significação da narrativa. Como desfecho, fazia divorciarem-se os seus dois esposos, especificando que a mulher, não sentindo mais amor, fôra-se sem lagrimas, retirando-se para o Mei-Dia, onde, com rendas sufficientes, passaria dias felizes ainda perto de sua familia.

Quando elle entregou este texto a Mme. Richez para que o dactylographasse, não deixou de sentir uma certa emoção. Mas Hortencia Balexka ficaria contente. Tinha pressa de ir dar-lhe conta do seu feito.

Quando voltou para casa, perguntava a si mesmo que acolhimento lhe reservaria a mulher.

"Espero que não tenhas te aborrecido muito sem mim, minha querida?" pronunciou com uma voz hesitante... E ella lhe respondeu com a serenidade habitual:

"Não. Ha tanta cousa a fazer-se num apartamento... Mas sinto-me contente ao vêr-te chegar..."

Não comprehendera então? Luciano acreditou que ella tivesse guardado para o dia seguinte a copia do conto. Procurou informar-se. O conto fôra passado á machina por ella, relido attentamente e enviado ao Grand Journal.

Por que se calaria? Seu mutismo era incomprehensivel. Era, evidentemente, uma timida tambem. Se sabia, que a situação estava exposta em sua verdade brutal e que só se tratava de tirar conclusões de nenhum modo terriveis, parecia-lhe que era tempo de trocarem idéas a respeito. O difficil era abordar a questão!

Quando o conto appareceu, Luciano Richez teve a explicação desejada. Sua mulher mudara o desfecho. Os dois esposos divorciavam-se, porque o marido o [illegible] a mulher que, mesmo depois de vinte annos de casamento, guardara intacto o seu amor, ainda que o exprimisse mal, morria de dôr. Era uma resposta?

Luciano Richez comprehendeu-a. No mesmo dia, rompeu com a desconhecida.

Mas assim como sua mulher lhe occultou a collaboração accidental, elle não lhe confessou nunca ter lido a nova conclusão.

E é assim que existem dramas sem palavras!

"Espero que não tenhas te aborrecido muito sem mim, minha querida?" — perguntou elle somente com um pouco mais de doçura do que habitualmente, quando chegou á casa.

"Não. Ha tanta cousa a fazer-se num apartamento... Mas sinto-me sempre contente ao vêr-te chegar..." — respondeu-lhe a mulher estendendo-lhe os braços.

ESPÍRITO ALHEIO

A esposa. — Veja, João: a cachorrinha não quer deixar que se ponha o bocal, por nada deste mundo. Por que não o põe você, por um instante, afim de ver se lhe passa o medo?...

— Senhora, o caso é deveras sério. O enfermo ... difficilmente.

— Não estranho; doutor. Meu marido foi sempre ... homem de poucas aspirações...

O pae (procurando impressionar o pretendente de sua filha). — Quando cheguei a este paiz, não possuia um real. Comecei a trabalhar, e, em quatro annos, já tinha uma posição invejavel e era senhor absoluto de meia ...

A filha (indiscreta). — Até que te casaste com ... mãe, não é verdade?

Salvitae

O MELHOR DISSOLVENTE DO ACIDO URICO DIURETICO E LAXANTE

CONTRA

A GOTTA RHEUMATISMO PRISÃO DE VENTRE DOR DE CABEÇA BILIOSIDADE INDIGESTÃO DIABETES DOENÇA DE BRIGHT

A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS PRINCIPAES

AMERICAN APOTHECARIES COMPANY, NEW YORK

O grande depurativo do sangue

"ELIXIR DE NOGUEIRA"

NO HOSPITAL ITALIANO DE IQUITOS — PERÚ

Eis o que diz o notavel Medico Dr. Luiz Gonzalez Zuñiga.

El que suscribe, Medico Director del Hospital Italiano, certifica haber recetado el

"ELIXIR DE NOGUEIRA",

á sus enfermos atacados de sifilis con muy buen resultado.

Dr. Luiz Gonzalez Zuñinga

Iquitos — Perú — 5 de Junho de 1918.

Quando a jovem

se transforma em mulher, é quando mais se deve cuidar de sua pulchritude e de sua commodidade, para evitar-lhe vexames. ❖ ❖ ❖ A toalha sanitaria Modess tem o enchimento muito absorvente e o lado exterior impermeavel para que offereça protecção absoluta. ❖ ❖ ❖ Está feita de flocos muito suaves que a tornam mais commoda e não permittem que se note o seu uso.

Experimente-a.

MODESS

A TOALHA SANITARIA MODERNA

A Sciencia enaltece as qualidades da "ASTRÉA"

O preparado ASTRÉA é de perfeita indicação na hygiene feminina, empregado em lavagens vaginaes.

a) Fernando Magalhães.

O uso do preparado ASTRÉA recommenda-se por suas magnificas qualidades antisepticas e hygienicas.

a) Augusto Brandão Filho.

«ASTRÉA» é um preparado usado em lavagens vaginaes, que eu aconselho vivamente na hygiene da mulher.

a) Oliveira Motta.

ASTRÉA é um dos melhores preparados destinados á toilette das senhoras. Attestando a sua efficiencia subscrevo um acto de justiça.

a) Fernando Vaz.

Caixa Postal 2.677 — S. Paulo

Os mortos não contam

De Arthur Schnitzler

(Continuação)

estava? Chamou-o. Nada de resposta. Continuava sentada no chão. "Estou intacta", pensou, embora sentisse dores pelos membros. "Que tenho a fazer?... Será possivel que eu não esteja ferida tambem?... Franz! Franz!"

Uma vez respondeu, então, bem perto:

"Onde está, minha senhora? Onde anda o patrão? Aconteceu alguma coisa? Espere um momento, minha senhora. Vou accender um phosphoro. Não sei como se metteu o diabo aqui, hoje. Palavra de honra, não me posso queixar. Os malditos cavallos desembestaram."

Emma, apesar dos membros magoados e doloridos, levantou-se e, vendo o cocheiro illeso, sentiu-se um pouco alliviada. Ouviu-o abrir a lampada do carro e accender um phosphoro. Não ousou tocar de novo em Franz, deitado de bruços, estirado no chão:

"Tudo parece mais terrivel, pensou, quando não se pode ver."

Os olhos delle estavam certamente abertos; e depois bem podia ser que não fosse nada.

Uma luz pallida se insinuara lateralmente. Ella viu então o curso, que, com sua surpresa, não estava virado, mas encalhado na sargeta, como si tivesse uma roda quebrada. Os cavallos estavam ali, immoveis. A luz chegou mais perto e illuminou o marco de pedra e os destroços na sargeta; depois avançou até os pés de Franz, percorreu-lhe o corpo e parou na face. O cocheiro tinha posto a lampada do carro no chão, junto á cabeça do homem cahido. Emma ajoelhou-se e sentiu como si o coração tivesse cessado de bater ao olhar para aquella face pallida, os olhos semi-abertos, de modo que só se podiam ver as corneas. Da tempora direita fluia um fio de sangue, vagarosamente, por sobre a bochecha, e desapparecia debaixo do collarinho.

"Pode ser, é possivel que elle..." — murmurou Emma a si mesma.

O cocheiro tambem se tinha ajoelhado e contemplava o rosto silencioso. Nisso, apanhou de subito a cabeça e ergueu-a.

"Que está fazendo? — disse Emma — não pode ser. O senhor não está ferido; eu não estou ferida, elle, então..."

O cocheiro deixou afundar-se a cabeça do homem immovel no collo de Emma. Ella tremia.

"Si ao menos alguem viesse — disse elle — si ao menos quem passava por aqui ha um quarto de hora chegasse um pouco mais tarde..." "Que vamos fazer? — perguntou Emma, os labios tremulos.

"Si o carro não estivesse quebrado, nós podiamos... mas como elle está é preciso esperar que alguem venha."

Continuou a falar, sem que Emma apanhasse as suas palavras; mas parecia-lhe que, emquanto elle falava, ella recuperava os sentidos e percebia o que devia fazer.

"A que distancia estamos das casas mais proximas?" — indagou.

"Não muito longe, minha senhora. Estamos justamente nas terras de Franz Joseph; si houvesse luz, haviamos de ver as casas. Em cinco minutos estamos lá."

"Então vá lá e peça soccorro. Eu fico aqui á espera."

"Pois sim, minha senhora, mas eu creio que seria melhor eu esperar aqui com a senhora, porque não custará muito a passar alguem; esta é a *Reichstrasse*, a senhora vê, e..."

"Não. E' capaz de ser muito tarde. Precisamos dum medico immediatamente."

O cocheiro olhou outra vez para o rosto silencioso e pallido; então, abanando a cabeça, olhou para Emma.

"O senhor não pode absolutamente chamal-o — disse — nem eu."

"Mas minha senhora, onde achar um homem para ir buscar um medico, nas terras de Franz Joseph?"

"De lá, um mensageiro pode ir buscar um na cidade."

"Já sei, minha senhora, o que faço. Ha exactamente um telephone por aqui. Podemos telephonar para a Sociedade de Prompto Soccorro."

"Sim, sim, será o melhor. Vá, mas vá depressa! Corra, pelo amor de Deus! e traga providencias. Peço-lhe que vá já, já. Que é que está esperando?"

O cocheiro fixou novamente a face branca, que então se apoiava no collo de Emma.

"Soccorros medicos não serviriam de nada" — disse elle.

"Peço-lhe que vá! Pelo amor de Deus!" — gritou ella.

"De certo hei de ir... [illegible] a senhora não tem medo [illegible] deixada ahi, no escuro."

E sahiu correndo pela rua. [illegible] não tenho culpa nenhuma, [illegible] de honra", ia murmurando, [illegible] facto desses durante a noite [illegible] *Reichstrasse!*"

Emma ficou só, com o corpo [illegible] movel, na rua escura.

"Que tenho eu a fazer? Não [illegible] ser! não é possivel!" Isto lhe [illegible] soava na cabeça... Não é pos[illegible] vel! Nesse momento pareceu-[illegible] sentir respirar. Curvou-se [illegible] para os labios pallidos. Não, [illegible] um sopro partia delles. O sangue [illegible] das temporas e das faces [illegible] Olhou para dentro dos olhos [illegible] olhos sombrios, hebetados, [illegible] abertos, e ergueu-se dum pulo [illegible] mendo toda. "Por que é que eu hei de acreditar? Naturalmente [illegible] é verdade — elle morreu [illegible] tá a morte!" E estremeceu [illegible] morto... Este pensamento [illegible] sionou-a. "Eu e um morto [illegible] nhos aqui. O morto deitado [illegible] collo.. E, com as mãos tremulas [illegible] afastou-lhe a cabeça, larga[illegible] no chão. E, pela primeira [illegible] sentimento de profunda [illegible] apoderou-se della. Por que [illegible] mandado o cocheiro embora [illegible] absurdo! Que ia ella fazer [illegible] sozinha com o morto, ali [illegible] Si viesse gente — si se appro[illegible] sem, que explicação daria? [illegible] tempo teria que esperar? [illegible] de novo para a face morta [illegible] não estou completamente [illegible] elle. Ha a luz." E começou [illegible] tir que esta luz era algo [illegible] cioso, uma amiga querida, [illegible] seria agradecida. Havia mais [illegible] naquella restea singela que em [illegible] da a vastidão da noite [illegible] sim, era quasi como si a luz [illegible] uma protecção contra a presença [illegible] terrivel daquella face [illegible] zenta, ali no chão. E contemplou [illegible] tanto a chamma, que ella [illegible] em seus olhos e começou a [illegible] çar. Justamente ahi lhe veiu [illegible] de que estava despertando [illegible] nho. Pulou em pé. "Isto não [illegible] assim", pensou. "E' ridiculo [illegible] posso ser encontrada com elle [illegible] Pareceu-lhe, então, como si [illegible] tivesse na rua, o morto e a [illegible]

seus pés, e então pintou-se, levantou-se e appareceu fora da escuridão com sua singular e imponente altura. "Que estou eu esperando?" Suas idéas se precipitavam pelo cerebro numa corrida louca. "Estarei á espera de que venha gente? Gente? Para que preciso de gente? Virão para me fazer perguntas... e eu — que direi eu? Perguntarão quem sou. E como poderei responder? Nada tenho a responder — nada! Não direi uma palavra, uma só palavra. Não podem forçar-me a falar."

Ouviram-se vozes á distancia. "E' agora!" — pensou ella. As vozes pareciam vir em direcção da ponte. Por isso não podia ser gente chamada pelo cocheiro. Mas, quem quer que fosse, veria a luz... e isso não podia ser, porque ella seria descoberta.

Pisou então a lanterna do carro, deixando-a na escuridão. Não podia nem mesmo vel-o. Somente o monte dos destroços brilhava fracamente. As vozes aproximaram-se. Ella começou a tremer da cabeça aos pés. Não podia ser descoberta, acontecesse o que acontecesse. Isto era a unica coisa que importava — a unica. Estaria perdida si se descobrisse que ella era a amante de... Esfregou as mãos espasmodicamente. Rezou para que aquella gente do outro lado da rua passasse sem a perceber. Poz-se á escuta. De facto, elles se acercavam. Que diziam? Eram duas ou tres mulheres? Teriam reparado no carro, por estar virado. Disseram qualquer coisa a respeito, mas ella não poude distinguir as palavras. "Um carro virado." Que mais disseram? Não poude apanhar. Eis que ellas passam... e que se foram. Graças a Deus! Graças a Deus! E agora — agora... Oh, por que não morrera ella tambem? Elle devia ser invejado, porque para elle tudo passara já; nenhum perigo mais; não mais terrores covardes. Mas ali estava ella, abalada por mil temores. Tinha medo de ser achada ali, de que a interrogassem, de ter que ir á delegacia, de que todo o mundo soubesse do caso; seu filho, seu marido. E não fez idéa do tempo em que ficou ali, enraizada. Poderia ir, si quizesse; não estava fazendo bem a ninguem por ficar, somente arriscando-se a um grande damno. Avançou um passo, cautelosa... Podia cahir. Parou mais uma vez e olhou para a frente, para a neblina cinzenta. De facto, a cidade ali estava, defronte, mas não podia distinguir-lhe os traços — só a estrada estava bastante clara. Olhou para traz. Aliás, não estava tão escuro. Podia perceber o carro quebrado muito bem, e os cavallos... E quando apurou a vista, percebeu tambem os contornos de uma forma luminosa estirada no chão. Dilataram-se-lhe os

OS MORTOS NÃO CONTAM

(Continuação)

olhos, parecia quasi como si alguma coisa a detivesse ali á força — e imaginou que elle fosse o poder que a retinha. Mas, com um esforço frenetico, conseguiu libertar-se; o chão estava humido, e plantou-se por um momento na estrada lamacenta. Então, por fim, partiu. Afastava-se, afastava-se correndo, correndo a toda a brida, voltando para a luz e para o tumulto dos homens. Correu toda a extensão da rua, segurando a roupa, para prevenir uma quéda. Sentia o vento nas costas, como que seguindo atraz della. E esqueceu-se de que estava correndo. A primeira coisa que sentiu foi que devia fugir daquelle corpo pallido, prostrado na sargeta, lá longe, atraz della; e acontecia então que era dos vivos que ella fugia, daquella gente que estava ali reunida, olhando para ella. Que pensariam elles? Persegui-l-a-iam? Si o fizessem, não a apanhariam agora; mais um pulo gigantesco e estaria fora de perigo. Ninguem teria a menor suspeita sobre quem seria a mulher que estava com o morto na *Reichstrasse*. O cocheiro não sabia seu nome, e não a reconheceria si a visse de novo. Nem ninguem se incommodaria para saber quem era ella. Preoccuparia a alguem? Sim, agira muito bem em não ficar, e não fôra covardia fugir. O proprio Franz dar-lhe-ia razão. Era seu dever voltar para casa, por causa do marido e do filho. Arruinar-se-ia para sempre si fosse encontrada com o amante morto.

Ali estava a ponte; a rua ia ficando mais clara... Ouviu então o murmurio da agua, como ao passar com elle, quando, quando... Ha quantas horas? Não podia ter sido ha muito tempo. Muito tempo, não. Comtudo, podia ter sido. Talvez não tivesse consciencia; talvez fosse mais de meia noite; talvez fosse quasi madrugada e dessem por sua falta em casa. Não, não podia ser; tinha certeza de não ter perdido a consciencia inteiramente. Relembrou, então, como, logo que fôra arremessada fora do carro, tudo lhe parecera claro.

Passou a ponte correndo, as passadas a resoarem atraz. Não olhava nem para a direita, nem para a esquerda. Viu então aproximar-se alguem. Alguem de uniforme. Diminuiu a velocidade. Quem poderia ser? Começou a andar bem devagar. Não podia chamar attenção. Pareceu-lhe que o homem se afastava, procurando perscrutal-a. Iria interrogal-a? Como elle passasse, ella reconheceu-lhe o uniforme de sentinella da guarda. Quando se foi, ella sentiu que elle parava e que ficava ainda a olhal-a. Ella teria corrido de boa vontade, mas [illegible] va despertar suspeitas. Conte[illegible] com difficuldade e continuou a [illegible] dar devagar.

Ouviu o ruido dos bondes. [illegible] podia ser meia noite. Então [illegible] gou de novo o passo e apresso[illegible] em direcção á cidade, cujas luzes brilhavam sob o viaducto no [illegible] da rua. Apenas esta rua para [illegible] pôr, e a salvação estaria assegurada. Ouviu então gritos agudos [illegible] se tornavam mais agudos á [illegible] da que se aproximava. [illegible] um carro; involuntariamente, [illegible] parou a olhar. Era a ambulancia do Prompto Soccorro. Ella [illegible] cia-lhe o destino. "Que rapidez" pensou; como que magia. Por [illegible] momento sentiu que [illegible] aquelles homens, como si devesse voltar com elles ao [illegible] donde fugira — e um monstruoso sentimento de vergonha invadiu-a momentaneamente, tal como [illegible] experimentara; sentiu-se per[illegible] e covarde. Mas ao se sumirem os gritos e o barulho das rodas, [illegible] sensação de alegria selvagem [illegible] mou-a toda, e, como fugitiva, con[illegible] tinuou. Encontrava gente [illegible] não sentia medo; a peor, a [illegible] difficil parte da empresa [illegible] feita.

O barulho abafado e distante [illegible] ruas tornou-se distincto, [illegible] ia augmentando gradualmente [illegible] adeante; avistou os telhados [illegible] Prater e sentiu que uma [illegible] de humanidade a esperava, [illegible] qual poderia mergulhar [illegible] xar vestigios. No primeiro [illegible] que alcançou, teve a presença de espirito de olhar o relogio. [illegible] vam dez minutos para as [illegible] vou o relogio aos ouvidos — [illegible] nha parado. E pensou: [illegible] tou a salvo; até o meu relogio [illegible] funccionando... e elle — elle [illegible] reu; estranha sorte." E [illegible] tava certa de estar perdoada [illegible] do, como si não houvesse [illegible] sua parte. Elle mesmo [illegible] gado áquillo. E ouviu como [illegible] ça ella mesma repetira [illegible] vras. Mas supponhamos que [illegible] tino tivesse sido outro — [illegible] mos que tivesse sido ella [illegible] hido no fosso, e que elle [illegible] tivesse vivo? Elle não teria [illegible] deixando-a ali; elle, não! [illegible] elle era homem. Ella era [illegible] com filho e marido; era [illegible] a differença. Ella tinha [illegible] rectamente; era aquelle [illegible] ver. Ainda mais, tinha [illegible] — razão por instincto [illegible] a gente boa tem. Mas [illegible] isso, ella seria descoberta [illegible] dicos teriam feito perguntas [illegible] seu marido, madame?" [illegible] Deus!... E os jornaes, no [illegible] guinte... e sua familia [illegible] simplesmente arruinada para [illegible] pre, e isso não o restituiria [illegible]

(Continúa no proximo [illegible]

UMA SUGGESTÃO

MAX MONTEIRO

Muita gente diz, por ahi a fóra, que a moderna geração intellectual é inferior ás que já passaram. No seu pessimismo sem limites, proclama que o futurismo, ou coisa que o valha, deu margem a que todo aquelle que soubesse assignar o nome se transformasse, da noite para o dia, em escriptor ou poeta. Dahi, o numero extenso de literatos que enche as nossas gazetas de bobagens e ridicularias.

Ha, porém, exagero dos que assim pensam. Em parte, têm razão. Não resta duvida de que varios dos nossos amantes das bellas letras são individuos nullos, sem talento e sem cultura, que adquiriram celebridade, não pelo merito, mas á custa da trombeta do cabotinismo...

Mas essa fama é passageira, ephemera. Cessará com o barulho que, no caso, são os elogios. Alguns annos passados, os seus trabalhos não resistirão á furia do tempo, á analyse imparcial dos posteros, e, então, ninguem saberá si, de facto, existiram.

Ao contrario, os homens de valor, posto que, no momento, nos passem despercebidos, inéditos mesmo, hão de, mais cedo ou mais tarde, receber os louros a que têm direito. E' questão de tempo. Não precisa pressa. O carro não pode andar adeante dos bois... A verdadeira gloria é o corollario de um trabalho paciente e ininterrupto. E' por isso que ella tem a resistencia das pyramides do Egypto... (A imagem é antiga, mas a unica cabivel).

Actualmente, no meio da turba futil e sem orientação, que se não preoccupa com trabalhos serios, ha tambem intelligencias dignas de sympathia e que suavizam, destarte, a crise de valores, que é peor que a crise do café e a crise politica, e só comparavel á crise de caracteres.

E, entre os moços de talento, occupa logar saliente Albertus de Carvalho, cuja actividade literaria não se limita, apenas, ás publicações de que é redactor. Não. Ella se amplia, projecta-se intensamente nas principaes folhas cariocas.

Albertus de Carvalho não é somente o chronista elegante, que mexe com as melindrosas de nossas praias, atirando-lhes trepações. Nem o *conteur* que descreve, com arte e observação, os factos da vida real. Nem tambem o critico independente, que não submette o cerebro ao coração. E', antes de tudo e acima de tudo, o traductor fiel dos melhores autores europeus e sul-americanos da edade contemporanea.

E' este, inquestionavelmente, um grande serviço que presta ao nosso povo e aos proprios literatos estrangeiros, que se vêem lidos no Brasil.

O novellista hespanhol José Maria Carretero, que se deu o appellido de "El Caballero Audaz", pseudonymo um tanto pretencioso, até pouco tempo não era conhecido na nossa Patria. E, entretanto, na Europa, e principalmente na Hespanha, os seus livros são disputados pelo publico, a ponto de cada obra sua attingir a mais de quarenta edições!

Pois bem: Albertus de Carvalho, á maneira do escaphandrista, arrancou dos penetraes do Mediterraneo e as perolas falsas do "Caballero" e apresentou-as á nossa gente.

Aliás — abrindo um parenthesis — não sympathizo muito com o Dom Carretero, porque este cavalheiro não é um escriptor [illegible] profundo, como o seu patricio [illegible] món Pérez Ayala. Seus trabalhos são mais apropriados ás mulheres que lêem, com prazer, Delly e [illegible] dei... Porque, como se diz em linguagem corrente, têm [illegible] não têm miolos...

São, emfim, modos de ver. A maioria pensa o contrario [illegible] E a maioria é sempre quem [illegible]

Afóra as das novellas de [illegible] Maria Carretero, Albertus de Carvalho já publicou, tambem, traducções de narrativas devidas ás pennas de Julio Franzoso, Estrella, [illegible] licher, Humberto Cei, José Courson, Pedro Mata, [illegible] Blasco Ibañez, José Francés, Carlos [illegible] grilli, Guido da Verona, [illegible] teler e outros.

Dentre as que conheço no original, uma das mais lindas e [illegible] vertidas para o vernaculo pelo Albertus é *O Coração*, de [illegible]

E' uma fantasia que tem a sua genese no mysticismo [illegible] esquece as injurias e [illegible] caminho da vida a praticar o [illegible] olhos fitos no céo, sem o interesse da recompensa terrena. [illegible] pela simplicidade, os poemas de Tagore e Amado Nervo.

Infelizmente, entretanto, [illegible] blicações leva-as o vento...

Seria conveniente que o [illegible] do intellectual Albertus de Carvalho reunisse seus escriptos em [illegible] naes e suas versões em [illegible] afim de melhor lhes assegurar duração.

Um jornal, após lido, [illegible] guarda. Ao passo que, com [illegible] ao livro, o caso é differente: [illegible] cede o contrario. Vae para [illegible] bibliothecas.

Si assim fizer, a sua [illegible] certamente, será bem acolhida [illegible] Albertus de Carvalho não [illegible] nhecido pelo nosso publico [illegible]

E' esta uma suggestão que [illegible] e que talvez lhe sirva.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000

Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

39, Rua Republica do Perú, 39

(Antiga Assembléa)

Telephones: Director: 2-0377. — Administração: 2-4134

Caixa Postal 97

RIO DE JANEIRO

EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade Ltda. Praça do Patriarcha, 3 - sob. Caixa correio 1481.

Repr. na Europa: [illegible] vignon, Bourdet & [illegible] 1, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Para o homem elegante

O homem que veste bem, sabe que para estar elegante com um collarinho molle, é necessario que este se mantenha em sua melhor posição.

Os alfinetes KREMENTZ, para collarinho, estão feitos para prender bem e durar indefinidamente. São de ouro laminado de 14 quilates, e ha-os de muito feitios, todos elles muito artisticos.

KREMENTZ

VERSOS

Minha Viola

A GUSTAVO BARROZO

— 1 —

Vióla da minha terra,
Vióla do Ceará;
Cuma tú me faz saudade
Quando eu cuméço a tocá!...
Teu chôro, tua toáda,
Saluçando docemente,
Tem belleza, tem puisía,
Bóle cá alma da gente...

— 2 —

Quando nas noites de lúa
Eu iscúto o teu baião,
Passo horas me lembrando
Das coisas do meu Sertão!...
Vejo as fazenda, os vaquêro,
O curral, os gado, o rio...
Oiço os versos maguádo
Dos cabôco im dizafio!...

— 3 —

Vejo os samba das ribeira,
Lá debáxo das latada...
Tudo eu vejo, quando iscúto
Tua musga pontiáda...
Vejo as cabôca dançando,
Vermêas qui nem baêta!...
E os seus dêdos istrallando
No rigó das cantanhêta...

— 4 —

Vióla, esse teu salúço,
Ás vez alegre, ás vez triste,
Faz a gente inté pensá
Nas coisas qui num existe...
Um cabôco tocadô,
Daquelles qui tóca bem,
Tudo conségue arrancá
Das deis cordas qui tú tem!...

— 5 —

Os poétas têm a lyra
Móde cantarem o qui sente;
Eu só tenho tu, vióla,
Móde ajudá meu repente!
E as tuas corda de aço,
Ripinicando um baião,
Tem o som bem maguádo
Das cordas dum coração!

— 6 —

Tú bem sabe o meu passado
Minha vióla quirida...
Conheceste o grande amô
Qui acabô cá minha vida!
Na hora da minha morte
Uma coisa me consóla:
Morrê ligado cumtigo,
Te abraçando, minha vióla!...

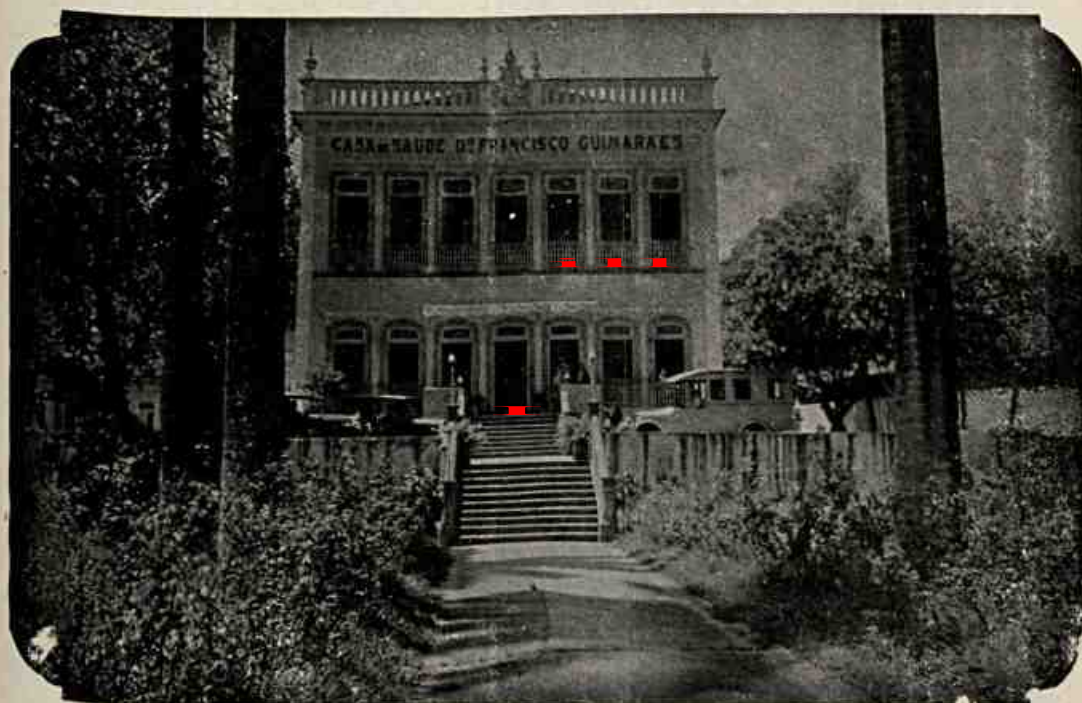
NAPOLEÃO MENEZES

Symbolismo

Só, na noite estival, vendo a paizagem morta,
busco o meu velho templo. Antigamente ergui-o
— refugio emocional que sempre me conforta
da dor de possuir o meu altar vazio...

Entro. Bracejo em vão. Abro-o de porta em porta...
E' um deserto infinito. E sceptico e sombrio
ouço a alma do silencio. O silencio me exhorta
no seu grande clamor taciturno e tardio...

De subito, me vejo, entre escombros e ruinas.
Dentro da treva, no alto, angustiado, presinto
a agonia outomnal das chimeras beduinas...

A minha Amada volta. Alleluia! Contemplo
Outro céo e outro sol. E novamente o instincto
ergue idolos de luz entre as sombras do templo.

QUEIROZ JUNIOR

Casa de Saude dr. Francisco Guimarães

ARISTIDES LOBO, 115
Telephone 8 — 3957

DIARIAS DESDE 15$000

Costumes completos, americanos, para todas as edades e ambos os sexos, camisas, calções, Sapatos, salva-vidas e toucas.

CASA SPORTMAN

A MELHOR CASA DE ARTIGOS PARA SPORTS

RAUL CAMPOS

Remettem-se Catalogos.

25, Rua dos Ourives, 27 — Rio de Janeiro